



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E**  
**LINGUAGENS - PPGCEL**

**RAÍSSA ALVES OLIVEIRA**

**NARRATIVAS DE MEMÓRIAS SOBRE IBICOARA-BA: *CORPUS***  
**LINGUÍSTICO LOCAL COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL.**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

Agosto de 2023

RAÍSSA ALVES OLIVEIRA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIAS SOBRE IBICOARA-BA: *CORPUS*  
LINGUÍSTICO LOCAL COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, *campus* de Vitória da Conquista - Ba, vinculado à linha de pesquisa Estudos Transdisciplinares das Linguagens e ao projeto temático Acervo, Patrimônio e Memória, como requisito final e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Avanete Pereira Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

Agosto de 2023

O51n Oliveira, Raíssa Alves.

Narrativas de memórias sobre Ibicoara -Ba: *corpus* linguístico local como patrimônio imaterial. / Raíssa Alves Oliveira, 2023.  
105f.

Orientador (a): Dr<sup>a</sup>. Avanete Pereira Sousa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: cultura, educação e linguagens – PPGCEL, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referências: f. 93 – 96.

1. *Corpus* linguístico. 2. Memória. 3. Patrimônio cultural imaterial. 4. Comunicação em *Henry & June*. I. Sousa, Avanete Pereira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós -Graduação em Letras: cultura, educação e linguagens- PPGCEL. III. T.

CDD: 410

*Catálogo na fonte:* Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

## **RAÍSSA ALVES OLIVEIRA**

### **NARRATIVAS DE MEMÓRIAS SOBRE IBICOARA-BA: CORPUS LINGUÍSTICO LOCAL COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens como requisito final e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Aprovada em: \_\_\_/08/2023.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Avanete Pereira Sousa  
Orientadora e presidente da banca

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marília Flores Seixas de Oliveira  
(PPGCEL/UESB)  
Examinador interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Valéria Souza Viana (PPGLin/UESB)  
Examinadora externa

VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA  
Agosto de 2023

*O meu coração exulta ao Senhor, o meu poder está exaltado no Senhor.*

*Não há Santo como é o Senhor, porque não há outro fora de ti: e rocha nenhuma há como nosso Deus.*

*(Cântico de Ana, I Samuel, capítulo 2, verso 1 e 2)*

*Aos meus pais, **Abdias e Vera Lúcia** pelo incentivo, apoio e amor  
que tens me dado;*

*A minha irmã, **Mirela**, que sempre me escutou e esteve comigo em  
todos os momentos;*

*Ao meu companheiro, **Nálysson** por sempre acreditar em mim e  
ser meu parceiro de vida;*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos atos mais dignos e belos que alguém pode ter. Inicialmente, eu agradeço a Deus por ser meu sustento, minha força e ter me dado a oportunidade de viver um sonho.

Aos meus pais Abdias e Vera Lúcia que sempre estiveram presentes em minha vida, me ensinando tudo que sei e fazendo com que eu me tornasse o que sou. Toda minha trajetória não seria tão bonita se não fosse por eles; meu muito obrigada.

A minha irmã, Mirela que sempre me apoiou e esteve comigo em todos os momentos, seja eles bons ou ruins; que me ouviu nos dias de lutas e vibrou comigo nos dias de vitória, que é minha parceira pra toda a vida.

Ao meu amor, Nálysson que sempre acreditou em mim e não mediu esforços para me ajudar e apoiar em todas as circunstâncias, que sempre esteve comigo e me ajudou nessa jornada árdua, mas de muito aprendizado e realização.

A minha família que sempre torceu pelas minhas conquistas.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Avanete Pereira Sousa, que foi minha mentora nesse processo de muito aprendizado e conquistas.

A Warley Campos, uma pessoa admirável por tudo que é, por ter sido meu incentivador e por ter me permitido sonhar.

Ao grupo Janus, por ter sido um divisor de águas em minha vida e ter me proporcionado momentos tão especiais e marcantes.

A minha turma de mestrado (2021), pela acolhida, pela troca de conhecimentos, pela partilha de vida, e pelo companheirismo. Em especial a Monalisa por ter se tornado alguém especial para mim, que me ajudou em muitos momentos de dificuldade, pela torcida e pelo apoio.

## Resumo

Falar sobre memória é ir ao encontro com histórias e vivências de vários povos, em que por meio de suas transmissões através de narrativas, nos permite adentrar em espaços que não vivenciamos e a compreender a construção identitária de uma comunidade. Assim, o objetivo desse trabalho de pesquisa se baseia em uma investigação de quais elementos tornam um *corpus* de língua falada, em especial, o *Corpus* Linguístico de Ibicoara, em um acervo e em um patrimônio para um município, evidenciando a importância disso na construção do resgate cultural e identitário. Assim, nos deparamos com um lugar em que se tem pouca valorização de suas raízes culturais, o qual foram sendo deixadas de lado com o passar dos anos, dessa forma levantamos o questionamento: de que maneira, por meio desse *corpus* linguístico, a comunidade de Ibicoara ou interessados podem resgatar memórias de uma comunidade?. Logo hipotetizamos que um *corpus* de língua falada pode ser reconhecido como um acervo e patrimônio, na medida em que, por meio das narrativas extraídas dele, é possível resgatar memórias dos indivíduos de uma dada sociedade, viabilizando a construção de um acervo documentado tanto na forma escrita, pelas transcrições das entrevistas, como oral, pelos arquivos de áudio, constituindo, para tanto, um patrimônio do município. Para trilharmos um caminho lógico, buscamos fazer estudos sobre o patrimônio, enfatizando o patrimônio cultural imaterial, e a partir dele sua relação com a memória, as bases de uma construção identitária de um grupo, a importância desses elementos em uma sociedade. Os caminhos que traçamos para essa pesquisa se basearam no *Corpus* Linguístico do município de Ibicoara-Ba na Chapada Diamantina, o qual extraímos trechos dos relatos dos moradores para serem analisados, detectando elementos que caracterizam como patrimônio cultural imaterial, e em seguida correlacionamos aos fundamentos teóricos usados como base do trabalho, o qual nos respaldamos em Castriota (2009); Choay (2001); Delgado (2006); Deslandes, Gomes e Minayo (2009); Funari e Pelegrini (2013); Gonçalves (2002); Le Goff (1924); Lopís (2017); Nora (1993); Zanirato (2006) e outros. Na busca pela comprovação de que um corpus pode ser considerado como um acervo e patrimônio para uma comunidade, em específico a cidade de Ibicoara-Ba, no decorrer da pesquisa, nos deparamos com elementos essenciais para essa comprovação, o qual percebemos que a memória é o elemento chave nesse processo, evidenciando por meio dos relatos que a comunidade fala por si próprio, cada voz é única e que quando reunimos as várias memórias, a história da comunidade começa a ser moldada.

**Palavras chaves:** Memória; Patrimônio cultural imaterial; Identidade; *Corpus* linguístico



## Abstract

Memorizing is going against the stories and experiences of various peoples, through which, through their transmissions through narratives, we allow ourselves to enter spaces that we do not experience and to understand the identity construction of a community. Thus, the goal of this research is based on an investigation of which elements make a corpus of spoken language, especially the Corpus Linguistic of Ibicoara, into a collection and into a heritage for a municipality, Highlighting the importance of this in the construction of cultural and identity rescue, we face a place where it has little value of its cultural roots, which have been left behind over the years. So we raise the question: in what way, through this corpus linguistics, the community of Ibicoara or interested parties can rescue memories of a community? We hypothesized that a corpus of spoken language can be recognized as a collection and heritage, insofar as, through the narratives extracted from it, it is possible to rescue the memories of individuals from a given society, making it possible to build a documented collection both in written form, by the transcriptions of the interviews, and oral, by the audio archives, constituting, for this, a heritage of the municipality. In order to follow a logical path, we studied the heritage, emphasizing the intangible cultural heritage, and from it its relationship to memory, the foundations of the identity construction of a group, the importance of these elements in a society. The paths we traced for this research were based on the Corpus Linguistic of the municipality of Ibicoara-Ba in the Chapada Diamantina, which we extracted excerpts from the reports of the residents to be analyzed. Detecting elements that characterize intangible cultural heritage, and then correlating it to the theoretical foundations used as the basis of the work, which we rely on Castriota (2009); Choay (2001); Delgado (2006); Deslandes, Gomes and Minayo (2009); Funari and Pelegrini (2013); Gonçalves (2002); Le Goff (1924); Lopís (2017); Nora (1993); Zanirato (2006) and others. In search for evidence that a corpus can be considered as an inventory and heritage for a community, specifically the city of Ibicoara-Ba, we found essential elements for this proof, which we realized that memory is the key element in this process, evidencing through the reports that the community speaks for itself, each voice is unique, and when we gather the various memories, the history of the community begins to be shaped.

**Keywords:** Memory; Intangible cultural heritage; Identity; Linguistic corpus.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Recorte 1 – M.N.B.R.....	39
<b>Quadro 2:</b> Recorte 2 – E.S.L.....	41
<b>Quadro 3:</b> Recorte 3 – A.O.F.....	41
<b>Quadro 4:</b> Recorte 4 – E.J.S.....	61
<b>Quadro 5:</b> Recorte 5 – S.S.L.....	62
<b>Quadro 6:</b> Recorte 6 – G.S.A.....	63
<b>Quadro 7:</b> Identificação das entrevistas por categoria.....	68
<b>Quadro 8:</b> Recorte 7 – J.L.P.....	70
<b>Quadro 9:</b> Recorte 8 – E.J.S.....	70
<b>Quadro 10:</b> Recorte 9 – M.N.B.R.....	70
<b>Quadro 11:</b> Recorte 10 – J.L.P.....	70
<b>Quadro 12:</b> Recorte 11 – E.L.A.....	71
<b>Quadro 13:</b> Recorte 12 – M.N.B.R.....	72
<b>Quadro 14:</b> Recorte 13 – A.O.F.....	73
<b>Quadro 15:</b> Recorte 14 – E.L.A.....	73
<b>Quadro 16:</b> Recorte 15 – E.J.S.....	73
<b>Quadro 17:</b> Recorte 16 – J.L.S.....	74
<b>Quadro 18:</b> Recorte 17 – E.S.O.....	74
<b>Quadro 19:</b> Recorte 18 – L.S.X.....	74
<b>Quadro 20:</b> Recorte 19 – E.L.A.....	75
<b>Quadro 21:</b> Recorte 20 – A.O.F.....	75
<b>Quadro 22:</b> Recorte 21 – E.L.A.....	76
<b>Quadro 23:</b> Recorte 22 – J.L.S.....	76
<b>Quadro 24:</b> Recorte 23 – E.L.A.....	76
<b>Quadro 25:</b> Recorte 24 – M.N.B.R.....	77
<b>Quadro 26:</b> Recorte 25 – E.A.A.....	78
<b>Quadro 27:</b> Recorte 26 – A.O.F.....	78
<b>Quadro 28:</b> Recorte 27 - M.N.B.R.....	78
<b>Quadro 29:</b> Recorte 28 – E.A.A.....	79
<b>Quadro 30:</b> Recorte 29 – M.N.B.R.....	81
<b>Quadro 31:</b> Recorte 30 – E.J.S.....	82
<b>Quadro 32:</b> Recorte 31 – J.L.S.....	82

<b>Quadro 33:</b> Recorte 32 – J.L.S.....	83
<b>Quadro 34:</b> Recorte 33 – J.L.S.....	84
<b>Quadro 35:</b> Recorte 34 – M.N.B.R.....	85
<b>Quadro 36:</b> Recorte 35 – M.N.B.R.....	85
<b>Quadro 37:</b> Recorte 36 – E.A.A.....	85
<b>Quadro 38:</b> Recorte 37 – A.O.F.....	87
<b>Quadro 39:</b> Recorte 38 – E.J.S.....	87
<b>Quadro 40:</b> Recorte 39 – L.S.X.....	88
<b>Quadro 41:</b> Recorte 40 – E.A.A.....	88
<b>Quadro 42:</b> Recorte 41 – A.O.F.....	88
<b>Quadro 43:</b> Recorte 42 – A.O.F.....	89
<b>Quadro 44:</b> Recorte 43 – E.L.A.....	89

## LISTA DE GRAVURAS

<b>Gravura 1</b> – Serra da Águia.....	51
<b>Gravura 2</b> – Cachoeira do Rio Preto.....	52
<b>Gravura 3</b> – Cachoeira da Fumacinha.....	53
<b>Gravura 4</b> - Cachoeira do Buracão.....	54
<b>Gravura 5</b> - Cânions do Buracão.....	54
<b>Gravura 6</b> - Cultura Cafeeira.....	55
<b>Gravura 7</b> – Praça da Cidade.....	57
<b>Gravura 8</b> – Igreja São Bento.....	57
<b>Gravura 9</b> – Mapa Ilustrativo da Chapada.....	59

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABHO – Associação Brasileira de História Oral.

CLIBA - Corpus Linguístico de Ibicoara Bahia

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

DOC – Documentador

INF – Informante.

ININT – Ininteligível.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional

JANUS - Grupo de Pesquisa (Socio)funcionalismo e Linguística Histórica/CNPq.

PPGCEL - Programa De Pós-Graduação Em Letras: Cultura, Educação E Linguagens

PPGLin - Programa de Pós-graduação em Linguística

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O Patrimônio Histórico-Cultural.....</b>	<b>15</b>
1.1. Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial e Seus Desafios.....	20
1.2. Desigualdade Social e Patrimônio Cultural.....	23
1.3. O Patrimônio Cultural Imaterial.....	26
1.3.1 Trajetória de Valorização dos Bens Intangíveis no Brasil.....	28
<b>2. Memória Social e Construção de uma Identidade.....</b>	<b>36</b>
2.1. Memória Coletiva e Esquecimento.....	38
2.2. História Oral.....	44
2.3. Patrimônio Imaterial Ligado à Memória Social – Comunidade de Ibicoara em Lócus.....	48
2.4. Ibicoara: Aspectos Históricos e Geográfico.....	50
2.4.1. Raízes da Cidade de Ibicoara – Os Troperios.....	59
2.5. O Corpus Linguístico.....	64
<b>3. A Representação da Memória de uma Comunidade Através do Corpus Linguístico de Ibicoara.....</b>	<b>69</b>
3.1 As Lembranças da Infância.....	69
3.2 Festejos, Cultura e Tradição do Povo Ibicoarense.....	72
3.3 Ibicoara e Suas Transformações.....	84
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>90</b>
<b>Referências.....</b>	<b>93</b>

<b>Anexos.....</b>	<b>97</b>
<b>Anexo 1- Termo De Consentimento Livre E Esclarecido-Tcle.....</b>	<b>97</b>
<b>Anexo 2 - Roteiro de Perguntas para a Entrevista.....</b>	<b>98</b>
<b>Anexo 3 - Ficha Social do Informante.....</b>	<b>101</b>

## Introdução

Patrimônio, de maneira geral, é um termo de grande complexidade, contendo uma multiplicidade de sentidos e definições que vão desde as questões relacionadas a bens, herança familiar, a definições como os espaços históricos de preservação. Entretanto, existe algo mútuo que transita entre todas essas esferas, que é o fato do Patrimônio Cultural se relacionar ao processo de transformação de algo em um bem de valor, seja ele tangível ou intangível.

Assim, nesta dissertação privilegiamos a discussão sobre a função do Patrimônio Cultural, atribuído aos bens de natureza imaterial, como fonte de transformação social e a construção identitária de uma comunidade, região ou nação, trazendo como base a cultura popular através da utilização da memória e das narrativas dos agentes sociais.

De acordo com Lopís (2017, p. 11), o patrimônio histórico está presente na cultura dos diversos grupos sociais como componente importante na consagração do sentimento de pertencimento a uma determinada coletividade. Esses elementos vêm com a função de representar alegoricamente a identidade e a memória de uma nação. Por conseguinte, optamos por enfatizar a cultura popular que se relaciona às manifestações, tradições e expressões culturais do povo, saindo do viés erudito e se voltando para a escuta dos agentes sociais dentro de suas especificidades, sem uma delimitação do que deve ser considerado como cultura e, assim, nas entrelinhas, promovendo uma ruptura da hierarquia de classes.

É válido sublinhar, no entanto, que nem sempre a cultura popular foi vista como algo a ser protegido pelas nações. Após as graves consequências causadas pelos conflitos bélicos, que promoveram a dominação de um povo sobre outro e, drasticamente, romperam a grande maioria dos direitos atribuídos ao ser humano, houve um despertar dos órgãos governamentais em relação aos bens culturais identitários, atribuindo-lhes o sentido de herança popular que contribui significativamente para a construção da identidade nacional. Com o advento dessa nova perspectiva, as políticas preservacionistas do Patrimônio Cultural imaterial foram ganhando maior visibilidade entre as nações e novos projetos foram sendo instituídos aos Estados a fim de salvaguardar as tradições culturais dos povos.

No Brasil, como resultado dessa nova perspectiva, foi criado o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que promoveu leis e projetos para a proteção dos bens patrimoniais, podendo destacar os Livros de Tombo, voltados para o



tombamento dos bens culturais materiais, e o Registro direcionado aos bens culturais imateriais.

O uso da memória torna-se imprescindível nesse processo de construção de registros, e a sua importância está, sobretudo, na sua função de conservar determinados conceitos. De acordo com Henriques (2017, p. 125) “[...] as narrativas de memória foram sempre na perspectiva do presente, com a reflexão de algo que já passou e com o objetivo de trazer alguma lição para o futuro” nos quais “[...] o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1924, p. 423). Mediante essa função psíquica<sup>1</sup> conhecimentos/saberes podem ser passados às gerações futuras como forma de salvaguardar a identidade de uma determinada comunidade, por meio do “comportamento narrativo” que se “[...] caracteriza, antes de mais nada, pela sua função social, pois que é comunicação” (FLORES, 1972, p. 12 apud LE GOFF, 1924 p. 425).

Dessa maneira, reconhece-se a importância do uso da linguagem na difusão dos saberes, considerando-a como o principal instrumento de comunicação entre os povos. Como afirma Atlan (1972), "A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória" (HENRI ATLAN, 1972, p. 461 apud LE GOFF, 1924, p. 425). Assim, fazer uso da História oral amplifica a perspectiva de resgate da História e Memória, pois possibilita, através da construção de fontes e documentos “[...] registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões [...]” (DELGADO, 2006, p.15). O uso da linguagem oral com as narrativas e relatos se tornou, assim, um mecanismo na construção de arquivos/acervos acerca de diferentes grupos sociais emergentes em nosso país, possibilitando o acesso ao passado no presente.

Esta pesquisa surgiu com o propósito de investigar os elementos que podem tornar um *corpus* de língua falada, em especial, o *Corpus* Linguístico de Ibicoara - cidade localizada no Estado da Bahia, mais especificamente na região da Chapada Diamantina -, em acervo e patrimônio para o município, evidenciando a importância disso na construção do resgate cultural e identitário da comunidade. Não obstante, essa investigação também buscou analisar a trajetória de valorização do patrimônio imaterial, associar o uso da

---

<sup>1</sup> Funções psíquicas são as funções relacionadas à mente, como a consciência, memória, amnésia e no contexto apresentado no texto, ela vai fazer referência a memória e ao seu uso na transmissão de valores e tradições por meio das narrativas.

memória como fonte de construção de um acervo, relacionar o emprego de fontes orais como narrativas nos registros históricos, refletir sobre a importância de preservar a identidade de uma comunidade e justificar a atribuição *corpus* linguístico da comunidade de Ibicoara como patrimônio imaterial.

A fundamentação teórico-metodológica ancora-se em autores como Castriota (2009); Cavalcanti (2008); Choay (2001); Delgado (2006); Deslandes; Gomes e Minayo (2009); Funari e Pelegrini (2013); Gonçalves (2002); Le Goff (1924); Lopís (2017); Nora (1993); Rocha (2009); Sardinha (2004); Zanirato (2006), entre outros nomes que discutem sobre a esfera do Patrimônio Cultural, Memória e Identidade.

A dissertação está estruturada em três capítulos. Cada um deles traz conceitos fundamentais para a compreensão da importância do Patrimônio Cultural imaterial para uma comunidade e a utilização de um *corpus* linguístico como acervo patrimonial dela. Desta forma, o *corpus* linguístico do município de Ibicoara, Bahia, constitui-se, ao mesmo tempo, objeto e fonte documental que norteia a pesquisa e alimenta a análise, conferindo-lhe certa originalidade.

No primeiro capítulo, intitulado “O Patrimônio Histórico-Cultural”, foram abordadas, de forma geral, noções sobre o patrimônio trazendo seus aspectos históricos e a esfera do material e imaterial, sendo que este último ganhou um papel de destaque em todo o trabalho de pesquisa. A abordagem consiste em temas que vão da preservação do patrimônio cultural imaterial e seus desafios; a desigualdade social entranhada ao patrimônio; a trajetória de valorização a partir do desenvolvimento das políticas preservacionistas no Brasil, à relação entre patrimônio e memória social, tendo como ênfase a comunidade de Ibicoara-BA.

No segundo capítulo, "A Memória Social e a Construção de uma Identidade", abordamos os aspectos da memória social e sua relação com a construção da identidade. Nesta parte, foram retratados inicialmente os conceitos de memória social e identidade, em seguida e de maneira aprofundada, a comunidade de Ibicoara-BA, - como foco de pesquisa – expondo aspectos históricas, geográficas, econômicos, bem como culturais da sua população. Por fim, discutimos o patrimônio oral e o *Corpus* linguístico.

No terceiro, e último capítulo, foram apresentados os resultados da pesquisa, utilizando como instrumental de análise o *Corpus* Linguístico do município de Ibicoara-Ba, na Chapada Diamantina, o CLIBA, construído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em (Sócio) Funcionalismo – UESB/CNPq. Diante do objeto de estudo e proposta de análise, a pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa,

ênfatizando, de maneira mais aprofundada, as memórias (tradições, culturas, sociedade) dessa referida comunidade. Segundo Deslandes, Gomes e Minayo (2009), a pesquisa qualitativa

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (DESLANDES; GOMES, MINAYO 2009, p. 21).

Não obstante, nos valem de questionários e entrevistas, utilizados na construção do CLIBA, como instrumentos para geração e análise de dados. Segundo Minayo (2010, p. 57), o resultado de entrevistas se reverbera “[...] das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem”:

A entrevista é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Essa pode ser definida como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e por meio de perguntas formuladas busca a obtenção dos dados que lhe interessa. É uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo (MINAYO, 2010, p. 57).

Além do mais, a escolha desse instrumento de análise ocorreu pelo fato de, no CLIBA, conter narrativas dos indivíduos nativos da referida comunidade de fala, onde foram realizadas entrevistas baseadas em perguntas relacionadas às vivências dos moradores; às opiniões (políticas, econômicas, educacionais e sociais) em relação à cidade; às tradições antigas, que permaneceram ou foram modificadas nos dias atuais; às memórias que foram transpassadas por seus antepassados; à cultura da cidade; entre outras indagações.

O CLIBA é um *Corpus* Linguístico composto por 36 (trinta e seis) entrevistas com informantes nascidos em Ibicoara e estratificados segundo a faixa etária (Faixa I: 15 a 25 anos; Faixa II: 26 a 49 anos; e Faixa III: a partir de 50 anos); a escolaridade (i. não escolarizados ou com até 5 anos de escolarização; ii. Ensino Fundamental completo; iii. número igual ou superior a 11 anos de escolarização); sexo (feminino e masculino). As entrevistas seguiram os moldes da Sociolinguística Variacionista Laboviana<sup>2</sup>, por meio da

---

<sup>2</sup> A Sociolinguística Variacionista Laboviana, é uma teoria criada em meados do século XX pelo estadunidense William Labov, o qual tem o objetivo de entender as variações, transformações e mudanças que ocorrem no sistema linguístico e a relação desse fator com as questões sociais, ou seja, as variações tendem a variar de acordo com os grupos sociais que o indivíduo está inserido. É através dessa característica que podemos compreender as culturas e tradições dos mais diversos povos.

qual se buscou registrar o vernáculo dos informantes, um modelo de fala com baixo nível de monitoramento por parte dos entrevistados.

Com a contemplação de informantes de várias idades, contendo jovens de 15 anos até senhores com mais de 60 anos, acreditamos que foi possível fazer uma “análise e tratamento do material empírico e documental”, que se norteia em métodos que visam a valorizar, entender e interpretar os dados colhidos do instrumento de análise, além de relacioná-los às teorias usadas como fundamento neste projeto (DESLANDES, GOMES, MINAYO 2009, p.26-27). Dessa maneira, foram extraídos trechos dos relatos dos moradores que, por diversas vezes, foram ouvidos para serem transcritos e analisados, detectando elementos que puderam ser caracterizados como patrimônio cultural imaterial e, em seguida, todo o material selecionado foi correlacionado aos fundamentos teóricos usados como base na construção desta pesquisa a fim de comprovar a tese de que este *corpus* linguístico pode ser considerado um acervo e patrimônio da cidade de Ibicoara-Ba.

Algumas questões-problema norteiam nossa análise: concebendo a importância da relação acervo/patrimônio/memória e observando o *corpus* do vernáculo de Ibicoara, da região da Chapada Diamantina, é possível um *corpus* de língua falada ser considerado como um acervo e um patrimônio? de que maneira, por meio desse *corpus* linguístico, a comunidade de Ibicoara ou interessados podem resgatar memórias de uma comunidade?

Como respostas preliminares a tais questionamentos, tendo-as, inclusive, como hipóteses que baseiam a pesquisa, acreditamos que: (i) um *corpus* de língua falada pode ser reconhecido como um acervo e patrimônio, na medida em que, por meio das narrativas extraídas dele, é possível resgatar memórias dos indivíduos de uma dada sociedade, viabilizando a construção de um acervo documentado tanto na forma escrita, pelas transcrições das entrevistas, como oral, pelos arquivos de áudio, constituindo, para tanto, um patrimônio do município; (ii) os cidadãos e gerações futuras de Ibicoara, por meio do acervo composto por transcrições e arquivos de áudio, decorrente do *corpus* linguístico e disponíveis para a comunidade acadêmico- científica interna e externa (digitalmente e em rede), têm acesso às tradições culturais, comportamentos socialmente construídos, vivências individuais e em comunidade, além do resgate da cultura e da identidade do povo ibicoarense.

Portanto, compreende-se a importância que é para uma comunidade ter sua cultura, tradição e manifestações populares protegidas, como maneira de agregar aos indivíduos o sentimento identitário.

## 1. O Patrimônio Histórico-Cultural

Neste capítulo o patrimônio histórico, cultural e imaterial no Brasil será apreendido a partir da retomada de discussões acerca de conceitos como o de patrimônio e cultura, até a sua trajetória de valorização no país.

Assim, inicialmente será discutido o Patrimônio Histórico-cultural, trazendo algumas perspectivas mundiais, como a sua utilização na antiguidade e a evolução do uso do termo; Desigualdade Social e o Patrimônio Cultural, em que se abordará a forma como o patrimônio era classificado, mostrando a desigualdade existente na realização da escolha do que deve ser preservado e caracterizado com um patrimônio para o país e, nesse contexto, como consequência, a luta pela valorização da cultura popular. O Patrimônio Cultural Imaterial que dará sequência ao tópico anterior, enfatizando o caminho percorrido pelo reconhecimento das tradições populares, ou seja, do imaterial e sua caracterização como um patrimônio e por fim A Trajetória de Valorização dos Bens Intangíveis no Brasil.

O termo patrimônio se direcionava a propriedades passadas hereditariamente. Até o fim do século XVIII houve muitos estudos sobre este termo, em que no decorrer desse processo seu conceito foi sendo reformulado, se tornando algo mais abrangente e, dessa maneira, há uma criação de subcategorias para definir esse vocábulo. A utilização do termo tem sido bastante recorrente em nosso cotidiano, a serviço de questões, entre outras, de natureza cultural, arquitetônica, histórica, artística, etnográfica, ecológica e genética. Observemos:

Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. (GONÇALVES, 2002, p. 21)

Com a reformulação do termo, até o século XX o patrimônio estava associado a bens materiais - obras arquitetônicas, monumentos - que representassem valor artístico e histórico. A seleção dessas obras era feita de forma que representa um papel memorial, relacionado ao estilo de vida e edificações das cidades. Entretanto, essa metodologia de categorização do que vem a ser considerado como patrimônio recebeu algumas críticas, gerando questionamentos e conseqüentemente novas maneiras de se pensar o que viria a definir o entorno dele. Até que “[...] em 1962, a XII Conferência da Unesco aprovou recomendações sobre o entorno do monumento histórico, atentando-se para itens que vão desde a especulação imobiliária até a poluição do ar” (GRAMMONTE, 2006 p. 439). A

partir desse momento, novas conferências foram sendo realizadas e foram se desenvolvendo, trazendo um alargamento e enriquecimento atribuído ao entorno do patrimônio até o que conhecemos como patrimônio cultural.

Pensar em patrimônio é também pensar em cultura. A esse respeito, Pelegrini e Funari (2013, p.19) argumentam que “A cultura não é algo dado, uma simples herança que se possa transmitir de geração a geração. Ela é uma produção histórica, como parte das relações entre grupos sociais”. O patrimônio e a cultura se entrelaçam na transmissão de valores adquiridos pelas vivências dos indivíduos e nas suas construções sociais com base em ideais por meio da interação humana, seja ela física ou não.

A palavra cultura é bem antiga, utilizada em latim para referir-se ao cultivo da terra. No Século I. a.C, o pensador romano Cícero, trouxe a denominação mais antiga do termo cultura, sendo ela culto ou cultivo da alma ou do próprio espírito, ou seja, uma ação interior ou exterior. Pelegrini e Funari (2013) ressaltam que:

Por um lado, a preocupação do indivíduo consigo mesmo é o que levava a cultivar-se consigo mesmo, como se fosse um campo a ser trabalhado. Para que isso fosse possível, era necessária uma ação exterior: a leitura dos livros, mas também o aprendizado oral, e pela imitação dos grandes gestos e ações [...] Os antigos ao verem estátuas de cera de seus antepassados eram levados a segui-las como exemplo (PELEGRINI; FUNARI, 2013 p. 12-13).

Esse sentido da palavra cultura, atribuído pelo romano Cícero, volta a aparecer em meados do século XVI, entretanto, só no século XVIII que a cultura relacionada ao sentido figurado, começa a ser aceita nas academias, estando ela voltada ao cultivo do interior do indivíduo.

A palavra cultura, a partir do século XIX, com o desenvolvimento do conceito de civilização, retorna aos vocabulários. Nesse contexto, ser civilizado era algo designado apenas a uma parcela da população, no caso, os europeus e os demais eram tachados como bárbaros, pois, para eles, a civilização dependia de refinamento e para isso era necessário a leitura. Dessa forma, consegue-se perceber uma exclusão de uma parte da sociedade, em que o pobre era taxado por incivilizado por ser iletrado.

Havia outros pensadores, contudo, que faziam a distinção entre cultura e civilização das elites, trazendo-a como algo natural, que provém das populações de forma espontânea, como as tradições por exemplo. Então, de um lado a cultura aparece como algo nobre, destinado ao universo das letras; e de outro, a cultura está relacionada aos costumes e tradições dos povos camponeses iletrados.

A palavra cultura foi expandindo seu conceito e ganhando mais importância por parte dos pesquisadores em querer compreendê-la e em estudá-la. Assim, do ponto de vista da organização das ciências, cultura é um conceito antropológico, ou seja, uma disciplina que se autodefine como uma ciência da diversidade cultural humana. Dessa forma, a Antropologia surge com o propósito de “[...] estudar o outro: a cultura dos outros. O contato íntimo com a diferença explica o interesse em entender como as pessoas agem em diversos lugares e períodos” (PELEGRINE; FUNARI, 2013 p. 17). Castriota (2009, p. 85) complementa que “[...] nesse processo, a noção de cultura deixa de se relacionar exclusivamente com a chamada cultura erudita, passando a englobar também as manifestações populares e a moderna cultura de massa”. Assim, a cultura pode ser compreendida como a base de nossas percepções de mundo e, por meio dela, forjam-se ideologias, costumes, crenças. A cultura se constrói na transmissão de valores adquiridos por experiências de grupos humanos, em que um se diferencia do outro. Segundo Pelegrini e Funari, (2013)

A cultura é o conjunto de padrões adquiridos socialmente a partir dos quais as pessoas pensam, sentem e fazem. Uma cultura não requer proximidade física ou um tipo específico de sociabilidade direta [...], apenas interação social (PELEGRINE e FUNARI, 2013, p. 18 Apud: BRUMANN, 1999, p. 23).

O ser humano passa por diversas transformações ao longo do tempo, se desenvolvendo sob a margem de conflitos relacionados às diferentes formas de organizar a vida em sociedade. Assim, temos uma pluralidade de maneiras de se viver e se relacionar uns com os outros, e a história traz a abundância de registros das transformações que permeiam as culturas, movidas em consequência desses conflitos e relações humanas. (SANTOS, 1949). Ao se tratar de cultura, se faz necessário compreender toda a complexidade humana em suas múltiplas formas de existência, como destaca Santos (1949),

São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa. Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a grande variação delas [...] é sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem. [...] Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. [...] fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência (SANTOS, 1949, 7-8).

Dessa maneira, observamos a forma como a cultura tem influência na vida do ser humano. Mediante os grupos que cada pessoa vai se inserindo, de acordo com as afinidades e objetivos em comuns, vão sendo moldadas identidades. A cultura molda e enraíza esses grupos. É interessante observar, também, que cada grupo é diferente do outro, cada tradição é divergente, com suas características próprias, suas intencionalidades e formas de enxergar a vida, o que torna cada grupo único.

Choay (2001) ressalta, em seu livro *Alegoria do Patrimônio*, a noção de que o monumento como patrimônio está intrinsecamente ligado ao conceito de alegoria. Nessa perspectiva, o concreto se relaciona ao abstrato, ou seja, a uma identidade cultural. Observemos o que Choay comenta:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade. [...] Para aqueles que edificam, assim como os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. (CHOAY, 2001, p.17-18).

Tal contextualização deve ser pensada no princípio de que toda cultura material hoje existente vem com a ideia de transmissão de valores ou expressões de pensamentos e isso envolve pessoas. Se criar uma percepção mais afetiva permite romper com tais conceitos, trazer uma compreensão mais abrangente sobre o patrimônio, porque ele vai muito além, é analisar toda uma vida e o costume de uma geração, seja ela já passada ou a atual; é pensar as ações sociais, desde as transformações até suas permanências; é construir laços e permitir uma nova maneira de enxergar a vida; é ampliar sua visão de mundo. Dessa forma, se faz necessário trabalhar nos discursos relacionados ao patrimônio cultural, todo esse leque de possibilidades que ele oferece.

Diante disso, podemos afirmar que patrimônio histórico não se relaciona unicamente a obras arquitetônicas, monumentos e outros bens físicos, mas também diz respeito ao que pode ser vivido através da interação do indivíduo com o meio, seja ele através da linguagem, tradições imateriais e/ou os espaços físicos, tendo em vista que os bens culturais são aquilo que a comunidade considera como cultura própria, sustentando a identidade e a divergência em relação a outros grupos sociais. (CANCLINI, 1990, p. 99). Dessa maneira, de acordo com Grammonte (2006 p. 440), “O patrimônio histórico passa a integrar o conceito de patrimônio cultural”, dividindo-se entre bens tangíveis e intangíveis e “[...] engloba o conceito antropológico de cultura enquanto todo fazer humano, desde



objetos, conhecimentos, capacidades e valores e, dessa forma, o conceito entra no século XXI.” (GRAMMONTE, 2006, p. 440).

Hugues de Varine-Boham, assessor internacional da UNESCO do Terceiro Mundo, sugere que a partilha do patrimônio cultural deva ser pensada em três grandes categorias de elementos. Primeiro, os elementos pertencentes ao meio ambiente. Nessa categoria, vemos o relacionamento do meio ambiente às nossas ações cotidianas, que nos oferece subsídios para nossa existência – alimentos, árvores para construções - além de paisagens como as serras, que preservou todo o contexto de uma “[...] sociedade voltada para o sertão, quando a língua virou dialeto e o uso e costumes quase que se vernaculizaram em novos feitos tão diferentes [...]. O clima envolve e condiciona o comportamento das gentes” (LEMOS, 1982 p. 9). O segundo elemento se refere à técnica do saber e do saber fazer. Compreende-se pela maneira que o indivíduo se relaciona e interage com o meio em que vive, se relaciona no “Saber construir, tecer o pano da cobertura de cama, divertir-se com o jogo de cartas, rezar á Santa Bárbara em noite de temporal, [...] saber transformar o bago vermelho do café em pó solúvel na xícara de porcelana” (LEMOS 1982, p.10). É a vida cotidiana do homem que não se pode materializar, ou seja, o não tangível. Por sua vez, “[...] bens culturais que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer” (LEMOS 1982, p. 10) caracterizam o terceiro elemento. É a ação do homem no ambiente em que vive, o qual inconscientemente cria uma cultura, através dos saberes construídos e aplicados.

Vemos, no decorrer do tempo, uma modificação no sentido e na atribuição dada ao patrimônio, que sai de um discurso envolto às grandes obras arquitetônicas que busca a contemplação e se expande para o sentido da expressão e criação humana independente da condição social. A natureza, nessa perspectiva, também ganha espaço, pois passa a ser considerada como um patrimônio em função de ser um lugar de interação humana que precisa ser cuidada. (ZANIRATO 2006).

Todo esse processo implicou a valorização da cultura de um povo – língua, crença, tradição, modo de viver - onde a história deixa de contemplar os sujeitos considerados heróis e passa a valorizar o ser humano em toda sua complexidade colocando-o como agente social, onde todas suas ações têm impacto na vida em comunidade.

### 1.1 Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial e Seus Desafios

As primeiras preocupações em relação ao patrimônio brasileiro se manifestaram no final do século XVIII. Até então, o Brasil não tinha uma identidade única e nem mesmo o nome o qual denominamos nossa nação. Devido à necessidade de se afirmar uma identidade para legitimar o Estado Brasileiro, foi redigida, pelos memorialistas que aqui estiveram no final do século XVIII e início do XIX, a “Escrita da Nação”, a qual tinha o objetivo de construir um “[...] passado colonial que unificasse a todos e lhes fornecesse uma herança comum” (FERREIRA 2013, p. 1), através da produção de escritos com elementos que afirmassem essa suposta nacionalidade. Assim, a nação brasileira se construía a base de um mito, um imaginário de uma comunidade sem diversidade, ou seja, homogênea, como forma de afirmação.

Toda essa criação tem, em sua base, discursos com ideais políticos e sociais em prol de uma imagem que se queria que fosse vista do país. Desse modo, percebe-se uma exclusão do que viria ser a identidade brasileira, pois ela já estava formada desde o momento em que comunidades nativas se consolidaram com seus ideais, suas culturas e organização social.

Ao final do século XVIII e XIX o termo patrimônio se relaciona ao conceito de nação, que, como argumentam Pelegrini e Funari (2013), está relacionado “[...] com a escolha daquilo que representaria a nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão” (PELEGRINI e FUNARI 2013, p. 28).

Falar sobre patrimônio é também correlacioná-lo ao termo preservação. Ambos carregam em si a valorização e seleção de bens que constituem o patrimônio histórico, cultural e artístico. Assim, a preservação do patrimônio se tornou algo muito discutido na atualidade ganhando um papel importante na reflexão não apenas cultural, mas também nas questões relacionadas ao presente e futuro das cidades, ao meio ambiente (CASTRIOTA 2009, p.11), aos direitos humanos, à vida e ao escopo social. Tal discussão vem tomando cada vez mais espaço, devido ao caos político e humanitário, vivenciado pela sociedade atual.

Discutir sobre essa temática tem sido cada vez mais necessário, principalmente no que se refere a ensinar a valorizar o patrimônio seja histórico, cultural ou ambiental a nossa volta, além de entender sua importância e particularidade, pois ele nos remete a uma união coletiva de bens comuns através do sentimento de pertencimento.

A construção da política preservacionista do patrimônio nacional do Brasil é construída de maneira lenta e gradativa. Nesse processo, alguns intelectuais notaram a importância de mudar o cenário até então vigente. Com isso, podemos citar alguns progressos, como: a criação do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); o reconhecimento do patrimônio material e imaterial colocado na constituição federal brasileira de 1988 em seu artigo 216; a instituição dos bens imateriais como parte do patrimônio cultural.

Um marco importante na proteção do patrimônio cultural brasileiro se deu no ano de 1937 com a construção do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), posteriormente chamado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), um órgão federal que tem a “[...] finalidade de promover, em todo o País e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional” (BRASIL, 1937, art. 46), além de consolidar a nação como moderna e trazer uma identidade nacional.

Com a criação do SPHAN, veio também o poder do estado em determinar aquilo que seria categorizado como bens para a nação, deixando a sociedade de lado ao considerá-los como inaptos na decisão do que seria de grande valor cultural para o país, uma herança coletiva. Nesse contexto, há uma discriminação do Estado em relação às heranças culturais populares, trazendo um passado brasileiro voltado para as elites sociais, menosprezando as sociedades subalternas, como camponeses, operários, escravos, dentre outros. Um exemplo desse fator são as estátuas vangloriadas dos homens de poder no período da colonização brasileira, que, até os dias atuais, são lembrados em praça pública, mesmo tendo em sua história a prática da dominação de poder e o autoritarismo com o outro. Questão essa enfatizada por Marins (2008):

Mas o caráter autoritário que revestiu as escolhas de bens para o tombamento (inauguradas, frise-se, durante a ditadura do Estado Novo) não apenas descartou os cidadãos brasileiros do processo de escolha de bens a serem protegidos como também excluiu grande parte de suas multifacetadas heranças culturais do reconhecimento oficial. A memória unívoca de uma nação brasileira não acolhia, nem poderia acolher, a imensa diversidade dos brasileiros. (MARINS, 2008, P. 145-146)

Percebemos uma categorização do que deve ser ou não conservado. Isso implicou discursões na sociedade contemporânea em relação aos valores que devem ser categorizados como bens patrimoniais e, conseqüentemente, aquilo que deve ser perspectiva de que para que algo deva ser lembrado, outros aspectos devem ser deixados de lado. (CASTRIOTA, 2009, p. 93).

Atualmente, falar em patrimônio histórico é envolver-se em grande polêmica. Em geral, a iniciativa em preservá-lo significa ir de encontro aos “processos de mudança”, (CANCLINI 1990, p. 95), havendo resistência quanto a políticas públicas que apontam nessa direção. Ou seja, só se aceita pacificamente a ideia de preservação de patrimônio histórico quando não interfere nos interesses estabelecidos de determinados grupos, ou mesmo quando os beneficia. Esse fato é caracterizado por alguns estudiosos como manipulação do passado (LOPÍS, 2017).

Há uma necessidade na humanidade em sempre trazer o que é novo e colocá-lo como o melhor em detrimento do antigo. Assim, nas cidades, os monumentos antigos são deteriorados tanto na sua dimensão ideológica ou física, para dar lugar às construções arquitetônicas tidas como modernas, “[...] a busca pela modernidade contribui, em alguns casos, para a transformação do espaço urbano, em que não há espaço para o patrimônio, a tradição” (LOPÍS 2017, p. 16). Esse processo ocorre, muitas vezes, por meio do não reconhecimento do valor memorial e cultural, existente no entorno do monumento.

O que percebemos nesse momento é que, por consequência, as culturas e espaços populares, são deixadas à deriva, resultando, muitas vezes, em um esquecimento coletivo. Esse fator pode ser justificado pelo avanço da globalização, pois, de maneira geral, buscou-se trazer uma normatização de valores, comportamentos, formas de viver. Isso deixa um sinal alerta às culturas e tradições populares.

Scifoni (2022, p. 119) ressalta que o valor patrimonial é concedido de acordo com a forma, a estética e a técnica, deixando de contemplar valores afetivos, sociais e memoriais, em outras palavras, aquilo que permite a conexão das pessoas com bens culturais. Dessa forma, há uma desumanização do patrimônio, categorizando-o como algo técnico. No entanto, por outro lado, devido ao fortalecimento dos meios de comunicação em massa com esse processo, desencadeou, conseqüentemente, o “[...] ressurgimento de tradições culturais aparentemente desaparecidas, como línguas nativas, costumes e festas”, além, da “revalorização de formas tradicionais de se viver e produzir, [...] surpreendentemente a tradição reaparece, renovada, e se reafirma como uma força viva”. (CASTRIOTA, 2009, p. 11)

Assim, podemos ressaltar que através do patrimônio cultural, se pode construir a identidade de uma nação, e diante disso o desenvolvimento de políticas públicas de preservação surge com o intuito de reafirmar a identidade coletiva de um povo, que contribui de forma significativa na formação do cidadão. O conceito de patrimônio cultural

está, assim, relacionado às identidades sociais, sendo resultado do questionamento da defesa da diversidade.

## 1.2. Desigualdade Social e Patrimônio Cultural

O termo desigualdade tem sido utilizado em diversos e diferentes contextos, inclusive quando se trata de Patrimônio Histórico-cultural. Para compreender a relação existente entre ambos, é necessário entender a forma como a construção da identidade nacional foi sendo consolidada em nosso país, a partir do processo de Independência, em 1822, que impunha a construção referências comuns que nos identificassem enquanto nação e que fossem capazes de promover um sentimento de união e pertencimento entre os brasileiros, pois, até então, não existia um olhar de semelhança entre si, além do governo que reinava sobre todos. Dessa maneira, houve um movimento entre os intelectuais e pessoas ligadas ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, com a finalidade de contribuir no processo de construção de uma identidade nacional, onde buscavam componentes que permitissem a unificação de um único sentimento, como afirma Barbato (2014),

Elementos que servissem de códigos de reconhecimento mútuo entre os nacionais, precisavam de uma História para esse povo, uma história que enfocasse as virtudes da jovem nação, que desse orgulho a seus habitantes, e assim, confiança em relação ao seu futuro. (BARBATO, 2014, p. 4-5)

É importante salientar a influência que a Europa, sobretudo alguns países do continente, nesse período, ainda exerciam sobre países periféricos. O Brasil via nela um modelo a ser seguido. Entretanto, não se poderia atribuir a identidade brasileira apenas a elementos com viés europeu, era preciso que houvesse algo original de sua nação. Dessa maneira, a natureza tropical, única ao país, em relação à Europa, foi colocada como algo que unificava a nação brasileira, e, com isso, coube aos literários a missão de introduzi-la em suas obras, como forma de valorizar a natureza e sua relação com os habitantes do país. Assim,

A busca pelo elemento original brasileiro. Resulta na elaboração de uma verdadeira “historiografia tropical”, caracterizada pela busca da nação, pelo ideal de progresso e pelo entendimento da natureza como elemento definidor da unidade natural da Pátria, diante da falta de uma unidade cultural (PAZ, 1996 p. 236),

O Brasil passava, então, a ter algo que representaria sua identidade nacional, a natureza e as pessoas (índios e mestiços) que aqui viviam. Não era apenas buscar uma identidade, mas também construir uma nação a qual se deu sob a ótica de interesses de

alguns grupos, mais especificamente representantes do governo de Estado. Alguns teóricos, como Ernest Gellner, (BARBATO, 2014, p. 10) “[...] vê o nacionalismo como uma ideologia criada a fim de ajudar na construção e garantir a consolidação do poder do Estado, sendo um elemento necessário ao desenvolvimento capitalista na Europa.”. Assim, todo sentimento de pertencimento atribuído ao Brasil, logo no início da construção da nação, foi sendo construído de maneira imaginária, em que era mostrado e exposto apenas o que seria benéfico ao governo e às elites sociais, deixando de lado o povo que, de fato, definiria e melhor representaria a nação brasileira.

Com o passar do tempo e as atribuições colocadas ao patrimônio, as discussões sobre o patrimônio cultural foram ganhando cada vez mais espaço, entretanto ainda há, mesmo na atualidade, questões de desigualdade envolvendo o patrimônio. Diferentemente do que foi retratado anteriormente, quando falamos da valorização de um passado voltado às elites sociais, hoje a desigualdade se mascara através de uma ideologia de pertencimento coletivo.

No decorrer da história, a sociedade vai deixando bens sejam eles tangíveis ou intangíveis, para as gerações seguintes como forma de repassar e preservar valores, costumes, crenças e ideais com objetivo de criar um sentimento de pertencimento a um grupo étnico, uma comunidade, algo que possa ser apropriado e partilhado com todos e coube há algumas instituições o dever de ser transmissora desses saberes deixados ao longo do tempo.

Todavia, quando categorizamos as escolas e museus como instrumentos de transmissão dos saberes sociais, os estudos antropológicos e sociológicos demonstram que os grupos se apropriam de maneira desigual e divergente da herança cultural (CANCLINI 1990, p. 96). Ou seja, mesmo que haja o acesso aberto a todas as pessoas, ainda assim quanto mais “pobre”, sem acesso à educação de qualidade, maior é a defasagem na apropriação cultural desses saberes transmitidos por essas instituições. Um dos fatores desse agravante tem origem na formação social relacionada à existência da hierarquia dos bens culturais. Dessa forma, um artesanato se consolida com menos prestígio que uma pintura emoldurada. Por esse motivo, de acordo com Canclini, (1990) a reformulação do patrimônio, se tratando do cultural, se faz necessária no sentido de não ter bens culturais neutros e estáveis, mas sim um processo social em que se acumulam e renovam permitindo que os mais variados grupos possam se apropriar de maneira desigual.

Essa nova realidade é um fator das sociedades contemporâneas onde há uma luta de validação dos patrimônios simbólicos entre classes e grupos étnicos, pois, se tratando

das comunidades antigas, havia uma troca de saberes e tradições entre seus membros, justamente por ter valores e crenças semelhantes tendo uma cultura em comum. Canclini (1990) destaca que,

Consagram-se como superiores certos bairros, objetos e saberes, porque esses foram gerados pelos grupos dominantes ou porque tais grupos contam com a informação e formação necessária para compreendê-los e apreciá-los, ou seja, para controlá-los melhor. (CANCLINI 1990, p. 97)

Ou seja, na atualidade, cada lugar tem seus próprios costumes, se relacionando à história da sua região, além da maneira de se relacionar com o mundo e, dentro desse espaço, cada qual vai moldando sua apropriação do patrimônio comum.

O valor patrimonial é concedido de acordo com a forma, a estética e a técnica, deixando de contemplar valores afetivos, sociais e memoriais, em outras palavras, aquilo que permite a conexão das pessoas com bens culturais; dessa forma há uma desumanização do patrimônio, categorizando-o como algo técnico (SCIFONI, 2022). Entretanto, entende-se que é necessária uma quebra de padrões e paradigmas na visão do patrimônio como algo que tem uma receita do que deve ser valorizado, pensando, assim, em sua importância voltada para as culturas e valores sociais. O elemento patrimonial cultural deve ser visto como algo conectado ao seu cenário histórico e social e não apenas como um objeto isolado, como se é pensado em algumas sociedades, onde inibem o contexto histórico do seu artefato, com objetivo de preservá-lo em uma instituição de preservação histórica (LOPÍS 2017).

Há uma luta por parte de habitantes de continentes periféricos pela valorização dos seus bens de caráter intangível como forma de firmamento de sua cultura e identidade, e isso só mostra uma dicotomia entre a considerada alta e baixa cultura. Logo, aquilo que vem a ser de valor são obras de cunho arquitetônico se atrelando ao *status* de elite, um grupo social de maior importância, “[...] como contraponto, o caráter periférico, popular e simples, por assim dizer da cultura imaterial favorece o predomínio do mundo periférico.” (PELEGRINI; FUNARI 2013, p. 60).

Quando falamos sobre cultura e o reconhecimento das diversidades culturais é importante nos ater que o patrimônio imaterial se construiu a base da ideia de “obras coletivas”, ou seja, conjuntos de culturas tradicionais, populares e folclórica, que se fundamentam na transmissão através da oralidade ou a partir de gestos que podem sofrer modificações no decorrer do tempo por meio de recriações coletivas. Entretanto, em suas entrelinhas, vemos um jogo de poder articulado pelas elites sobre esse processo, pois a

preservação do patrimônio também se relaciona à memória e à identidade e, geralmente, essa é voltada para os grupos dominantes.

Pelegri e Funari (2013, p. 63) ressaltam essa multiplicidade cultural:

Essa diversidade resulta numa “multiplicidade de pontos de vista, de interesses e de ações no mundo” influencia os valores que definem sua relação com o patrimônio e o sentido de pertencimento de uns agentes sociais em relação aos outros, sejam eles homens ou mulheres, crianças ou adultos, jovens ou idosos.

Ou seja, o indivíduo é transmissor desses bens intangíveis, por se ambientar socialmente, estar propício a mudanças de ideais, biológicas, religiosas, visão de mundo e isso o leva a buscar novos grupos sociais e mentalidades que se fazem compatíveis com os processos de mudança. Esse fator desencadeia uma alteração nos juízos de valores colocados sobre o patrimônio imaterial, pois eles são construídos dentro da esfera social e histórica.

### 1.3 O Patrimônio Cultural Imaterial

Os conflitos bélicos dos séculos XIX e XX tiveram como motivação não apenas questões econômicas, mas, também, motivações de caráter ideológico-cultural que viam nas diferenças sociais e na diversidade cultural razão para muitas atrocidades. Diante desse cenário, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) fomentaram o desenvolvimento de estratégias e normas para as nações mundiais em prol da valorização e da proteção do patrimônio cultural, com o objetivo de construir uma sociedade que valorizasse e respeitasse a diversidade cultural e protegesse os bens que viriam a ser necessários para a qualidade de vida dos diversos povos (GUANAIS; QUEIROZ, 2020, p. 15).

Novas condutas foram construídas em relação à valorização dos bens patrimoniais como afirmação da história humana. Até o momento o que vinha a ser característico desses bens eram apenas os elementos concretos construídos pelo homem, ou seja, os monumentos, caracterizando-os como patrimônio cultural mundial. Assim, outras maneiras de pensar o patrimônio vêm mudando os debates sobre essa temática. Um dos elementos reside, justamente, no “[...] efetivo resgate do patrimônio [...] que visa incluir sua apropriação coletiva e democrática, ou seja: criar condições materiais e simbólicas para que todas as classes possam encontrar nele um significado, e compartilhá-lo” (CLANCINI, 1990, p. 103).



Passou-se a priorizar movimentos a favor do reconhecimento e da valorização internacional do patrimônio de natureza imaterial, aquilo que viria a ser a tradição e cultura popular, o que resultou em um posicionamento de alguns países que já se empenharam na valorização desses bens, pedindo à Unesco que refletisse e construísse uma nova visão do que viria a ser conservado como patrimônio.

Em 1983, a Unesco, em sua conferência geral realizada em Paris, adotou a Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, reconhecendo a grandiosidade da tradição popular, em que segundo a UNESCO (1989, p. 1) ela é vista como “[...] um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais existentes e de afirmação de sua identidade cultural”. Essa conferência teve como objetivo atribuir a esses elementos valor patrimonial, o que foi de grande importância para entender o processo de salvaguarda da expressão cultural popular, definida pela Organização como “[...] criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos [...] enquanto expressão de sua identidade cultural e social” (UNESCO, 1989, p. 2).

O documento ainda destaca que a salvaguarda da cultura tradicional popular está sob responsabilidade de todos os grupos e segmentos da sociedade, seja ele familiar, nacional, profissional ou até mesmo religioso em que se exprime a identidade e cabe aos estados a missão de proporcionar pesquisas específicas a nível nacional e internacional com o intuito de criar um inventário nacional de instituições interessadas na cultura tradicional e popular; criação de programas de identificação e registro entre outras coisas (UNESCO, 1989).

Também, é dever do Estado a criação de arquivos, de museus com seções específicas para a cultura tradicional e popular; proporcionar formações profissionais destinada a conservação física e analítica dos documentos, tudo isso com a finalidade de conservar os documentos vinculadas às tradições da cultura popular, para que, caso haja um romper de alguma tradição ou a evolução dela, os pesquisadores e detentores da mesma, possam usufruir de informações que os ajude na compreensão desse processo de modificação (UNESCO, 1989). Dessa maneira, percebemos que há uma preocupação não apenas com a valorização dessas culturas, mas com as modificações que elas podem sofrer ao longo do tempo, dando ênfase à documentação, como maneira de consolidá-las por muitas gerações, tendo em vista que a tradição popular é algo vivo, que está sujeita a mudanças, devido aos processos de interação com o outro e transformação social.

Notadamente, os bens imateriais começam a se expandir no processo de valorização patrimonial. Nos deparamos, posteriormente, com a criação de mais um programa de afirmação de valores. Em 1993, a Unesco propôs às nações o projeto intitulado “Tesouros Humanos Vivos”, que se tornou algo de destaque e de grande relevância na política preservacionista da cultura tradicional popular da Organização, o qual vem a ser um mecanismo de proteção dos bens culturais vivos, ou seja, tradições orais, que tendem a se dissipar ao longo do tempo. De acordo com IPHAN (2006, p. 125), esse projeto tem como desígnio “[...] instar os Estados Membros a preservar as tradições orais ameaçadas de desaparecimento através do reconhecimento e apoio oficial aos “detentores” desse saber.” O Estado brasileiro toma um caminho diferente, desenvolvendo o Registro, que viria a ser um instrumento legal de identificação e proteção do patrimônio cultural imaterial, resultando em uma grande repercussão internacional, no que se refere a políticas inovadoras dele, como afirma Guanais e Queiroz (2020, p. 16),

A política de salvaguarda do PCI foi constituída de forma competente e cuidadosa, refletindo o amadurecimento de décadas de atuação na produção de conhecimento e apoio à cultura popular e ao folclore; repercutiu internacionalmente e, de certo modo, influenciou a Unesco a avançar na abordagem da dimensão imaterial do patrimônio.

### 1.3.1 Trajetória de Valorização dos Bens Intangíveis no Brasil

O primeiro momento em que se tem registro na história brasileira de iniciativas visando à valorização de monumentos históricos se deu no século XVIII, quando o vice-rei do Brasil, D. André de Melo e Castro, o Conde das Galveias, entre os anos de 1735 e 1749, escreveu uma carta ao governador de Pernambuco, se posicionando quanto a ação de demolição de uma das obras já existentes na capitania. Em sua escrita, D. André de Melo e Castro mostrava sua indignação por desfazer de uma “herança” deixada pelos povos que passaram por ali (IPHAN 1980).

Algumas cidades, atualmente catalogadas como históricas, começaram a sofrer algumas consequências em detrimento da falta de projetos que visassem a proteger os monumentos nacionais, como foi o caso do Estado de Minas Gerais, onde o presidente estadual Mello Vianna organizou uma comissão para discutir maneiras de proteger o patrimônio cultural do estado. Sua finalidade, segundo IPHAN (1980 p. 10) “[...] era impedir que o patrimônio histórico e artístico das velhas cidades mineiras se consumisse pelo efeito do comércio de antiguidades que já principiava a reduzir aquele acervo”. Esse anteprojeto, entretanto, não foi válido para o congresso nacional, porém serviu de gatilho

para que outros estados também se posicionassem e criassem leis estaduais, como foi o caso da Bahia com a criação da Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais integrada à Diretoria do Arquivo Público e Museu Nacional e do estado de Pernambuco, que, além da criação desta mesma Inspetoria, embasou as leis vigentes na atualidade em relação à proteção patrimonial, como destaca Fuenzalida (2018, p. 45),

A criação do patrimônio no Brasil foi, portanto, consequência dessa tomada de consciência sobre o passado, que gerou uma determinada concepção de história, implicando numa forma específica de compreender a relação passado/futuro. O barroco foi percebido como a primeira manifestação cultural tipicamente brasileira, possuidor da aura da origem da cultura brasileira, ou seja, da nação. Foi tido como representação do autêntico, de estilo puro e índice da civilidade cultural do Brasil.

É sabido que todo o processo histórico voltado ao patrimônio cultural nacional se constrói dentro de uma consolidação da identidade nacional. A partir da necessidade de consolidar o país como uma nação, movimentos vão sendo construídos na busca de elementos que pudessem representar a cultura brasileira, tentando fugir das reproduções europeias que, por sua vez, tinham grande influência sobre os países no quesito civilização. Nesse momento, o país começa a se abrir para novas discussões a respeito da conservação patrimonial e o quão importante é para o Brasil ter sua identidade e representatividade cultural.

Esse processo se deu com a influência dos intelectuais modernistas, o qual denunciaram o descaso com as cidades históricas do estado de Minas Gerais e deu início a construção de iniciativas que visavam a proteção e preservação de monumentos. Assim, em 1936, foi criado pelo então Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, o Serviço do Patrimônio Histórico e Cultural Nacional (SPHAN) - hoje denominado, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - um dos mais importantes projetos criados em nível federal, em que durante os anos 1920 e 1930 os intelectuais modernistas, responsáveis pela administração do órgão e pela construção de documentos, como as diretrizes, se lançaram em estudos voltados para o país com o intuito de trazer valorização aos elementos que constituem a identidade cultural do Brasil.

Nesse processo, um nome muito importante se destaca, Mário de Andrade, pois coube a ele “[...] a tarefa de elaborar um anteprojeto para a criação de uma instituição responsável pela proteção do patrimônio cultural brasileiro” (FUENZALIDA, 2018 p. 45). De maneira geral, neste anteprojeto, buscava-se uma integração da cultura popular - saberes, lugares, manifestações, costumes, fazeres - ao patrimônio (que hoje denominamos

como imaterial) como representatividade do nacional, ao SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Houve, sem sombra de dúvidas, avanço no reconhecimento do que vem a ser patrimônio cultural em sua maneira mais ampla, valorizando não só o monumento em si, mas também a cultura popular.

Apenas os costumes provenientes da alta sociedade eram valorizados. No início, os processos de construção da identidade brasileira eram superficiais, pautados em valores eruditos, deixando de lado os costumes de um povo que já vivia nessas terras mesmo antes da chegada dos portugueses. O que se percebe nos últimos tempos é uma mudança importante do que é categorizado como patrimônio. Agora, a cultura popular também ganha espaço, cultura esta que representa a maior parte da parcela da população brasileira, o povo como um todo. Com efeito,

O anteprojeto elaborado por Mário de Andrade, em 1936, buscou abranger as mais diversas formas de manifestações culturais de nossa sociedade [...] e quis zelar de forma igualitária pelo conhecimento popular, erudito e técnico [...] era necessário que o conhecimento sistematizado dentro do departamento fosse propagado entre todos os segmentos de nossa sociedade. (FUENZALIDA, 2018 p. 45).

De acordo com Andrade (2015), este anteprojeto, visando a construção do SPHAN, serviu de base para a elaboração do Decreto-Lei Nº 25, de 1937, que definiu o que vem a ser o patrimônio cultural e pôs o tombamento como instrumento principal. De maneira geral, esse anteprojeto se baseou nas ideias de Mário de Andrade, que via a possibilidade de o Brasil se tornar um país civilizado através da construção de sua própria identidade, deixando de lado os padrões europeus tão valorizados e, conseqüentemente, almejados nesse período.

Mário de Andrade percorreu todo o norte e nordeste do país em viagens com um olhar voltado para a cultura popular, indo ao encontro das raízes brasileiras e de lugares vistos como fonte da memória do país. “Para ele, era o folclore a via que permitiria a compreensão do contexto nacional, por ser a forma de expressão autêntica do povo” (FUENZALIDA, 2018 p. 46). Toda sua trajetória pelo interior resultou, também, em uma obra intitulada *O Turista Aprendiz*, que vai trazer os relatos de viagens às remotas regiões brasileiras, bem como a tradição e religiosidade de seus habitantes.

Entretanto, esse anteprojeto foi descartado por um tempo e a ideia central do SPHAN retomou a valorização da cultura erudita em detrimento das demais (SIRQUEIRA, 2019), como mostra no Decreto-Lei 25, de 1937. Posteriormente, nos anos

70, os ideais de Mario de Andrade são retomados pelo Centro Nacional de Referência Cultural e, logo depois, pela Fundação Nacional Pró-Memória (IPHAN, 2006, p. 15).

Artigo 1º - constitui o patrimônio histórico artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL 1937, Art. 1º).

Mesmo não tendo sido levadas adiante naquele momento as propostas do anteprojeto de Mário Andrade, o anteprojeto se tornou algo importante para as mudanças na forma de catalogação do que viria a ser preservado. Movimentos começaram a crescer pelo país com críticas à forma de escolha do patrimônio imaterial, exigindo o reconhecimento e a valorização da cultura popular como um bem intangível.

Tudo isso foi propulsor de mudanças significativas na política preservacionista, até mesmo pelo fato de que o próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), reconheceu que o que estavam colocados como bens da nação não refletia a diversidade cultural e social que representava a sociedade brasileira (SIRQUEIRA, 2019). Andrade (2015) aponta como os ideais trazidos no anteprojeto tinha uma concretude, pendurando-se até a contemporaneidade,

Conceitos como o de arte ameríndia e popular, bastante abrangentes, incluindo o que hoje denominamos de saberes, fazeres e falares, ou o de paisagem cultural – sem ainda receber esta denominação –, já estão presentes em sua proposta, o que lhe confere impressionante contemporaneidade após tantos anos. As sementes ali lançadas irão germinar ao longo das oito décadas seguintes, antecipando em vários aspectos – especialmente na dimensão imaterial – as iniciativas e convenções da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), referência internacional na preservação do patrimônio cultural, criada em 1946, bem como a Carta de Veneza, de 1964, cuja influência na preservação do patrimônio cultural em todo o planeta ainda se faz sentir. (ANDRADE, 2015 p. 12 - 13).

Ainda, seguindo a linha de pensamento de Mário de Andrade, o folclore popular, se tornou imprescindível na esfera do patrimônio cultural imaterial, pois é nele que deparamos com a identidade cultural da população brasileira, um misto de muitos povos, com costumes, crenças e ideologias, porém com muita representatividade cultural. Desta forma, em 1947, o plano federal instituiu a Comissão Nacional do Folclore (CNF), que tinha como finalidade, mapear as expressões culturais populares de cada localidade.

Esta instituição coaduna-se com o movimento folclorista, que busca na própria matriz do país uma identidade, ou seja, a construção da nação através de estudos, pesquisas e políticas públicas voltadas para preservação da cultura popular (FUENZALIDA, 2018 P. 52). Desde então, ela vem sendo um marco importante na propagação desse conhecimento

cultural aqui discutido, além de desenvolver ações que visam a continuidade e proteção dessas manifestações culturais (IPHAN 2006). Rocha (2009, p. 222) ainda complementa que “[...] a atuação da Comissão Nacional de Folclore [...] não deixa dúvida quanto à importância política deste tema no cenário nacional, inclusive, na produção da Cultura Brasileira”.

Fazendo um panorama histórico, o termo folclore (folk-lore) foi categorizado em 1848 pelo então etnólogo inglês William John Thoms, como termo de estudo das antiguidades populares. Logo em seguida, o termo ela se torna sinônimo de cultura popular e se relaciona intrinsecamente com a ideia de patrimônio cultural imaterial (ROCHA, 2009 p. 219)

Gilmar Rocha (2009) faz um panorama da maneira como o conceito de cultura popular foi sendo modelado e modificado ao longo dos anos, mostrando assim três fases. A primeira, entre as décadas de 20 e 60, que consistiu em um embate entre os intelectuais do movimento folclorista e os sociólogos paulistas que discutiam a autenticidade científica do tema para adentrar no campo metodológico acadêmico. Com a ampla discussão e visibilidade do termo, ele começa a ser associado a um sentido político e ideológico, caracterizando assim a segunda fase, entre os anos 60 e 80. Por conseguinte, na fase três, a partir dos anos 90, o conceito de cultura popular se atrela ao de patrimônio cultural, (mais especificamente o patrimônio imaterial), voltando-se para os aspectos da cultura contada pelo seu próprio detentor, ou seja, um patrimônio oral.

Essas fases aqui expostas se tornam importantes para compreender como esse conceito foi sendo caracterizado e definido ao longo do tempo, expressando uma continuidade de ideias transpassadas no decorrer desse processo.

Sandra Pelegrini e Pedro Funari (2013) destacam a trajetória de valorização da cultura popular e, conseqüentemente, a do patrimônio cultural imaterial, dentro da esfera constitucional nacional, instituindo sua proteção como um dever no exercício da cidadania, tal afirmação pode ser constatada na Constituição Federal de 1988. Na seção II intitulada Cultura, em seu artigo 215, traz que, “[...] o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, tendo a obrigação de conservar “[...] as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”, além da “[...]fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais”.

Nessa nova perspectiva, alguns projetos e comissões foram sendo moldados a fim de atender aos requisitos da nova proposta. Um deles foi o Registro, como citado anteriormente, que foi de grande relevância para as políticas preservacionistas do país, além de ganhar uma repercussão internacional. No ano de 2000, entrou em vigor o Decreto nº3.551, que colocava o Registro, como ferramenta oficial nacional, na proteção do patrimônio imaterial, tal instrumento se assemelha ao tombamento, mecanismo utilizado nos bens materiais (FUENZALIDA 2018).

Em outras palavras, se tomba edifícios e objetos e se registra saberes e expressões culturais, portanto, assim como foram construídos livros de tombamento, também se instituiu livros de Registro dos bens intangíveis, sendo eles Livro dos Saberes; das Celebrações, dos Lugares e das Formas de Expressão. Segundo Pelegrini e Funari (2013); esses livros foram construídos com o objetivo de atender os requisitos do artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que definiu como patrimônio cultural, as manifestações populares e os modos de viver, também criações tecnológicas, artísticas e científicas de documentos, obras, objetos e lugares para manifestações cultural e artística de uma comunidade. Comungando também com o artigo 215 que dá garantias do "exercício dos direitos culturais" e do "acesso às fontes da cultura nacional" (PELEGRINI, FUNARI, 2013, p. 69).

Como disposto na Constituição Federal de 1988,

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

A partir de então, se abriu um leque de possibilidades de categorização do que deve ser considerado como patrimônio, o que antes não se dava valor, agora ganhou espaço. Vamos começar a ver os ritos, festejos, o modo de viver dos grupos populares sendo valorizados, e colocados como peças importantes para a identidade brasileira. Assim, Pelegrini e Funari, (2013, p. 74) apontam alguns bens intangíveis que logo foram registrados nos Livros de Tombo como patrimônio cultural brasileiro,

1. Ofício das Paneleiras de Goiabeiras (dez./2002);
2. Arte Kusiwa dos Índios Wajãpi (dez./2002);
3. Samba de roda do Recôncavo Baiano (out./2004);
4. Modo de fazer Viola-de-cocho (jan./2005);
5. Ofício das baianas de acarajé (jan./2005);
6. Círio de Nossa Senhora de Nazaré (out./2005);
7. Jongo no Sudeste (dez./2006);
8. Cachoeira de Iauaretê - lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (out./2006);
9. Feira de Caruaru (dez./2006);
10. Frevo (dez./2006);
11. Tambor de Crioula do Maranhão (jun./2007);

Como foi discutido anteriormente, podemos notar a forma como os conceitos voltados para a cultura popular, caracterizando-as ao patrimônio imaterial, foram modificando e ganhando mais espaço no quesito preservação e valorização. Até então, apenas os bens tangíveis tinham valor, como obras de arte, esculturas e monumentos arquitetônicos, e os que se referiam às tradições e culturas das massas eram descartados e desvalorizados na compreensão do que se tornaria um bem cultural e patrimonial.

Depois do reconhecimento do patrimônio imaterial pela Unesco na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, em 2003, houve um desencadeamento de uma série de pesquisas em relação à catalogação e ao registro das vivências em coletividade, entendendo as mudanças ocorridas no decorrer do tempo, criando um paradoxo antiguidade e atualidade. Assim, o patrimônio imaterial passou a ser definido como,



[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (CAVALCANTI, 2008, p. 11-12).

Os bens intangíveis – tradições, culturas, festividades – permitem a manifestação máxima das expressões sociais, podendo ser atribuído a esses bens o sentido de “alma dos povos” (PELEGRINI; FUNARI 2013, P. 9), trazendo memórias que fortalecem os vínculos identitários e que contribuem para a elevação da nossa autoestima e retomada de tradições milenares, além da compreensão das visões de mundo de sociedades passadas, atuais e futuras. Entretanto, de acordo com Pelegrini e Funari (2013, p. 9),

As contínuas intimidações às tradições culturais [...] tão prosaicas na contemporaneidade, tem sinalizado a necessidade dos cidadãos de exercerem seus direitos e se mobilizarem em favor da proteção das tradições populares e dos múltiplos e plurais bens culturais de toda a humanidade.

O que nos faz refletir, que, mesmo diante de direitos resguardados pela Carta Magna Brasileira, ainda nos deparamos com violações a esses direitos quando falar sobre cultura e preservação se tornou objeto de censura. Isso faz com que haja uma luta incessante como sinal de resistência de alguns povos, como maneira de fazer valer seus direitos e de preservar suas tradições (CAVALCANTI, 2008).

Segundo Cavalcanti (2008, p.12), “Trata-se de um instrumento de reconhecimento da diversidade cultural do território brasileiro e que traz consigo o relevante tema da inclusão cultural e dos efeitos sociais dessa inclusão”, ou seja, o patrimônio cultural imaterial, portanto, é algo amplo que perpassa por várias esferas culturais, como as pessoas que se identificam naquela determinada tradição, suas criações, seus públicos, suas dificuldades e sua influência social. E quando se tem a compreensão desses diversos processos grandiosos acoplados em um único termo, se amplia a visibilidade da dificuldade que se tem nas políticas públicas relativas à cultura e às menções à identidade e memória produzidas pelo próprio país em diálogo com outras nações.

Proteger os bens culturais do país, para as políticas protecionista do patrimônio imaterial, é zelar pela heterogeneidade dos povos brasileiros; é permitir a apropriação dos recursos patrimoniais de maneira simbólica para promoção do desenvolvimento econômico, cultural e social nacional; também é difundir a responsabilidade e

compromisso de atuar na preservação e proteção dos bens imateriais, além de permitir o acesso aos benefícios trazido por ela (IPHAN 2006).

Dessa maneira, podemos notar uma trajetória no processo de valorização e proteção dos bens culturais brasileiros, em que não há apenas a valorização em si, mas também o desenvolvimento de mecanismos básicos para a aplicação da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, com a criação de projetos de mapeamento e registros de referências culturais implantados por todo território brasileiro (IPHAN, 2006, p. 10).

A construção da consciência relacionada ao patrimônio cultural intangível possibilitou o enfoque dos bens culturais que não estavam sendo abrangidos pelas políticas públicas do patrimônio que, até então, eram direcionadas apenas às particularidades, sendo elas o valor histórico e artístico para ser compreendido o que vem a ser o patrimônio cultural imaterial. E a oralidade se torna peça importante nesse processo, pois através dela conhecimentos e saberes são transmitidos, esse fator contribui na discussão a cerca de políticas públicas voltadas para a cultura popular, pois esses fatores (saberes, tradições) são importantes na identificação da cultura popular.

## **2. Memória social e construção de uma identidade.**

As abordagens do capítulo anterior, que tiveram como foco o patrimônio cultural, mais especificamente o patrimônio cultural imaterial, nos leva, neste capítulo, a discutir, de maneira mais profunda, as especificidades da memória no campo das ciências sociais, e sua relação com a construção da identidade de uma comunidade, trazendo-a como elemento central nessa construção.

Segundo Le Goff (1924, p. 423), a memória, tal qual conhecemos pelo seu conceito popular, está associada, na maior parte das vezes, a um determinado campo do saber científico, sendo ela relacionada à função de guardar informações passadas, renovadas pelos indivíduos através das diversas formas de uso da mente. Entretanto, alguns estudiosos já a alinham ao âmbito da ciência social e humana voltando-a para um lugar de interação onde se constituem narrativas que contribuem na estruturação das identidades coletivas.

É com base nessa premissa que se procurará discutir as narrativas/relatos de memória do povo Ibicoarenses, obtidas na amostra do *corpus* linguístico da comunidade, construído através do uso da história oral. Será observado o contexto histórico, cultural e social da cidade de Ibicoara-Ba, lócus central da pesquisa.

A memória, dentre tantos significados atrelados a ela, vai ser aqui discutida como espaço de lembrança. Lembrança de um passado distante, ou presente, que traz uma singularidade e importância única para o indivíduo que a vivencia e, quando relacionada a fatores específicos, como na esfera social, carrega elementos que permitem a consolidação da identidade de um indivíduo, de um grupo, ou mesmo de uma comunidade, contribuindo para o fortalecimento da nação como um todo.

Ela também traz à tona resquícios de um passado que pode ter sido cruel e as marcas deixadas pelas lutas em prol da liberdade de um povo, fazendo com que erros do passado não se repitam e, quando estes se tornam reais novamente, a memória pode ter o poder de despertar a consciência e de não permitir a alienação de nossas mentes. A memória é, portanto, lugar de reencontros, de realidades vividas por uma geração, um lugar de multiplicidade, de poder e fonte de conhecimento, como afirma Santos (2002, p. 11):

Por memória podemos compreender reminiscências através das quais nos encontramos com o passado, repetição de atitudes e sentimentos dos quais raramente nos damos conta, construção e reconstrução de nossas identidades ao longo de nossas vidas, e até mesmo o inexplicável saber.

Retomando um pouco a forma como se era apreendida e analisada a memória, percebe-se que os estudos se voltavam especificamente para as funções do psíquico<sup>3</sup>, em que o homem armazena suas interações e informações categorizadas como relevantes; assim ela se relaciona à psicologia, neurologia, aos estudos da amnésia, à esfera educacional no sentido de aprendizagem e o desenvolvimento da criança entre outras ciências.

Posteriormente, as abordagens foram se encaminhando para o campo das ciências humanas e sociais, e a memória se tornou um elemento fundamental na construção e fortalecimento de uma cultura e identidade de um grupo social, abrindo-se para outros ramos de estudo em áreas do saber que antes não se relacionavam a ela.

Le Goff (1924, p.424), em *História e Memória*, traz essa nova perspectiva: “alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais”. Ele, portanto, enfatiza a fragmentação da ideia tradicional do uso de recursos no auxílio da arquivagem dos registros deixados ao

---

<sup>3</sup> Funções psíquicas estão relacionadas às questões da mente, como a consciência, memória, pensamento, juízo da realidade, personalidade, entre outros. No contexto apresentado, a memória está representada apenas nos estudos da mente.

longo da vida humana, ou seja, os vestígios mnemônicos<sup>4</sup>, abrindo espaço para as diversas ramificações e formas deste arquivamento, saindo do convencional, voltado a um determinado saber científico, e ampliando às outras ciências.

Novas linhas de se pensar a memória foram se formando; psicólogos e sociólogos começaram a vincular a memória à sociedade. Nesse cenário, a linguagem e as narrativas se entrelaçam ao mnemônico onde, na ausência de recursos materiais (objetos), as narrativas ganham espaço:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória" (HENRI ATLAN 425 - 1972, p. 461 apud LE GOLFF 1924, p. 425).

A exemplificar, podemos analisar as comunidades na antiguidade em que a escrita ainda não havia sido criada da maneira como conhecemos atualmente, o meio de difundir as tradições, os ritos e crenças eram por meio das narrativas. Algo importante de se pensar é a relação da linguagem nesse processo, visto que ela é um produto da sociedade.

Segundo Pierre Nora (1993 p. 8), “A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. Quando falamos sobre as memórias de uma comunidade, transmitidas através de narrativas, é importante pensar sobre o fator esquecimento e as consequências obtidas na esfera coletiva. Ao relacionar este termo às relações sociais de proteção e valorização da cultura ou mesmo a um passado de um dado grupo nos deparamos com o possível desaparecimento das raízes históricas desses agentes sociais, uma vez que elas servem de referência e base para a consolidação da identidade do indivíduo e da construção do sentimento de pertencimento a um determinado grupo. Desta maneira, estamos aqui tratando de algo maior, a perda de uma memória coletiva.

## 2.1 Memória coletiva e esquecimento

A memória é algo plural, que pode trazer alguns significados divergentes; trazendo ramificações de outras teorias que não se relacionava as questões do psico. Assim, de maneira mais comum, ela é colocada como ato de recordar de algo que já se passou, seja uma lembrança da infância, um recado que outrora foi anunciado, uma letra de uma canção e o recordar para o aprender. Todos esses elementos estão presentes, por

---

<sup>4</sup> Mnemônico é a técnica de memorização.

exemplo, no relato de uma senhora de sessenta e dois anos, retirado do *Corpus* Linguístico de Ibicoara (CLIBA<sup>5</sup>):

**Quadro 1:** Recorte 1 – M.N.B.R.

**1 - M.N.B.R. (CLIBA) INF:** ah, Beto... na infância da gente foi assim... a escola era um pôco longe, a gente ia pra escola, lá a gente brincava de...de boneca, levava na hora do recreio, né, brincava... e... brincava de roda, né, era as bricadêra que a gente tinha e... quando vinha pra casa à tarde a gente fazia a lição da escola e ia pra roça, né, fi... colhê um cafézinho pra ajudá o pai mais a mãe, né. [...] **Tinha um negócio de brincá de... de boneca... de boneca de pano, a gente tinha aquelas bonequinha de pano, aí ajuntava as menina, arrumava a casinha debaixo do pé de pau ali já Canjerana, e a gente brincava, tinha eu, Marinalva, Lurdinha, e aí a gente brincava, com isso o tempo passava, tomava banho de rio, né, pescava, a gente pescava piaba de balai de pano, de vez em quando aparecia uma cobra que num dava muito certo, viu. E aí como a gente chamava a Canjerana era chêa de cobra, né, e aí eu tinha muito medo, quebrava os prato da minha mãe tudo [...] ai levava o balain de prato na cabeça quando a cobra passava o balain... os prato de barro, panela de barro, prato de barro, às vez eu deixava sem nada dento de casa, porque quebrava tudo [por causa disso], [trabalhava lá] lavava, tomava banho lá mermo, a gente lavava a rôpa, e... era assim, né. [...] **Os baile, quando a gente foi crescendo, ficando mocinha, né, tinha aqueles baile de sanfona, pandêro, vilão, tinha Vavá que fazia aquelas festa boa de casamento, né, os pais chamava casá das filhas, chamava o Vavá pá tocá, tinha Devin sanfonêro também que era muito bom pra tocá, e aí essas festa amanhecia o dia, e eu como num gostava muito de dançá era de sete da noite à sete do dia, as festa de antigamente era assim, era uma diversão só, não tinha esse nogóço de bolo de noiva comprava aqueles biscoito palito, fazia uns avoadô, e nisso tomava café todo mundo, não tinha negócio de tá refrigerante, num sei o quê, aquelas coisa de hoje, né, e todo mundo ia embora dessa festa satisfeito, quando era no ôtro dia manhecia todo mundo ressaquiado dessas festa.****

**Fonte:** Dados da pesquisa

Nesse relato, as lembranças da infância misturam-se numa pluralidade de fatos, acontecimentos, vivências que abarcam diferentes aspectos da sua vida e que, de certa forma, compõem a integralidade do seu viver, onde as brincadeiras tinham papel fundamental e parecem estar na base de sua memória. É, ainda, indicador da não dissociação memória/sociedade, posto evidenciar aspectos que diziam respeito a comportamentos sociais coletivos que demarcavam uma dada época e sociedade.

Segundo Santos (2012, p. 39), no início do século XX Maurice Halbwachs e Frederic Charles Bartlett apresentaram estudos em que se estabeleciam as bases para se romper com o conceito de fragmentação entre memória e sociedade, passando a colocá-las

<sup>5</sup> CLIBA – *Corpus* Linguístico de Ibicoara Bahia.

lado a lado, sendo uma dependente da outra, ou seja, a memória como uma construção social.

A memória começa a ser apreendida pela perspectiva do social e, a partir disso, começa a ganhar sinônimos como “tradição”, “memória social”, “traços da matéria” que simbolizam as ramificações que foram sendo moldadas através de um único ponto, a memória. Tal perspectiva possibilitou os mais diferentes estudos das mais diversas faces da memória através dos quais a forma como se dá seu funcionamento vai sendo tecida (SANTOS, 2002, p.3).

Assim, a memória coletiva foi ganhando novas análises em alguns segmentos, uma dessas análises faz relação da memória coletiva como “fenômeno coletivo”:

A memória como "fenômeno coletivo" é compreendida como resultante da ação do indivíduo na sociedade - abordagem presente nos trabalhos de historiadores e sociólogos que procuram uma lógica inerente às tradições culturais e às histórias oficiais. Neste caso, as tradições são explicadas a partir de éticas e valores religiosos e seculares, e os esquecimentos coletivos pelo processo de desumanização ocorrido na sociedade burocrática (SANTOS, 2002 p. 3).

Essa análise teve grande relevância para os estudos das ciências sociais, em que agora a memória é vista como produto de interações do meio, entre os indivíduos e, indo mais além, para a sociedade como um todo, que se configura por conflitos de culturas divergentes. Ainda é importante ressaltar as proporções históricas que essas memórias coletivas carregam entre si.

Essas interações são fruto de convivências em grupos que vão se constituindo por uma determinada afinidade, seja na escola, na família, na igreja e em instituições específicas. Com o tempo, alguns desses laços vão sendo desfeitos, e a lembrança de um dado acontecimento pode ser esquecida por um momento; entretanto, quando há um encontro desses indivíduos em um determinado espaço de tempo aquela memória retorna, não por uma pessoa unicamente recordar dela, mas pela coletividade, pois as situações em que vivenciamos, são sempre compostas por olhares subjetivos e não um único e quando juntas se complementam. Como destaca Halbwachs (1990, p. 34),

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

O esquecimento é atribuído à quebra do vínculo com aquela memória, mas logo quando algo como um gatilho a aciona, ela retorna com a mesma fluidez que um dia já estava, isso é possível através das pessoas, dos objetos, de fotos que fizeram ou fazem parte da trajetória de vida de um indivíduo. Assim, podemos assemelhar também uma comunidade, com o passar do tempo e a evolução tecnológica, muitas coisas deixam de ser como eram, dando espaço para novas situações, seja um brinquedo, uma nova forma de se brincar, novos meios de se socializar, de conhecer pessoas, de registrar e guardar aquela fotografia ou vídeo, a evolução faz parte da vida das pessoas e mudar sempre é importante.

Com todas as evoluções e transformações que se passa na vida do indivíduo, existe a necessidade única de reportarmos às nossas raízes, pois são elas que carregam a nossa identidade, a sensação de pertencimento a um dado grupo. Esse espaço de recordações está vivo na memória da comunidade que se está inserido. Assim, ao agruparmos narrativas dos membros daquele grupo, construímos um espaço de lembranças, uma memória coletiva.

Há lugares em que as tradições culturais são tão fortes que permanecem através das narrativas das pessoas que ainda mantém viva aquela dada tradição, e esta vai passando para os novos membros da comunidade que vão chegando ao longo do tempo; mas também há comunidades que deixaram perder suas tradições e isso é algo empobrecedor para a cultura e a identidade delas. Um exemplo é a tradição de acender fogueiras no período da festa de São João, na cidade de Ibicoara que, com o tempo, foi-se perdendo, como mostra trechos de duas entrevistas retiradas do CLIBA,

**Quadro 2:** Recorte 2 - E.S.L.

**2 - E.S.L. (CLIBA)** [...] quando eu era... **chegava essa época de São João, a gente costumava fazer as fogueiras, cada pessoa acendia sua fogueira e era uma época muito boa também que aí você saía vizitano as casas, as pessoas que acendia a fogueira, passava na casa de um tomava um café, comia um bolo, alvador, comia um milho e ia passano.** Passava a noite assim né? desse jeito. Depois chegô as festas... vieram as festas pra cá, as bandas, pra tocar na rua, então aí já deu uma quebrada mais nessa **tradição das fogueiras, o pessoal deixou mais de fazer as fogueiras**

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 3:** Recorte 3 – A.O.F.

**3 – A.O.F. (CLIBA) INF:** [...] **Que logo assim que a gente mudou pra rua na rua lá onde eu morei antes, você contava de uma ponta na outra as fogueiras. Cada casa tinha uma fogueira e cada casa tinha um licor, tinha um [ININT], tinha um bolo de milho, tinha a canjica, tinha tudo.** Você ia de

casa em casa como eu disse antes né, Então o pessoal tinha mais aquela alegria, aquele negócio mais... mais rústico e mais popular. **Porque hoje geralmente é essas festas né com bandas boas [ININT] que as vezes nem toda... fogueira é raro. Aqui a gente ainda acende fogueira nessa rua, acho que eu conto aqui umas 2 ou 3 fogueiras só nessa rua, a gente ainda acende o mínimo. Então assim, tá perdendo um pouquinho aquele São João tradicional, tá ficando um São João assim mais... sei lá, mais mudado, muito mudado né?**

**Fonte:** Dados da pesquisa

Nos relatos apresentados nos quadros **2 e 3** notamos que o ato de acender as fogueiras nos festejos de São João era algo bem tradicional da comunidade, entretanto com o tempo esse costume começou a desaparecer. A substituição e o esquecimento de tradições não é fator isolado, nem localizado, mas um movimento global, mundial, parcialmente explicado pelo avanço da globalização.

A globalização permite o intercâmbio de culturas entre os países, ocasionando uma massificação cultural. Esse fato faz com que não haja apenas algo tradicional de uma comunidade, mas deixa a abertura para mudanças. As novas culturas atribuídas ao São João, como retratado nos relatos, podem ser tomadas como consequência desse processo, dessas trocas de culturas que vem ocorrendo entre os indivíduos numa tentativa, talvez, de trazer algo unificado.

Na comunidade de Ibicoara, conforme relatado pelos moradores, antes era comum que houvesse o sanfoneiro e que as festas fossem na zona rural com comidas típicas do período. Com o tempo, as mudanças tornaram-se visíveis, as festas se tornaram-se mais regulares e padronizadas, incorporando elementos idênticos em todos os lugares em que se comemoram os festejos juninos no país; tudo ocorre em uma mesma linhagem, bandas sob o palco algumas com estilos musicais voltados para o forró tradicional, e, ao mesmo tempo, outras com estilos divergentes. Isso é algo típico da globalização, que induz a igualdade de hábitos e costumes, antes cada lugar tinha sua forma de realizar o festejo junino, com essa difusão cultural se tornou algo mais padronizado.

As manifestações culturais no mundo atual estão em constante mudança, com as trocas feitas entre grupos culturais diferentes, e o que nos chama a atenção é que essa inconsistência cultural pode resultar em uma perda da identidade, pois, nesse momento, as pessoas não conseguem mais se ver dentro de sua cultura, da comunidade em que se insere, mais sim em outras a nível global.



A memória coletiva tem o poder de fazer com que as pessoas vivam momentos muito antes do seu nascimento, momentos simbólicos de seu país, de sua comunidade, de sua família, que vem como forma de agregar ações afirmativas de identidade e perspectiva de mundo. São lembranças históricas ainda vivas que podem ser adquiridas através das narrativas, de monumentos, de lugares, através das leituras. Elas são um mundo e são necessárias à construção do homem, pois um ser humano sem lembranças ou o contato de suas origens é uma pessoa vazia de si mesmo.

Pode-se pensar na memória como algo importante apenas para o indivíduo na sua individualidade, mas ela vai além, pois é base fundamental na construção e consolidação de uma nação. Essas marcas não se constituem apenas pelas mudanças que ocorrem nas instituições ao longo do tempo, mas pelos costumes que foram sendo moldados nos grupos, na comunidade ou até mesmo na família (HALBWACHS, 1990, p. 56).

É interessante em meio a essas reflexões aqui tecidas, parar um pouco e pensar em uma sociedade sem a memória coletiva, em que os acontecimentos históricos de forma global por exemplo, não estivessem vivos na memória humana, e tudo se resumisse em datas ou coisas pontuais, sem ter um olhar profundo individual e coletivo ao mesmo tempo de uma dada situação. Certamente, ao se deparar com o passado, não saberíamos ao certo o que aconteceu, iríamos percorrer o curso da vida, mas aquilo que impulsionou a transformação, a modernidade, que consolidou lideranças políticas ou mesmo a tentativa de jamais regressar a um passado obscuro para uma parte da população, estaria errado, porque não há agentes que testificam dos fatos, seja em narrativas, na literatura ou mesmo em registros em um *Corpus* Linguístico.

Outro ponto a se pensar é a maneira como a amnésia coletiva se desenvolve, onde se atribui aqui ao desenvolvimento das máquinas e tecnologias que cada vez ganham espaço no meio social, seja como ferramenta de trabalho ou mesmo como passatempo. De acordo com Santos (2002) analistas sociais definem os indivíduos destas sociedades como solitários e vazios por dentro, sem laços pessoais, sem bagagem de vida, inapto a fazer julgamentos em relação ao que está a sua volta, sem memória, pois as experiências adquiridas em sua vida, se tornam informações e as lembranças antigas se formam através da restauração de dados.

Santos (2002, p.2), enfatiza que,

[...] argumenta-se que os suportes materiais da memória, que poderiam estar presentes na vida cotidiana, sendo referenciais do passado e servindo de vínculo de solidariedade entre gerações, foram gradativamente substituídos por objetos

de consumo, efêmeros e descartáveis. Lembranças do passado, nesse contexto, transformam-se em versões oficiais totalitárias ou manipuladoras da história.

Nota-se que, com o advento do mundo moderno, em que as máquinas ditam o ritmo da vida, seja no sentido concreto ou no abstrato, quando aqui nos referimos ao homem ao se transformar em um ser mecânico, trabalhando ou vivendo já no automático, os seus sentidos se perdem, não há mais a destreza do olhar sensível em um momento cotidiano independente seja com sua família ou no seu ambiente de trabalho.

As relações/interações sociais se banalizaram e os momentos vividos não são mais guardados como algo válido de se recordar, pois já não se tem mais os vínculos obtidos nos grupos sociais antigos. Diante disso, falar sobre tradição é reforçar valores e salvaguardar essas memórias passadas, é símbolo de uma luta da humanidade por uma liberdade e pela diversidade cultural.

## 2.2 História Oral

A trajetória de valorização do patrimônio oral no país foi sendo construída sob a necessidade de salvaguardar a cultura nacional. Assim, destaca-se o Projeto Memória Oral SPHAN/Pró-Memória que foi se desenvolvendo através de experiências anteriores com a história oral, com base em entrevistas que naquele momento estavam se firmando nos centros de pesquisa.

Quando falamos de história oral, sempre nos remete a escrita da história, onde muitos historiadores utilizam como base para expor a forma que se dava o método da oralidade durante a antiguidade, alguns gregos, como Heródoto e Tucídides que se valem da narrativa como meio de contar suas histórias. Com o passar do tempo a história oral foi perdendo espaço, quando a história se torna uma disciplina, com isso não se valiam mais das fontes orais como forma de escrever a história (THOMPSON 2009, p. 15).

O historiador tinha que se basear em documentos concretos que comprovem a legalidade dos fatos, ou seja, a forma de se transmitir os acontecimentos através de narrativas, perdem espaço. Somente depois da segunda guerra mundial que se retornam os interesses para as fontes orais. Esse movimento foi chamado de tendência arquivista, em que devido à modernidade, as pessoas passaram a deixar o hábito de relatar em seus diários suas memórias, que para os pesquisadores são fontes ricas de pesquisas, com isso as entrevistas preenchem esse espaço se tornando fontes de informação.

Neste cenário, os Estados Unidos começam a abrir espaço para a pesquisa e a capacitação de profissionais no campo da oralidade. Devido a manifestações sociais

reivindicando direitos civis, a necessidade de se entender a história concreta do país foi sendo construída. Assim, em 1967, houve a criação do Oral History Association, que visava o aprimoramento de pesquisas com base em entrevistas, além de regular as formas que se dariam a relação entrevistado e entrevistador e todos os parâmetros que ajudariam a melhor desenvolver os estudos da história oral. Posteriormente, foi criada a Oral History Society no Reino Unido que também se voltava a questões metodológicas para o desenvolvimento das pesquisas, assim nota-se uma onda de ações voltadas a concretizar e especializar os pesquisadores da história oral.

A partir de então, dois movimentos foram importantes para os trabalhos voltados à história oral, A Prática Arquivística - Estados Unidos - e As Concepções da História Social - Reino Unido. Em linhas gerais, a primeira tendência aqui citada, se relaciona a arquivagem dos fatos, onde oralidade e escrita se relacionam, ou seja, através das entrevistas realizadas se cria uma expansão das fontes orais e a realização da transcrição delas, as fontes escritas, isso permite um arquivamento de documentos e disposição para realização de trabalhos que possam ser publicados resultados das novas pesquisas. A segunda tendência está voltada apenas para a oralidade, em que as narrativas ganham maior visibilidade.

Ambas as tendências trabalham com o mesmo objeto - oralidade - entretanto, valorizando pontos diferentes. As narrativas atribuídas nesses processos trazem consigo histórias de acontecimentos da humanidade, quando vistas de maneira individualizada, pode-se parecer apenas a história de vida de uma pessoa como um fato isolado, mas quando agrupados, retrata períodos da história da humanidade, desde os mais belos, com narrativas familiares de tradições, culturas até os mais sombrios, como os conflitos bélicos, o arquivamento desses relatos, quando estudados permite uma nova percepção dos fatos, contribuindo com estudos dos mais variados campos, seja ele cultural, psíquico, social, geográfico, histórico.

Outro ponto interessante é a posição do entrevistador nesses dois movimentos, pois nota-se uma variação de sua colocação nessas metodologias e através dela o surgimento de novos estudos. De um lado, o entrevistador tem a função apenas de registrar o que está sendo dito pelo entrevistado, ele não se envolve pela narrativa contada, apenas registra e indaga aquilo que é necessário para a entrevista.

Do outro lado, ele é visto por uma perspectiva diferente, em que se coloca como sujeito ativo, além de registrar ele também se insere no contexto. A narrativa oral nesse movimento permite que o entrevistador não só observe as histórias, mas que as

interpretem, vendo-as por um nova óptica e é nesse momento que trabalhos voltados a vida cotidiana das pessoas vão surgindo permitindo que as histórias dos grupos marginalizados que foram esquecidos pela história tradicional sejam contadas.

Nessa linha de pensamento, vemos que as narrativas não vêm sob a perspectiva exclusiva de sujeitos tidos como importantes para a história de uma nação como retratada na historiografia, mas de todas as pessoas que independentemente da cor, da classe social ou mesmo religião, ganham voz e tem suas histórias de vidas valorizadas. Assim, novas ramificações voltadas ao estudo da oralidade, começam a ser desenvolvidas, tendo suas pesquisas realizadas por meio das experiências e vivências do indivíduo, onde por meio delas é possível ter pesquisas que contribuem para a valorização, reafirmação de valores e respeito dos grupos sociais que compõe a diversidade humana. Bosi (2003, p.15) complementa:

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das mentalidades, a História das Sensibilidades” - pode-se incluir essa passagem nas novas correntes de pensamentos que foram sendo construídas através da história oral.

No Brasil, a trajetória da história oral voltada para os interesses culturais não foi tão rápida. Inicialmente, o foco se voltava para questões políticas, mais especificamente ao cenário de redemocratização do país. Em 1975 acontece o desenvolvimento do primeiro programa voltado para história oral, o chamado Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, que vem com o intuito de registrar relatos de pessoas importantes que fizeram parte deste cenário aqui em questão e mais à frente, no ano de 1994, foi fundada por influência da CPDOC a Associação Brasileira de História Oral - ABHO.

É importante frisar que no início desse processo de desenvolvimento da história oral, pensar na sua utilização para fins identitários ainda era escasso, pela falta de valorização desse tipo de fonte, até então o que ainda se tinha de maior visibilidade e credibilidade era os registros escritos, como afirma Thompson (2009, p. 17),

Esse contexto foi bastante influenciado pelos questionamentos sobre a historiografia até então vigente – preocupada com as grandes narrativas e as estruturas econômicas –, porém ainda limitados pela descrença nos documentos orais, os quais eram encarados, então, como carentes de objetividade e de distanciamento temporal, qualidades creditadas aos documentos escritos, tradicionalmente considerados fontes para a história.

No que se refere às ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) quanto às fontes orais, em 1982 houve o primeiro projeto voltado para a oralidade, mais especificamente para registro da história do instituto. Nesse período, quando a instituição ainda se chamava SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criou-se o Projeto Memória Oral SPHAN/Pró-Memória por especialistas “aos quais competia narrar a história das mudanças que foram gerando a progressiva diferenciação e a autonomia desse campo” (THOMPSON 2009, p. 15).

Pode-se observar que este projeto tinha aspecto da tendência arquivista, pois suas ações se destinavam a entrevistas com profissionais que trabalhavam no instituto desde o início da sua fundação e que participaram do seu desenvolvimento. Esses registros foram posteriormente transcritos para a publicação dela aos técnicos do projeto. Durante esse processo de entrevistas não se tinha ainda uma forma específica de procedimentos a se seguir, o que o fez então se tornar a primeira experiência de história oral dentro do IPHAN.

A narrativa é a arte de contar. Repassar histórias e tradições, caracteriza esse instrumento, que tem suma importância na preservação da cultura imaterial de uma comunidade. Ela se constitui na transmissão dos saberes de geração em geração, desde acontecimentos cotidianos quanto grandes eventos de impacto para a humanidade.

Uma comunidade se constrói através de um agrupamento de pessoas, mas buscando um olhar mais sensível para essa construção, observa-se que ela se solidifica através de laços e interesses singulares entre seus membros, construídos ao longo do tempo. Através de tradições, culturas vão sendo passadas pelos mais velhos, tanto na forma de histórias orais quanto em tradições e festejos que vão sendo realizados em datas e eventos específicos:

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber (DELGADO, 2003 p. 22)

Observa-se que o valor de se narrar os acontecimentos tem-se perdido no espaço, mediante a evolução tecnológica. É importante destacar que não se trata de condenar ou refutar tais processos, visto que as mudanças/evoluções são necessárias e constantes para a humanidade, mas é importante termos em mente a importância dessas memórias narradas como um elo entre o passado e presente. É preciso fazer com que os acontecimentos

passados, seja a nível mundial ou mesmo as tradições de uma comunidade, não seja algo tão distante, fruto do imaginário dos antigos, o que, por consequência, alimentará gerações futuras.

Esse elo permite uma compreensão desses processos, ou seja, como ocorreu, o que permaneceu durante o passar dos anos, o que se transformou, as narrativas contadas pelos agentes sociais também tem o poder de trazer denúncias, de abrir uma nova ramificação de determinados fatos ocorridos anteriormente e que ainda nos dias atuais podem ser vistos como comum, são as vozes esquecidas que vão contar, versões de acontecimentos que muitas vezes foram sufocadas, deixando como oficiais o olhar de grupos privilegiados.

Um exemplo, são os povos nativos do país, e sua luta constante de resistência e respeito, até hoje ainda se constrói um imaginário do período da colonização e desmistificar certos preceitos impregnados, ainda é algo que vem sendo trabalhado, cada vez mais documentários e projetos voltados a cultura dos povos indígenas têm sido construídos, e eles são feitos à base de relatos de vida. São histórias contadas pelos líderes das tribos, pelas novas gerações que carregam as tradições dos antepassados, são narrativas de lutas, de resistências, de conquistas, de tradição, de festas e costumes do dia a dia, são contadas as raízes do povo brasileiro:

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam. Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam (DELGADO, 2003, p. 23).

Narrativas são importantes para as comunidades, porque são as vozes de um povo sem pré-seleção do que ou quem deve ser os contadores, são tabus que vão sendo quebrados, são histórias ocultas que vão sendo desvendadas, são visões únicas, ligada a questões sociais da memória, é o poder de cada um ser sujeito importante na história de sua comunidade.

### 2.3. O patrimônio imaterial ligado à memória social - Comunidade de Ibicoara em *locus*

Falar sobre patrimônio não é apenas dizer sua importância na comunidade, mas é também o fazer, ou seja, criar a consciência sobre ele e trazer isso para as ações cotidianas, buscando um olhar mais minucioso sobre seu local de origem e poder refletir se, de fato,

essas leis de proteção estão se fazendo valer, ou se ainda não foram dadas a devida importância para as tradições populares e culturais de sua comunidade.

O patrimônio Cultural em toda sua diversidade, seja em seus aspectos materiais, relacionados aos monumentos, locais simbólicos representando a cultura local, paisagens que também trazem essa característica ou pelo imaterial, ligado às expressões e tradições culturais populares, traz consigo uma representação de valores e relevância histórica para a comunidade. Utilizando como mecanismo, o processo de tombamento ou registro, como maneira de permanência e representatividade para a comunidade.

A proteção desses bens proporciona às gerações futuras um fortalecimento identitário, desencadeando um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, através do contato com suas origens e raízes. Essas heranças exprimem a história de um povo, por meio de suas manifestações culturais, portanto, a proteção e valorização dessas raízes culturais são necessárias no desenvolvimento de memórias sociais, que liga todos os agentes que fazem parte de uma comunidade ou que interagem com aquele determinado bem protegido.

A difusão desses bens culturais, quando aplicado à memória coletiva, permite uma ampliação de grupos sociais que comungam laços identitários e ampliam o sentimento de pertencimento a um determinado grupo. Um exemplo desse fato é a difusão da cultura Africana no país, por mais que ainda se tem obstáculos nesse processo, ainda assim, dentro de uma esfera de resistência, vão sendo compartilhados ritos, festejos, expressões culturais, a partir dos quais as gerações que se sucederem tem a possibilidade de entender suas raízes e desenvolver um sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um povo, numa construção de identidade.

Santos, Lopes e Silva (2021, p. 289), ainda complementam:

A partir do momento em que um grupo partilha de uma memória, de uma origem comum, é possível criar elos sociais, uma identidade em comum. Segundo Ada Maneti Dencker (2012), os símbolos de um determinado tempo que são compartilhados por um grupo estão associados com a dimensão política e territorial, e, portanto, garantem a autenticidade do passado. Consequentemente, a identidade criada pela memória comum permite que o cidadão se sinta parte de uma esfera social, e dessa forma, passe a valorizar e buscar a manutenção dos símbolos que fazem parte de sua história.

A memória é algo que vai além das questões culturais, ela é um direito concebido pela democracia, que contribui diretamente para a promoção e difusão da cultura, da cidadania e para o fortalecimento dos direitos humanos (SANTOS; LOPES; SILVA, 2021). “É necessário promover um culto às lembranças, pois o povo que não conhece seu

passado e não valoriza a memória, não consegue dar significação à sua existência” (SANTOS, LOPES e SILVA 2021, p. 290).

A construção e difusão dessa memória deve ser algo colocado como ponto central das comunidades, para que se consolide uma unidade identitária social. Reconhecemos, assim, o quão vasto é o campo da memória e de sua utilização que vai muito além do interno, ou seja, da visibilidade dos momentos significativos na vida do ser humano. A memória, nesse sentido, entra na esfera externa ao corpo e tem o poder de contribuir na construção social de uma comunidade.

É importante, assim, construir um olhar mais significativo para nossa comunidade, o Brasil, uma nação extremamente rica culturalmente. Muitas vezes, deparamos apenas com o todo, com o que é ser brasileiro e a identidade construída pela nação de maneira geral, deixando assim de lado o lugar onde nascemos, crescemos e que temos raízes. Nesse sentido, é fundamental que nos atentemos para a proteção dos bens imateriais e, com isso, salvaguardar a memória da própria comunidade.

O patrimônio oral é algo significativo nessa construção e parte de relatos dos próprios agentes culturais. O objeto central desta dissertação são as narrativas do *corpus* linguístico, produto de um trabalho de catalogação e registro de dados sobre as transformações e permanências ocorridas no local, as tradições, as origens, os costumes e a cultura popular, construído a partir de relatos dos moradores nativos da comunidade de Ibicoara, e o reconhecimento dessas narrativas como acervo e patrimônio cultural imaterial.

#### 2.4 Ibicoara: aspectos históricos e geográficos

Ibicoara é uma cidade localizada no sudoeste da Bahia, na região da Chapada Diamantina. Um lugar rico em sua diversidade natural, com rios e cachoeiras consideradas como algumas das mais belas do país, assim tem-se desenvolvido o turismo ecológico na cidade. Além da fauna e flora diversificada, conta com uma geografia sem igual, pelas suas belas serras como a serra da Águia – um dos cartões portais da cidade (Gravura 1) e a serra do Sincorá que integram o Parque Nacional da Chapada Diamantina. Também é válido destacar a economia da cidade, que tem muito forte a agricultura familiar e a cultura cafeeira que se tornou base econômica do município.

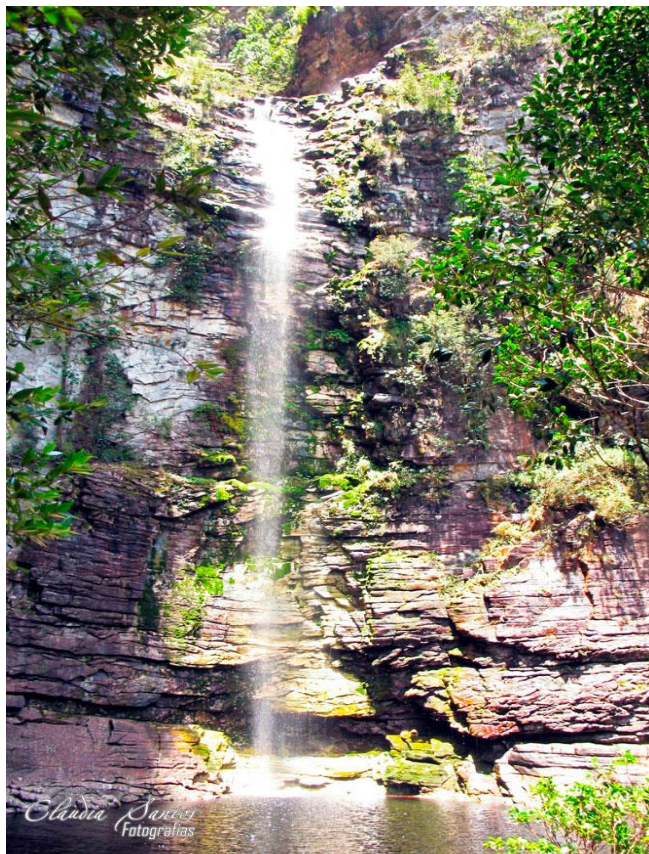


**Gravura 1:** Serra da Águia

**Fonte:** Blog Guia João Ibicoara.

Os rios e cachoeiras ganham destaque, a citar cachoeira do Rio Preto que fica a 07 km da cidade, 04 km de estrada e 03 km de trilha fechada, sendo um lugar frequentemente visitado pelos moradores locais por ser um lugar próximo da cidade onde seu trajeto pode ser feito a pé. Ela conta com longos poços de água em toda a extensão da trilha até a chegada da cachoeira e caminhando mais 1,5 km ainda é possível ir até o mirante da cachoeira que tem um vista de tirar o fôlego. Essa cachoeira tem uma simbologia para a comunidade, por ser ponto de encontro de amigos, nos finais de semana. As águas do rio preto também abastecem toda a comunidade.

**Gravura 2:** Cachoeira do rio Preto.



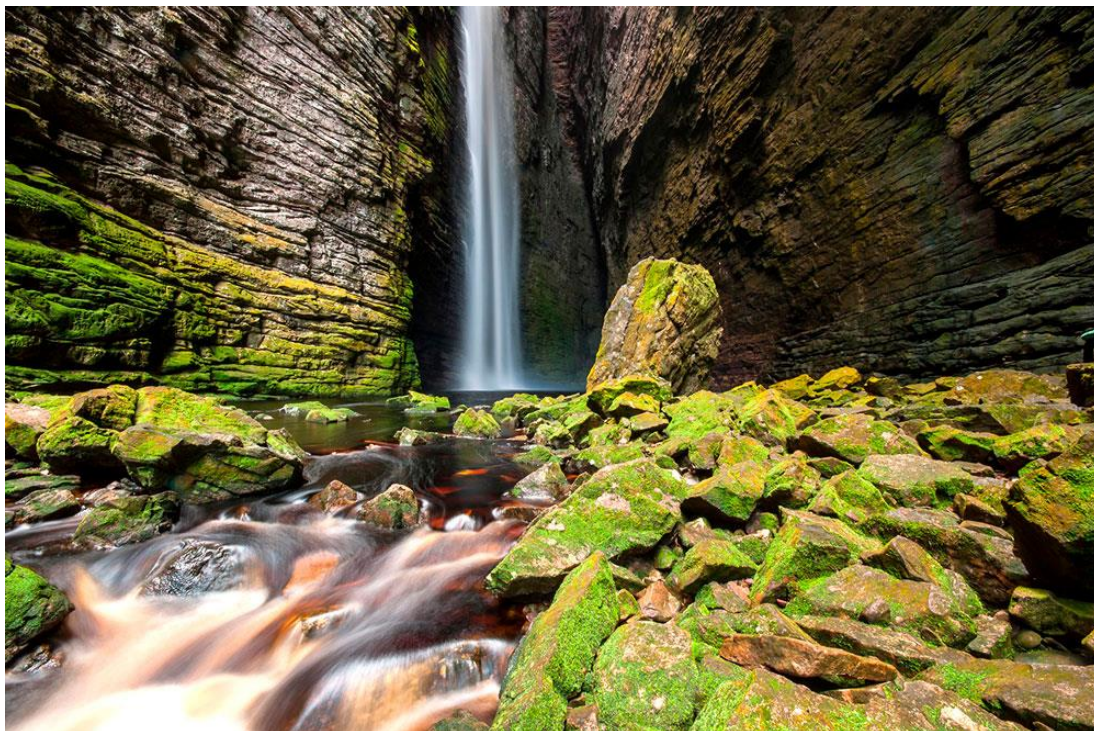
**Fonte:** Cláudia Studio Fotografias

Outras duas cachoeiras que tem destaque no turismo da cidade é a cachoeira da fumacinha e a do buracão. A cachoeira da fumacinha é um lugar diferenciado de se visitar, sendo considerada uma das trilhas mais difíceis da Chapada, uma trilha de 18 km de extensão – ida e volta – partindo do povoado do Baxão. Durante o caminho são encontrados trechos que devem ser atravessados através das pedras, poços de água, pequenas cachoeiras, que vão sendo ponto de descanso até chegar ao destino, além de paredões de 280 metros e grandes cânions<sup>6</sup> que vão lhe acompanhando durante todo o trajeto. Ao final, o visitante se depara com uma grande fenda que esconde a cachoeira, dando um toque de magia, pois ao atravessa-la a cachoeira estará à sua espera com sua exuberante queda d’água com cerca de 100 metros de altura.

---

<sup>6</sup> Cânions são formações rochosas que formam grandes paredões, construídos pela ação da água e do vento nas rochas no decorrer do tempo geológico.



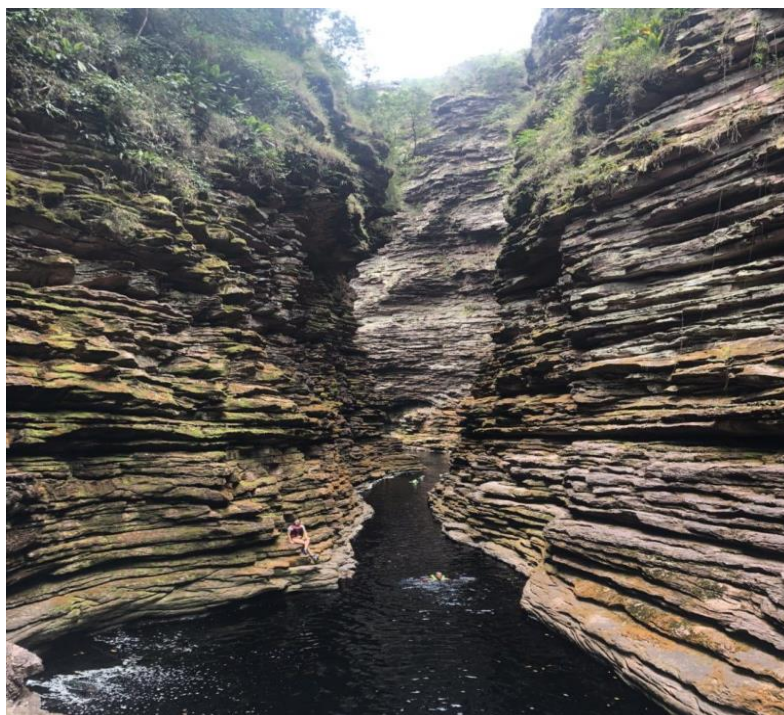
**Gravura 3:** Cachoeira da Fumacinha

**Fonte:** Blog Guia de Viagem Chapada Diamantina.

A cachoeira do Buracão é outro lugar especial e importante para a cidade. Responsável por abrir espaço para o turismo na cidade é visitada por turistas do mundo todo. Sua localização fica a 28 km partindo do centro da cidade até o Parque Municipal do Espalhado e, logo em seguida, são necessários mais 03 km de trilha até o ponto em que fica a cachoeira. Durante todo o caminho nos deparamos com a fauna e flora encantadoras, o rio espalhado, cachoeira do buracãozinho, cachoeira das orquídeas, cachoeira do recanto verde e os grandes cânions da cachoeira do Buracão. Além desses aspectos, esse lugar, tido por todos que o visitam como espetacular, oferta grandes aventuras radicais e experiências únicas, como o canoismo pelos grandes cânions e o rapel.

**Gravura 4:** Cachoeira do Buracão

**Fonte:** Cachoeira do buracão Chapada Diamantina Bahia (facebook)

**Gravura 5:** Cânion da Cachoeira do Buracão.

**Fonte:** Blog Viagem com Norma



O turismo ecológico passou a fazer parte da vida dos moradores da comunidade, movimentando, assim, a economia local, com o surgimento de pousadas, camping, associações de guias, restaurantes, pontos de alimentação, entre outros e se tornando fonte de renda para muitos moradores. A comunidade foi-se adaptando, se moldando de acordo com as necessidades que foram sendo observadas vindas dos turistas, mas, antes de todo esse processo, a economia era movida pelo cultivo do café, que até os dias atuais é a base da economia local.

Por se tratar de uma terra muito fértil e a produção do café ocorrer em larga escala em todo município, os cafeicultores têm se especializado e buscado cada dia mais inovações em relação à produção, secagem, torra e venda desse produto. Atualmente a cidade tem se desenvolvido na terra do café para venda em comércios, em que se destaca o Café Ibicoara, e a produção de cafés especiais (gourmet), como o Café Iguaraçu.

#### **Gravura 6:** Cultura Cafeeira



**Fonte:** Arquivo pessoal

Voltando para as questões culturais e festivas da comunidade, a praça da matriz, onde fica localizada a igreja católica, é espaço para festejos religiosos e demais comemorações. Historicamente, a maioria da comunidade era composta por pessoas devotas da fé católica, destacando o papel e a importância da Igreja Católica para a cidade, não obstante a emergência, nos últimos tempos, de outras denominações religiosas.

Retomemos um pouco a origem da comunidade. Quando foi criado o povoado, desenvolveu-se com o nome de São Bento, atribuído por um antigo morador da comunidade o Sr. Fernando Neto. Rodeado por mata, havia muitas cobras, ficando o povo vulnerável às picadas, assim eles sempre recorriam à fé, elegendo São Bento como o Santo protetor de todos os moradores. A necessidade dos moradores de terem um espaço onde pudessem professar a sua fé através de cultos e missas, resultou na construção de uma pequena capela, em 1898, destinada à adoração a Deus, aos anjos e santos. Entretanto, o crescimento demográfico da povoação, bem como o incremento das celebrações (casamentos, batismos, cultos fúnebres), demandava a construção de um espaço mais apropriado. Assim, em 1942 já se tinha o registro da fundação de uma grande Igreja que atendia às demandas dos fiéis, também foi colocado um cruzeiro com espaço para orações; desde então iniciaram-se as festas dos padroeiros Nossa Senhora do Patrocínio e São Bento<sup>7</sup>.

Algo interessante a se destacar é que os padres não vinham com frequência celebrar as missas devido às dificuldades de locomoção, que era feita a cavalo. Assim, duas vezes no ano era realizada os festejos voltados aos padroeiros. Inicialmente, em especial a Nossa Senhora do Patrocínio, realizada no dia 08 de novembro, e, posteriormente, com a vinda do padre Luíz a comunidade, em 1988, iniciou-se também as celebrações voltadas a São Bento no dia 11 de julho, que passou desde então ser padroeiro da comunidade e, em 04 de fevereiro de 2001, foi o nome dado à igreja, passando a se chamar Paroquia de São Bento.

A praça da matriz é espaço para a realização de celebrações especiais, como as festas voltadas aos padroeiros da cidade como citado, também é palco para eventos culturais desde apresentações escolares destinadas à Independência do Brasil, ao aniversário da cidade até eventos outros realizados pela própria população como shows e festivais, além de ser espaço central para a realização de eventos esportivos, sendo lugar de concentração desses atletas. A cidade já sediou a Expedição Mandacaru Base Trail Run, competições de ciclismo como a Rota do Café (evento esportivo da comunidade), Motocross, Rally da Chapada entre outros.

---

<sup>7</sup> Informações extraídas da página da Diocese de Livramento de Nossa Senhora. <https://diocesedelivramento.org/paroquia-sao-bento-de-ibicoara-1967/#:~:text=Por%20volta%20do%20ano%20de%201898%2C%20surgiu%20a%20primeira%20Capela,a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20Igreja>. Acessado em 15 de junho de 2023.

**Gravura 7:** Praça da Cidade



**Fonte:** Vinícius Silva

**Gravura 8:** Igreja São Bento



**Fonte:** Vinícius Silva



Antes de nos debruçarmos um pouco mais sobre a história desse lugar, onde se desenrola toda a pesquisa, é importante perpassarmos pela região onde ela está inserida, a Chapada Diamantina.

A Chapada Diamantina é uma região rodeada por serras, de uma beleza natural sem igual, se tornando um dos principais pontos mais procurados de Ecoturismo no Brasil, recebendo visitantes do mundo todo durante o ano. Localizada no centro da Bahia, ela abrange 33 municípios, sendo eles: Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Barra do Mendes, Boninal, Bonito, Brotas de Macaúbas, Campo Formoso, Central, Dom Basílio, Gentio do Ouro, Ibicoara, Iramaia, Iraquara, Itaberaba, Itaetê, Ituaçu, Jussiape, Lençóis, Miguel Calmon, Mirangaba, Mucugê, Nova Redenção, Ourolândia, Palmeiras, Paramirim, Piatã, Pindobaçu, Quixabeira, Jacobina, Rio de Contas, Seabra, Senhor do Bonfim e Utinga, ficando em média cerca de 500 km de distância da capital do Estado, Salvador.

É importante destacar que essa área conta com proteção ambiental com o Parque Nacional da Chapada Diamantina que ocupa 152 (cento e cinquenta e dois) mil hectares de área, disposta entre sete cidades: Andaraí, Ibicoara, Iramaia, Itaetê, Lençóis, Mucugê e Palmeiras.





Assim, entre os séculos XVI e XVII houve o movimento das entradas<sup>8</sup>; aqui na Bahia muitas expedições partiram de Salvador rumo à região central do Estado. Uma dessas expedições foi a de Belchior Dias Moreira que seguiu os caminhos percorridos por Gabriel Soares de Souza, que por sua vez durante sua trajetória encontrou ouro, chegando assim até a região da Chapada Diamantina. As missões Belchior Dias Moreira, que pendurou entre os anos de 1595 e 1604, na Bahia, destaca a região da Chapada como lugar de metais preciosos e tesouros, entretanto nunca revelou a localização deles, deixando assim apenas os relatos de suas aventuras e a ideia de que a Chapada Diamantina era um lugar ímpar em tesouros, que perpetua até os dias atuais.

Com o passar dos anos, começou-se o povoamento nesta região principalmente às margens do rio São Francisco, rio Paraguaçu e rio de Contas, esse processo de ocupação vai ocorrendo com objetivos diversos, como o cultivo da terra, a atividade mineradora até mesmo a criação de gado. É válido destacar que muitos indígenas habitavam na região e devido aos confrontos, muitos deles foram dizimados e outros escravizados.

Mais tarde, devido ao crescimento do trabalho com gado, começaram a surgir políticas de incentivo à atividade pecuária. Assim, muitos herdeiros das capitânicas hereditárias, começaram a ver na região da Chapada Diamantina uma nova possibilidade, visto que a região onde estavam sofria com a seca e o engenho já não era mais rentável. Com isso, muitas famílias começaram a se estabelecer nessas terras e as comunidades começaram a se desenvolver. Fruto desse desenvolvimento, derivado da mineração de metais preciosos, ouro e a lida com o gado são as cidades que hoje conhecemos por Lençóis, Andaraí, Mucugê e Palmeiras, por exemplo.

É nesse cenário que se desenvolve o município de Ibicoara. Inicialmente, ela era uma vila, denominada, Vila de São Bento e pertencia à cidade de Mucugê-Ba, mais tarde foi-se desenvolvendo se tornando povoado, por nome Iguaçu, em 1941 se tornou distrito mudando seu nome para Ibicoara - nome de origem indígena -, vinte e um anos depois, no dia 20 de julho de 1962 ganhou sua emancipação política.

Durante todo o processo até chegar à sua emancipação, dois grupos foram responsáveis por todo esse desenvolvimento, os mineradores e os tropeiros, entretanto durante toda a pesquisa não detectamos relatos referentes à mineração, apesar de compreender pelos estudos históricos que a Chapada Diamantina, região a qual a cidade de Ibicoara está inserida, teve grande influência e o desenvolvimento de algumas cidades

---

<sup>8</sup> As entradas é o nome dado às expedições desenvolvidas por autoridades relacionadas ao governo colonial, em que tinham por objetivo a captura de indígenas para servirem no trabalho escravo, e a fundação de vilas e fortalezas com a intenção de colonizar.

ocorreu devido à atividade mineradora. Compreendemos assim, que o passado minerador não foi algo que marcou os moradores da cidade, ponto de se transformar em uma memória para difusão oral. Os tropeiros por sua vez, ganharam espaço na memória dos moradores, que vão sendo lembrados e suas histórias vão sendo transmitidas até os dias atuais, um exemplo desse fator é a escolha do tema tropeiros, como forma de homenagear esses homens, tidos como pioneiros no desenvolvimento da comunidade, no aniversário de 61 anos da cidade de Ibicoara comemorado neste ano de 2023.

Esses homens eram responsáveis pelo abastecimento de várias cidades, principalmente do interior, pois carregavam mercadorias no lombo de seus animais de carga, percorrendo caminhos difíceis de trafegar. Como mostra em trechos de uma entrevista retirados do CLIBA, de uma senhora, moradora da cidade de Ibicoara, sobre a forma que era realizado esse trabalho.

**Quadro 4:** Recorte 4 – E.J.S.

**4 – E.J.S. (CLIBA)** DOC: E a senhora falou que ele foi tropeiro também, né, ele já chegou a falar com você como era o trabalho de tropeiro, sobre ... as histórias de tropeiro?  
 INF: Às vezes falava. E a gente também já percebia, vivia ... porque quando tinha que viajá, né, tinha que tá levano ... botano carga nesses animais ...  
 DOC: Ah, então a senhora lembra dessa época dele de tropeiro?  
 INF: eu lembro **porque a gente guarda muita coisa de criança, né ... [...] aí levava ... aí quando tava choveno (tampava) as carga e como aqui chovia bastante aí pa trás ... é ... tinha o couro de ... de boi, aí jogava por cima da carga pra não molhá ... as carga ... era com couro e arrumava tudo, amarrava e seguia viagem. Aí podia tá choveno que não molhava.**  
 DOC: E ficava muito tempo ... muitos dias, assim, fora viajando ou era no mesmo dia?  
 INF: Não, era de um dia pro outro, né, porque por exemplo: cê bota uma carga aqui pra Iramá você ia chegá lá de tardinha, dormia lá, vendia a carga e no outro dia retornava com os animais ...  
 DOC: Vendia ... na feira mesmo ou de casa em casa?  
 INF: É ... não ... no caso .. é ... chegava lá e entregava as carga, não é que ia ficá vendeno os pouquinho igual hoje o povo vende ...  
 DOC: Ah, sim. Só levava.  
 INF: Levava. Por exemplo, se vendia uma carga de laranja, ele chegava lá e só entregava. As pessoa que ia revender. Era assim. E aí de volta já trazia outra carga que meu pai também tinha ... ele vendia ... quando foi melhorando as coisa pra ele ... assim ... quando foi melhorando financeiramente, ele trazia carga de ... de outras coisas, de outros produtos que não tinha aqui pra ele revender, por exemplo, a rapadura, né, vendia rapadura ... vendia ... é ... qualquer uma outra coisa, às vezes um feijão que lá fora tinha que (aqui) não tinha e vendi pro ... pros vizinho .. tinha assim ... hoje a gente fala mercado, de primeiro falava venda. Ele tinha uma vendinha pra vender...

Fonte: Dados da pesquisa

É interessante destacar quem eram essas pessoas e sua posição social. Grupo historicamente composto por homens livres e pobres que, diante de condições econômicas precárias, buscavam novas formas de subsistência numa sociedade escravista e discriminadora que valorizava o ócio e criminalizava o trabalho manual.

As primeiras viagens realizadas por esses homens se deram ainda no século XVII, onde percorreram longas distâncias passando por várias capitanias, principalmente as das atuais regiões Sul, Nordeste e Sudeste. É nesses lugares que a cultura do tropeirismo se desenvolve com mais afinco, permanecendo até hoje. Assim, suas trajetórias incluem caminhos já explorados antes, aberto pelos indígenas e, às vezes, era necessário a descoberta de outras rotas.

Devido ao cansaço físico dos condutores e dos animais, era necessário que houvesse pontos para que pudessem pousar e descansar ao fim do dia. Devido a esse fator, os fazendeiros que em maioria tinham mercadorias transportadas pela tropa, para o comércio nas regiões vizinhas, construía esses ranchos para tal finalidade e ao raiar do dia pudessem seguir viagem.

Não se demorava muito; por tradição os fazendeiros erguiam uma capela no local como ato de devoção e fé e uma venda para que pudessem ser supridas as necessidades desses homens e dos viajantes que por ali passavam, posteriormente, algumas famílias começaram a se instalar em volta desses lugares. É devido este fator, já no século XVIII que as primeiras vilas começam a surgir e é dentro dessa realidade que a comunidade de Ibicoara tem sua criação, através desses homens que pousavam nesse local.

Ter o título de tropeiro era sinônimo de grandeza, visto que viajavam todo o território; era profissão que muitos apreciavam e desejavam. Geralmente, essa posição era passada de geração a geração como herança, pois desde novos, os meninos já se aventuravam nas trilhas enfrentando as dificuldades da mata, o encontro com pessoas de má fé, além da parte econômica das mercadorias com as cobranças de impostos além do necessário, como retrata no trecho de uma entrevista retirada do CLIBA:

**Quadro 5:** Recorte 5 – S.S.L.

**5 – S.S.L (CLIBA)** ) ... era uma história mermo. **É... eu os doze ano aí eu tinha um... um tio, ele era tropeiro, viajava... viajava, fazia viage daqui pra Abaíra, ele levava... levava farinha daqui pra lá e trazia rapadura, e aí aos doze... sempre tinha uma ajudante, que êzes carregava ajudante, né. Aí uma certa época chamô eu pá ajudá ele, né, pá ficá... acompanhá ele, a gente ajudava, ficava a semana intêrinha... intêrinha de... de... era de segunda... saía daqui quinta fêra, era... era dois dia pá ir e dois pá voltá... saía daqui quinta fêra só chegava no domingo, né, segunda fêra eu ia vendê as carne e trazê rapadura, que tem que trazê as rapadura, né. Isso foi no ano de... de setenta e dois, eu tava com [todo]... praticamente doze ano mermo... Setenta e dois, setenta e três... É... e aí, rapaz, chegava domingo, segunda, ia... Ia pra fêra, terça-fêra a gente já ia buscá a carga lá embaixo perto do Jiquí, né, as farinha pegava lá, lá num lugá chamado Canta Galo, ia pro Canta Galo buscá farinha, era mais um dia, só descansava um dia aqui... na outro dia já... já... só descansava na quarta-fêra, na quinta já... levantava... já viajava de novo, é... E era um sofrimento disgramado, às vez tomava uma chuva pela estrada, né, épa de seca, muita sede, né, às vez num tinha água, num tinha como carregá, nem vasia pra carregá água eu num tinha...**



**Fonte:** Dados da pesquisa

Falar sobre eles, é também retratar sobre a cultura dos sertões, a vida que muitos levavam para poder ter sua subsistência e de sua família, passando dias na estrada, dormindo onde dava certo, dentro dessas travessias, muitas histórias eram contadas, muitas memórias que têm um valor grandioso foram sendo deixadas e moldadas. Esse fator é demonstrado em um trecho de entrevista de um jovem de quinze anos, sobre seu avô que conta sobre a vida de tropeiro e a tradição que ficou anos depois,

**Quadro 6:** Recorte 6 – G.S.A

**6 – G.S.A. (CLIBA) INF:** [...] ele (Vô) era um dos tropêros, né...  
**DOC:** hum-hum.  
**INF:** ... daqui de Ibicoara, ele têm noventa e seis anos...  
**DOC:** qual o nome do seu avô?  
**INF:** Arthur.  
**DOC:** conheço.  
**INF:** ele... vinha, né, pra cá, fazia farinha, pá ir pá ôtra cidade, né, têm uns... é uns setenta km daqui a burro, né, vendê a farinha e trocá taméin púr rapadura pra trazê pra vendê aqui, né, junto cum meu bisavô, o véi Té, né, uma tradição da família até hoje ele cria... ele cria um... um jeguin dele lá, que num 'güenta mais fazê nada, ele tem no mínimo um jegue [risos].

**Fonte:** Dados da pesquisa

Um exemplo do contexto aqui discutido são esses relatos retirado do *Corpus* Linguístico de Ibicoara Bahia - CLIBA - que traz as memórias das pessoas dessa comunidade de uma realidade que hoje está distante de nós, mas que foi muito importante para o desenvolvimento não só da cidade de Ibicoara, mas também em muitos lugares do interior do país.

O estudo centrou-se na cidade de Ibicoara, localizada no Estado da Bahia, na região Sul da Chapada Diamantina, território desbravado no início do século XIX, com a vinda de garimpeiros atraídos pela possibilidade de extração de pedras preciosas, sobretudo diamante. Vale ressaltar que nesse período o garimpo era uma das principais atividades econômicas da região em que estavam envolvidos, praticamente, todos os municípios. Além de garimpeiros, outros sujeitos sociais eram os tropeiros, homens condutores de tropas, que viajavam por longas distâncias, levando gado e mercadorias por algumas regiões do Brasil. Foram eles que passaram por essas terras - cidade de Ibicoara - utilizando-a como local de descanso, trazendo para a região, ao tempo em que também levavam da região, mercadorias, costumes e falas.

Inicialmente, o espaço era uma região pertencente à cidade de Mucugê, sendo conhecido como Povoado de São Bento. Posteriormente, passou a se designada por Igarassu. Em 1940, se tornou Distrito da cidade de Mucugê, passando a se chamar Ibicoara

e, em 1962, teve sua emancipação política. Ibicoara vem se desenvolvendo, desde então, em seus aspectos econômicos, culturais e, sobretudo, turísticos, este último devido à sua grandiosidade natural que atrai pessoas de todo o mundo, além de contar com uma ampla diversidade cultural.

Entretanto, há poucas pesquisas relacionadas à cultura e manifestações populares de Ibicoara. Ao se conferir destaque apenas para seus aspectos naturais, deixa-se de valorizar as tradições e as manifestações culturais, dificultando a emergência de uma memória coletiva identificadora de aspectos específicos e genuínos à comunidade. É o que se propõe a resgatar através do estudo das narrativas do *Corpus* Linguístico de língua falada e escrita da cidade, que tem por base as memórias da população.

### 2.5. O *Corpus* Linguístico

Trazendo para o sentido literal da palavra, tendo por base o dicionário Aurélio, *corpus* significa corpo, uma coletânea de documentos relacionados a um determinado assunto, neste trabalho trataremos do *corpus* voltado para a linguagem e as atribuições que ele pode trazer para o patrimônio cultural da comunidade de Ibicoara-Bahia. O *corpus* linguístico é um recurso utilizado para realização dos mais diversos estudos de um determinado grupo, tirando-se uma amostra do objeto a ser trabalhado. Ele se configura com a junção de textos específicos, como registros orais, que se unem com uma determinada finalidade para estudo.

Entre os séculos XVIII e XIX, o sentido de *corpus* estava relacionado a pesquisas no teor linguístico, um exemplo disso, foi o desenvolvimento dos dicionários (físicos) nesse período, em que se valia de um *corpora* para sua estruturação. Sua construção era realizada de maneira manual, desde a coleta até a sua análise e seu objetivo se voltada ao aprendizado de línguas.

Com o advento do computador, houve uma facilidade e agilidade nesse processo de análise, onde antes demandava muitas pessoas para a sua conclusão. Assim, em 1960 essas máquinas se instalaram nos centros de pesquisas, nas dependências das universidades, possibilitando que um maior número de pesquisadores pudessem realizar e ter acesso a linguagem natural no processo de coleta de dados e a parte mais complexa ficou a cargo do computador, também é importante ressaltar que esse processo de transição possibilitou o aumento do *corpora*, dado sua criação e manutenção, pois agora se tem uma maior capacidade de armazenar e a possibilidade de utilização de mídias como as fitas magnéticas (SARDINHA, 2004, p. 4 -5).

A partir de então, houve a modernização do *corpus* passando a ser desenvolvido também, no formato eletrônico, onde através de computadores eram anexados determinados registros linguísticos (SARDINHA, 2004, p. 3). Esses anexos, que são os dados linguísticos textuais, são selecionados de maneira criteriosa com propósito de estudo de uma determinada língua, que acontece através da exploração da linguagem por meios práticos, sem um método científico específico, que por sua vez é extraído por meio eletrônico, no caso aqui em questão o computador. Sardinha (2004, p. 17-18) ressalta que sua construção por meio eletrônico acontece para fins de pesquisa, e quando buscamos um significado dentro desse segmento, nos deparamos com alguns deles, entretanto não trazem uma definição completa para o termo *corpus*.

Um exemplo, é o apontamento de que esse material linguístico - eletrônico -, por ser processado pelo computador pode ter vários propósitos, desta forma, o autor chama a atenção, para que a compreensão de que nem todo texto eletrônico selecionados de maneira aleatória, pode formar um *corpora*, porque o próprio termo - texto - traz um conceito delimitado de classificação, assim ele prefere trocá-lo para “porções de linguagem”, por ser um definição que acomoda várias instâncias de textos dentro de si, e que seu agrupamento para composição do *corpus* deve ser feito de maneira específica. O autor mediante alguns esclarecimentos, traz a seguinte definição,

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SARDINHA, 2004, p. 18).

Voltando para a sua construção, antes de iniciar o processo de desenvolvimento é necessário que se tenha um propósito em mente para o *corpus*. Apesar de sempre abordá-lo como um conjunto de variáveis linguística, pode-se ampliar as funcionalidades desse material, servindo não só para estudos da língua, mas também para outras áreas do conhecimento. Assim, cabe inicialmente, aos criadores definir qual a sua representatividade, criando critérios, traçando os objetivos e metas de forma que o produto alcance as expectativas desejadas.

Após esse momento, tem-se o início da coleta de dados, em que se vai a campo para realização das entrevistas com o auxílio de um gravador de voz portátil, tendo como público-alvo um grupo inicialmente definido na projeção do *corpus*. Também, é válido salientar que as perguntas a serem indagadas, são definidas mediante os objetivos traçados.

Com os dados em mãos é realizada a transcrição desse material, em que se tem o cuidado de preservar a linguagem natural. Na construção do *corpus*, deve-se ater aos critérios de seleção dos textos, pois estes devem ser autênticos e fiéis às falas dos entrevistados, não podendo assim sofrer alterações no período da transcrição e muito menos fazer a utilização da linguagem artificial vindo de computadores, como base para a criação dele.

O *corpus*, pode ir muito além do que se define, através dele pode se ter um rico acervo de narrativas de moradores, ou de grupos sociais específicos, permitindo a realização de pesquisas, seja com objetivos linguísticos ou mesmo históricos, como a salvaguarda da cultura de um determinado povo. Ainda assim, é possível também resgatar valores e culturas uma vez esquecidas de uma comunidade, já que alguns lugares não se têm patrimônios históricos, devido à falta de valorização de determinados contextos, festejos e ambientes. O *corpus* linguístico, com narrativas de moradores nativos de um lugar, pode servir de base para resgatar essa cultura e, indo mais além, transformá-lo em um patrimônio cultural imaterial de uma comunidade, onde sua utilização pode servir não só para os pesquisadores atuais, mas, para as próximas gerações que virão. Assim, será destacado o *corpus* linguístico de língua falada da cidade de Ibicoara-Ba, o CLIBA.

O *corpus* linguístico de Ibicoara foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em (Sócio)Funcionalismo – UESB/CNPq também intitulado, JANUS, que viu a necessidade de se construir um material de estudo dedicado à cidade, rica em material histórico e linguístico para pesquisas acadêmicas.

A construção desse *corpus* se deu no período da pandemia do covid-19, entretanto com a cidade de pequeno porte, o qual no último Censo Demográfico (2022) constou 20.785 mil habitantes, não tivemos empecilhos na realização das entrevistas, vale ressaltar que foram usados às proteções necessárias para o período em questão – máscara, álcool em gel, distanciamento social. Inicialmente foram selecionados alguns pesquisadores moradores da cidade, grupo do qual faço parte, para compor um subgrupo, como extensão do JANUS, para estar à frente da construção do CLIBA. Assim, foi feita uma capacitação, com o Curso de Formação em Sociolinguística: origem propagação e realização completa, ofertado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica em (Sócio)Funcionalismo - Grupo Janus/CNPq, vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)Funcionalismo - LAPESF/PPGLin, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, a todos os envolvidos na pesquisa, pois havia pesquisadores não só do campo da linguística mas, também, historiadores, complemento importante para a pesquisa.



Desta maneira, foi sendo traçado o escopo do *corpus*, ficando estabelecido um total de 36 entrevistas com duração estimada de 60 minutos cada, o qual buscou seguir as normas da Sociolinguística Variacionista Laboviana que traz a ideia de que a língua/fala deve ser estudada de acordo com os fatores sociais que a condicionam e permitem a sua variação. Os registros foram sendo realizados de maneira que os entrevistados pouco se monitorassem em suas falas. Vale ressaltar, que estamos aqui tratando de uma amostra do vernáculo da cidade de Ibicoara-BA.

Os entrevistados foram divididos em faixa etária, escolaridade e sexo, sendo elas: faixa I: 15 a 25 anos; II: 26 a 49 anos; e III: a partir de 50 anos; a escolaridade i. não escolarizados ou com até 5 anos de escolarização; ii. ensino Fundamental completo; iii. número igual ou superior a 11 anos de escolarização; sexo (feminino e masculino). Antes de ir a campo foram selecionadas as pessoas que se encaixariam nesses pré-requisitos, pois, além desses fatores mencionados os entrevistados deveriam ser moradores nativos da cidade, vale ressaltar que a proporção dos entrevistados entre homens e mulheres, foram iguais.

Alguns documentos (Anexo 1) também foram sendo moldados para dar segmento à pesquisa, como o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - que era apresentado ao entrevistado e que propõe a autorização para realização da entrevista e o uso do material para pesquisa, oferecendo a segurança de sua identidade na utilização para estudo. E a ficha social, uma entrevista preliminar, que tinha o objetivo de traçar o perfil social do entrevistado, como forma de preparação para o entrevistador.

O entrevistador tinha em mãos 86 perguntas-base para orientação, divididas em temas: Infância, Localidade - bairro/rua, Localidade - cidade, Profissão, Escola, Família, Lazer e Pessoais. Esse material, juntamente com a ficha social, permite que o documentador conheça e busque dentro das suas particularidades, as perguntas que mais se adequarem, de forma que o entrevistado se sinta tranquilo e à vontade no momento da entrevista.

Após o trabalho de campo, todo o material foi transcrito pelo grupo de pesquisa, mantendo a autenticidade das falas com todas as suas peculiaridades, e durante esse processo algumas normas foram seguidas, no ato da transcrição para que a identidade dos entrevistados fosse preservada. Desta maneira o *corpus* linguístico da cidade de Ibicoara-Ba, o CLIBA, foi criado e formulado para fins de pesquisa tanto de teor linguístico, quanto histórico-social, servindo de base e contribuição para pesquisas atuais e futuras.

Para realização da pesquisa todas as entrevistas foram analisadas, entretanto para que pudéssemos alcançar o objetivo proposto nesta dissertação, foi realizada uma seleção daquelas que mais se adequavam às categorias Memória coletiva e esquecimento; raízes da cidade de Ibicoara - tropeiros; lembranças da infância; festejos, cultura e tradição do povo ibicoarense; Ibicoara e suas transformações.

Assim, como já mencionado, para assegurar a identidade dos informantes, todos os relatos aqui apresentados estão dispostos com as iniciais de seus nomes, como demonstrado no quadro abaixo:

**Quadro 7:** Identificação das entrevistados por categoria

<b>Categoria</b>	<b>Identificação</b>
Memória coletiva e esquecimento	Recorte 1: M.N.B.R. Recorte 2: E.S.L Recorte 3: A.O.F.
Raízes da cidade de Ibicoara – Tropeiros	Recorte 4: E.J.S. Recorte 5: S.S.L. Recorte 6: G.S.A.
Lembranças da Infância	Recorte 7: J.L.P. Recorte 8: E.J.S. Recorte 9: M.N.B.R. Recorte 10: J.L.P. Recorte 11: E.L.A.
Festejos, cultura e tradição do povo Ibicoarense	Recorte 12, 24, 27 e 29: M.N.B.R. Recorte 13, 20 e 26: A.O.F. Recorte 14, 19, 21 e 23: E.L.A. Recorte 15 e 30: E.J.S. Recorte 16, 31 e 32: J.L.S. Recorte 17: E.S.O Recorte 18 e 22: L.S.X. Recorte 25 e 28: E.A.A.
Ibicoara e suas transformações	Recorte 33: J.L.S. Recorte 34 e 35: M.N.B.R. Recorte 36 e 40: E.A.A. Recorte 37, 41 e 42: A.O.F Recorte 38: E.J.S. Recorte 39: L.S.X. Recorte 43: E.L.A.

As narrativas do *corpus* linguístico de Ibicoara tem sido objeto de estudos que abordam a sua importância enquanto instrumento de resgate de falas e expressões próprias e genuínas como “Um Estudo de Concordância Verbal de Terceira Pessoa do Plural: o vernáculo de Ibicoara- Bahia em foco”,<sup>9</sup> e “O Corpus Linguístico De Ibicoara-Ba: caminhos e descobertas com base no vernáculo ibicoarense”<sup>10</sup>, ambos apresentados no

<sup>9</sup> Elenita Alves Barbosa (UESB) Raíssa Alves Oliveira (UESB) Vania Raquel Santos Amorim (UESB) Warley José Campos Rocha (UESB) Warly Dantas Silva (UESB)

<sup>10</sup> José Roberto Gomes de Jesus (UESB) Igor Santana Caires (UESB) José Ferreira de Lima Júnior (UESB) Ozeias Ferreira Porto (UESB) Warley José Campos Rocha (UESB)

XXIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, em Homenagem a Cilene da Cunha Pereira<sup>11</sup>, promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e “A construção da comunidade de Ibicoara – Ba: um estudo centrado no uso<sup>12</sup>”, dissertação de mestrado.

### **3. A representação da memória de uma comunidade através do Corpus Linguístico de Ibicoara**

Neste capítulo iremos analisar trechos das entrevistas retiradas do CLIBA - *corpus* linguístico de Ibicoara Bahia - em que se irá observar a ocorrência de narrativas que possibilitam resgatar a memória dos moradores da comunidade, e que trazem à tona não só suas lembranças individuais, mas também lembranças genéricas que, ao se unir às outras, permitem construir elos de histórias coletivas, como o desenvolvimento da cidade, as tradições que foram ao longo do tempo sendo substituídas por outras, as manifestações culturais e festivas etc.; é a história da cidade contada sob o olhar daqueles que viveram seu processo.

Na tentativa de se comprovar que um *corpus* linguístico de língua falada pode ser um patrimônio imaterial para as comunidades que dispõe de poucos recursos históricos patrimoniais, dividiremos o capítulo em subseções para que se possa fazer uma análise mais detalhada, relacionando-as às discussões já tecidas ao longo da dissertação sobre patrimônio imaterial, identidade, memória coletiva e história oral, sendo elas: “As lembranças da infância”, onde pode-se analisar as brincadeiras da época em que eram crianças e o modo de viver, assim resgataremos teorias voltadas à memória e a sua função social; Em “Festejos, cultura e tradição do povo Ibicoarense” percebe-se já de antemão, em suas entrelinhas, a forma como a construção da identidade da população foi sendo moldada e em “Ibicoara e suas transformações” registraremos a história da cidade relatada pelos próprios moradores e suas percepções boas ou ruins das constantes mudanças e perdas que foram ocorrendo ao longo dos anos.

#### **3.1 As Lembranças da infância**

Recordar a infância é algo prazeroso para muitas pessoas, pois é notável que na maioria dos relatos constantes do *Corpus* linguístico, a melhor fase de suas vidas vem da infância, mesmo sendo difícil em alguns momentos, porém pela simplicidade e ao

---

<sup>11</sup> Filóloga. Doutora em Letras pela UFRJ, onde lecionou Língua Portuguesa nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação por mais de 25 anos.

<sup>12</sup> José Roberto Gomes de Jesus (UESB)

comparar a forma como viviam e o que se ver hoje, torna suas recordações valiosas. Essa situação é observada em diferentes relatos do CLIBA, em que os moradores, logo vão tecendo suas histórias de quando eram crianças, relatando que mesmo em tempos difíceis eles eram felizes. Dentro dessas memórias, foi destacado as brincadeiras da época de criança, que era muito popular na cidade, como o jogo com bolinhas de gude, cavalo de pau, pião, boneca de pano, como destacado abaixo:

**Quadro 8:** Recorte 7 – J.L.P.

**7 – J.L.P. (CLIBA) INF:** **Ô moço, era engraçado, você montava um pedacinho de pau, um pedaço de madeira que era uma vara, aí você montava naquele pedacinho de pau e saia correndo no meio do mato dizendo que tava correndo atrás de gado, tava fazendo é... corrida com outros amigos, tinha outros coleguinhas, né? Então aí quer dizer, o peão também trazia uma diversão muito boa que você passava horas e horas brincando, quer dizer uma brincadeira que não tinha maldade.** Você brincava, brincava, brincava o dia todo, às vezes tem hora que até passava de hora de comer, mas quando ia pra casa depois da hora de comer, chegava em casa, que acontecia, a mãe pegava a *gente dava* logo um coró (risos). E era dessa forma, mas na verdade era gostoso.

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 9:** Recorte 8 – E.J.S

**8 – E.J.S. (CLIBA) [...]** E era assim... cavalinho de pau que eu também gostava de *brincá* com meus irmão (risos), a gente pega as varinha, sabe como, né? e aí dizia que era uns cavalinho. *Marrava* as corda e saía *andano*, porque nesse tempo... é... o pessoal tinha muito era mexia com animal, cavalo, essas coisa assim e aí as criança já influenciava com isso, né, *brincá* assim.

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 10:** Recorte 9 – M.N.B.R.

**9 – M.N.B.R. (CLIBA) [...]** Tinha um negócio de *brincá* de... de cavalo de pau [risos], a gente pegava as boneca botava num... num cavalo de pau e montava nesse cavalo de pau e penerava aí nessa Canjerana, meu Deus do céu, era... eu tenho muita saudade daí da Canjerana, onde eu morei, né [...].

**Fonte:** Dados da pesquisa

Era comum, como retratado nos quadros **8**, **9** e **10**, a brincadeira de cavalo de pau, a simplicidade que era colocada em simplesmente pegar um pedaço de madeira e usar de sua imaginação para recriar como um cavalo. Ainda, é interessante observar o quadro **8**, onde a memória se faz ainda mais presente, onde logo quando o entrevistador o indagou sobre as brincadeiras de sua infância, além de falar delas ainda trouxe a recordação das consequências que se tinha atrelado à demora de retorno para casa, assim vemos que a memória é uma teia com várias ramificações, onde um fato puxa o outro através de falas gatilhos.

**Quadro 11:** Recorte 10 – J.L.P.

**10 – J.L.P. (CLIBA) [...]** tinha uma bolinha de gude, que eu acho que você, nem você conhece, a bolinha de gude, moço, tinha aqueles buraquinhos que a gente fazia, tinha um triângulo que você

**fazia aquelas brincadeiras. Ixi, era gostoso demais. Tem hora que você também fazia aposta com aquela bolinha e às vezes ocê saía pra arrumar um saquinho, que naquele tempo nem sacolinha de plástico tinha, era sacolinha, por exemplo, de pano, ocê enche aquela sacolinha de pano, moço, e saía com aquele montueiro de bolinha.**

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 12:** Recorte 11 – E.L.A.

**11 – E.L.A (CLIBA) INF:** Sim, por exemplo, eu citei essa da gude aí. A bolinha de gude que é uma brincadeira, que ainda tem hoje, a gente vê falano **da bola de gude, mais antigamente o que cê fazia lá: a gente fazia o triângulo, colocava as gudinhas... as gudes, e começava a jogar. Eu me lembro que tinha a lata de leite ninho aí pra apostar, a gente apostava. Jogava gude apostano, oxê! Tinha umas quatro a cinco cheias já que postava e ganhava e ia guardano essas bolinha de gude, o triângulo ficava mais ou menos uma distância de... dois metros do risco horizontal, tinha o risco horizontal e o triângulo né? mais ou menos dois metros, dois metros e meio de distância e aí colocava as gudes dentro desse triângulo e jogava pra vê quem... se você matava... enquanto você matava a gente falava batendo uma gude na outra cê continuava jogano até você conseguí. Então nisso aí a gente ia se divertino e ia guardano. quando aparecia umas gudes coloridas que era a brincadeira na época, tinha umas gudes branquinhas, outras azulzinhas, toda colorida, aí a gente “Oh! fulano tá com umas gudes ali” “aquela pessoa tá com umas gudes coloridas, bora apostar isso aí” e tinha hora que tinha umas gudes mais bonitas que a outra ai “eu aposto duas ni uma tua aí” pra incentivar ele a apostar, e aí a gente chegava apostando e aí... e aí sim, ia passano a brincadeira aí... ia tendo aquela alegria, aquele prazer de tá brincano, e isso também colaborava pra gente... pra nossa infância...**

Fonte: Dados da pesquisa

Nos quadros **11 e 12**, apresentados acima, notamos que mesmo que as falas sejam individuais elas se interligam, trazendo uma memória coletiva. E esse fator é observado quando percebemos que muitas brincadeiras como a bolinha de gude e o cavalo de pau que foi citado, perpassa por várias lembranças da infância, assim esses jogos infantis que hoje pouco se ver era uma característica típica da infância dos moradores de Ibicoara.

Mesmo que as histórias relatadas não sejam vivenciadas em conjunto, sendo um pertencente à memória do outro, elas se tornam coletivas quando se assemelham, e nas entrelinhas, vemos que uma identidade coletiva começa a se formar indiretamente. A memória ela tem esse papel importante na sociedade, pois não se trata apenas de recordar de algum fato, mas de trazer elementos que vai permitir a composição de grupos sociais, de construção identitária, além da valorização cultural que através dos muitos dizeres vão ganhando espaço e reconhecimento.

Segundo Pollak (1992, p. 204), a memória “[...] não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”. Ela vai além da simples função de guardar informações, pois ao acioná-las muitos sentimentos vêm à tona. No decorrer de cada entrevista realizada, muitas expressões e manifestações de sentimentos, seja alegria,

tristeza ao recordar de um ente querido, saudades de um período da vida que já passou, foi muito recorrente, sendo observado até mesmo na leitura dessas transcrições.

### 3.2 Festejos, cultura e tradição do povo ibicoarense

Algo importante na formação pessoal de uma pessoa é a construção e reconhecimento de sua identidade, portanto é através dela que conseguimos despertar o sentimento de pertencimento a um grupo social. Um exemplo dessa construção é quando pensamos em uma criança, onde na maior parte dos casos ao iniciar seus primeiros dias de vida é inserida em um grupo familiar, onde os costumes, tradições, crenças e valores vão sendo ensinados e um vínculo identitário começa a surgir. A identidade de uma pessoa acontece quando há uma identificação com o grupo o qual está sendo inserido, seja ele familiar, religioso ou grupos de lutas sociais.

Nessa perspectiva de junção de valores sociais, as comunidades vão formando suas tradições que vão sendo difundidas por todos pertencentes àquele lugar, que vai desde eventos grandes que movimentam toda a comunidade, como os festejos comemorativos até pequenas coisas que estão dentro do cotidiano daqueles moradores como o costume de enterrar o umbigo da criança recém-nascida logo que cai, no quintal de casa.

Assim vemos nos relatos do CLIBA, várias características do povo ibicoarense que vai simbolizando a cultura e construção identitária dessa comunidade.

Nas análises do material desse *corpus* linguístico, identificamos as formas de momento de lazer que se tinham. Um desses espaços era a Boate que antes era muito popular frequentada pela maioria dos jovens, os jogos de futebol organizados de maneira simples no campo ainda de terra, e as festas na roça, visto que a cidade ainda estava em desenvolvimento, era bastante popular esses festejos na zona rural, com muita simplicidade e diversão era assim que aproveitavam seus momentos de lazer.

#### Quadro 13: Recorte 12 – M.N.B.R.

**12 – M.N.B.R. (CLIBA) INF: Os baile, quando a gente foi crescendo, ficando mocinha, né, tinha aqueles baile de sanfona, pandêro, vilão, tinha Vavá que fazia aquelas festa boa de casamento, né, os pais chamava casá das filhas, chamava o Vavá pá tocá, tinha Devin sanfonêro também que era muito bom pra tocá, e aí essas festa amanhecia o dia, e eu como num gostava muito de dançá era de sete da noite à sete do dia, as festa de antigamente era assim, era uma diversão só, não tinha esse negócio de bolo de noiva, não tinha esse negócio... comprava aqueles biscoito palito, fazia uns avoadô, e nisso tomava café todo mundo, não tinha negócio de tá refrigerante, num sei o quê, aquelas coisa de hoje, né, e todo mundo ia embora dessa festa satisfeito, quando era no ôtro dia manhecia todo mundo ressaquiado dessas festa**

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 14:** Recorte 13 – A.O.F.

**13 – A.O.F. (CLIBA) ) INF:** Rapaz a diversão daquela época assim aqui tinha uns boates né que era salão de dança nos finais de semana né tinha festas fora na cidades vizinhas até mesmo roças vizinhas a gente ama muito e tinha um jogo no campo que geralmente tinha uma festinha no final e hoje infelizmente não tem né, é só a quadra e tal e era muito bom as festas aqui também era mais popular no caso festa de São João aqui as vezes que é uma data bem comemorativa tinha mais era banda do que do lugar mesmo considerado banda. Aqueles sanfoneirin, com pandeirin e etc e tal.

DOC: Entendi.

INF: Num é essas bandas sofisticados que vem hoje esses cantores famosos que né que vem tocar é bem diferente e tinha sim, e **tinha aquela diversão durante o dia aquele comes e bebes na casa de um e de outro dos vizinhos que você ia de casa em casa e era muito divertido muito boa era uma época muito proveitosa né hoje infelizmente também não é bem assim mas fazer o que.**

Fonte: Dados da pesquisa

Como destacado no final do quadro **14**, foi muito dito sobre o São João da cidade, um festejo já tradicional que permanece até os dias atuais, entretanto essa festa não era feita como hoje, tinha-se o costume de se acender fogueiras na frente das casas e todos abriam suas portas para receber uns aos outros, onde se preparavam comidas típicas e assim as pessoas iam passando nas casas, festejando e comemorando o São João.

Nessa tradição, relatada logo abaixo, já se pode observar a cultura que o povo tinha e que isso ia passando de geração em geração, com a repetição desse momento por vários anos se construiu de maneira indireta uma tradição própria da cidade. Nos quadros **15, 16, 17 e 19** notamos que com os anos certos costumes começaram a se enfraquecer, o que foi muito lamentado pelos moradores que ainda tentam manter vivos ao menos os encontros entre vizinhos e o uso das fogueiras.

**Quadro 15 -** Recorte 14 – E.L.A.

**14 – E.L.A. (CLIBA) [...]** Chegava essa época de São João, a gente costumava fazer as fogueiras, cada pessoa acendiam sua fogueira e era uma época muito boa também que aí você saía vizitano as casas, as pessoas que acendia a fogueira, passava na casa de um tomava um café, comia um bolo, alvador, comia um milho e ia passano. Passava a noite assim né? desse jeito. Depois chegô as festas... vieram as festas pra cá, as bandas, pra tocar na rua, então aí já deu uma quebrada mais nessa tradição das fogueiras, o pessoal deixou mais de fazer as fogueiras e ia para o São João né? Hoje quando o São João chega tem umas bandas aí que toca umas músicas que cê parece que tá no carnaval, parece que tá ni outras festas né? não é... muito tradicional, mas o forró pé de serra mesmo tradicional, é muito bom. Pra mim a melhor festa que tem é o São João.

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 16:** Recorte 15 – E.J.S.

**15 – E.J.S. (CLIBA) DOC:** E como era as festas juninas? Porque eu vi que perdeu muito a tradição, né, como era as festa junina de antigamente?

INF: Então .. é como eu tô lhe falando, né, **era nas roça, nas casa, vamo supor: se tinha uma ... uma menina pa casá, tava noiva, o que que fazia? já deixava pa fazer no são joão pa ... já acendia a fogueira lá fora e já fazia todos os ... os pais, né, já fazia os preparativo e convidava o pessoal,**

**fazia o casamento e nesse dia a gente já ia pa dançá na casa, ou fazia ... uma latada, que isso quer dizê, tirava a madeira e fazia tipo um galpão e aí cobria de palha de côco e aí você fazia a festa dento dessa casa feito assim de madeira, a gente chama de... a gente falava latada pra fazê as dança. Muita gente gostava de casá num período assim de Junho.** Agora, na cidade mesmo já não tinha ...

DOC: Não tinha nada, assim ?

INF: Não, tinha ... no caso, assim, **o povo fazia ... as fogueira ... mas o povo da rua saía tudo pa ir pas festa da roça**, que sabia que era melhó ... que lá na roça era onde todo mundo fazia, bolo ... fazia ... pamonha ... sabe, essas coisa, comida típica, né, e na cidade muitas veze não tinha., porque de primeira o povo da roça tinha o milho, tinha ... tudo pra fazê e os da rua não tinha, os da cidade não tinha. Aí depois foi que inverteu: as festa junina foi pra cidade...

Fonte: Dados da pesquisa

#### Quadro 17: Recorte 16 – J.L.S.

**16 – J.L.S. (CLIBA) O São João de antigamente era São João que cê ia pras casa comer bolo, tomar café, isso aí era gostoso demais, agora hoje não [...] tinha aquelas fogueira que você ia pra casa dos amigo as vezes, tomava bastante quentão, é uma bebida mais leve, mais suave, ia tomar café e comer bolo [...]**

Fonte: Dados da pesquisa

#### Quadro 18: Recorte 17 – E.S.O.

**17 – E.S.O. (CLIBA) Tinha balada nas roça também.** ININT Pensa numas balada boa, muito boa... muito boa. Naquele tempo era muito bom, nós saía com um som. Cada um tinha um som viu? Cada um tinha um som. **Cada um levava um gravadozão grande naquele tempo a pilha. Era muito bom e o couro comia por conta. Era cada forró sacudido de mão branca que eu vou te fala a verdade viu. Rapaz a gente saía cá de casa pra ir do outro lado ININT atravesso o rio cheio, pra ir do outro lado ni balada.** [...] Chegava no final de semana, os pessoal da cidade se retirava da cidade e ia pro... pra comunidade nossa lá e era muita gente, muito carro, muita carne assada que esse povo assava, trançava no queixo cumeno. E era uma coisa muito bom. Naquele tempo a gente... quem era criança era feliz, até adulto também era feliz.

Fonte: Dados da pesquisa

#### Quadro 19: Recorte 18 – L.S.X.

**18 – L.S.X. (CLIBA) [...] aquela tradição que a gente passava na casa de um e de outro pra comê bolo, pra comê canjica, a gente assava batatas nas fogueiras de manhã, hora que saía da festa...tinha...o povo colocava as batatas pra assá, a gente pegava do outro, quando tava assada, hora que chegava das festas [...].**

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de estarmos aqui tratando dos festejos em especial do São João, como uma festa típica da cidade, iremos dar ênfase na perda da tradição das fogueiras, como dito anteriormente, muito foi relatado nas entrevistas e aqui conseguimos observar o fator da identidade se relacionando a memória quando se há uma quebra de tradição. Como relatado nos trechos abaixo,



**Quadro 20:** Recorte 19 – E.L.A.

**19 – E.L.A. (CLIBA) INF:** Sim. Sim, é... é... perdeu... **tá perdendo sim a tradição, infelizmente é... igual eu falei, é aquele negócio, as vezes você pode falar “uma nova situação, uma nova geração, pode ser normal pro que tá surgindo agora” mais é... eu não vejo como legal, porque assim muitas coisas que é da época, cê precisa manter, cultivar, igual eu falei da outra tradição, é... as fogueiras é uma tradição que tá perdendo, praticamente tá bem fraca aqui, que antigamente quase todo mundo acendia fogueira aqui, então não a tradição da época, e tá hoje poucas pessoas que fazem isso, então a situação a fogueira que tá deixando de lado.** A questão da festa de São João também, as bandas já não tá tendo muita aquela preocupação de tocar... esses tipos de festas tradicionais né, o forró tradicional da região. Tem uns que faz a mesclagem, toca um pouco, toca outra, mas no meu ver tá perdendo sim um pouco dessa tradição do São João de, se você for pegar aí vinte anos atrás né, coloca assim já tem uma... uma diferença.

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 21:** Recorte 20 – A.O.F.

**20 – A.O.F (CLIBA) DOC:** Bem diferente, era bem diferente mesmo. Que logo assim que a gente mudou pra rua na rua lá onde eu morei antes, **você contava de uma ponta na outra as fogueiras. Cada casa tinha uma fogueira e cada casa tinha um licor, tinha um [ININT], tinha um bolo de milho, tinha a canjica, tinha tudo. Você ia de casa em casa como eu disse antes né, Então o pessoal tinha mais aquela alegria, aquele negócio mais... mais rústico e mais popular.** Porque hoje geralmente é essas festas né com bandas boas [ININT] que as vezes nem toda... **fogueira é raro. Aqui a gente ainda acende fogueira nessa rua, acho que eu conto aqui umas 2 ou 3 fogueiras só nessa rua, a gente ainda acende o mínimo. Então assim, tá perdendo um pouquinho aquele São João tradicional, tá ficando um São João assim mais... sei lá, mais mudado, muito mudado né?.**

**Fonte:** Dados da pesquisa

Como observado nos quadros **20** e **21**, há uma necessidade de se preservar certos costumes do período festivo, que com o passar do tempo foi se perdendo devido a modernidade que acompanha as novas gerações, com o avanço da globalização. Com isso tende-se a recorrer a memória para se reconstruir certas tradições que eram vistas como importantes para a comunidade.

De acordo com Pollak (1992) a construção de uma identidade se molda através de três elementos importantes, a ligação física entre as pessoas, se tratando de uma conexão de pertencimento físico a um grupo e também os costumes que vão sendo passados ao longo do tempo, estes não estão ligados apenas a algo físico, mas também psicológico, o último faz referência a junção de todos os outros, onde a construção identitária do indivíduo vai sendo consolidada pela unificação dos elementos apresentados:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

Os relatos sobre a perda de um costume exemplificam a importância dessa teoria, pois quando há uma quebra de tradição física, pode-se recorrer a memória, onde um não está isento do outro, mas conectados pelas pessoas que vivenciaram esses momentos e

ainda propagam essa cultura, ou seja, mesmo que uma cultura esteja enfraquecida, através da memória pode-se resgatá-la e ressignificá-la novamente, dando continuidade a algo que foi sendo deixado de lado.

Outra característica forte da cidade voltado ao lado religioso, é a cultura de celebrar a “Semana Santa”, pois apesar de ainda se ter essa tradição, antes tinha-se uma simbologia maior para as pessoas, como relatado nos quadros 22, 23 e 24

**Quadro 22:** Recorte 21 – E.L.A.

**21 – E.L.A. (CLIBA) INF:** Então, também gosto muito, é outra coisa que a gente viu que é a tradição e não tem jeito né? as coisas vão se perdendo mesmo, a gente fala de tradição, mais uma **outra tradição também que tá se perdendo é...** a época da Semana Santa que no... antes, mais na minha infância também, eu já peguei desde antes, no início quando eu era criança, o respeito que... de quando era... chegava a Semana Santa, que a gente pegava aí de quarta-feira e diante né?, quarta, quinta e sexta que o sábado era um pouquinho mais alegre, no sentido de você poder brincar, ficar mais a vontade que é o sábado de aleluia, mais pegô esse dia, quinta e sexta feira santa, principalmente a sexta feira, nossa... é santa mesmo, é assim de repouso total, a gente ter um cuidado, um respeito e na época eu fazia o seguinte, nós tinha o nosso avô e ele... reunia na casa dele, era tradição isso aí, todo ano a gente tinha que reunir lá, os netos por parte dos filhos, a gente ia almoçar tudo na casa dele, chegava meio dia na sexta-feira santa, era aquele movimento de gente lá, aí fazia... tinha aquela oração, tinha que fazer as orações antes de... de almoçar né? já tinha aquele respeito, cê já sabia o que representa, tinha todo um sentimento pra quem é católico mesmo, que Jesus aí, conta... nós sabemos da história, morre... na sexta-feira...

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 23:** Recorte 22 – J.L.S.

**22 – J.L.S. (CLIBA) INF:** Olha, realmente! **Porque naqueles anos, quer dizer, pra você ver tudo isso tem uma diferença,** que a semana santa naquelas época a gente tinha aquelas [...] coisa tipo assim chamado, as vezes a pessoa me chamava pra ir, pra ir almoçar, almoçar na casa de um tio, pra ir na casa de um amigo, ai variava, né, a casa de um amigo. Então você chegava lá e almoçava [...] e **naquele tempo a gente tinha muito respeito, [...]** Porque tipo reunião mesmo que as vezes a gente ia pra casa de uma pessoa no dia, uma, duas, três pessoas e fazer um motoeiro, umas dez pessoas, e almoçava e um jantava, aquela união mesmo, fazer uma reunião. Então era muito gostoso, quer dizer, naquele tempo assim, na semana santa a gente ia praquelas casas pra falar, pra comer aqueles peixes.

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 24:** Recorte 23 – E.L.A.

**23 – E.L.A. (CLIBA) DOC:** Sobre, por que Semana Santa...  
INF: Porque a Semana Santa né? a simbologia o significado pra nós... vem de Jesus. Jesus é Santo pra nós, nós também somos chamados a ser santos, todos nós, Jesus deu o seu exemplo e todos nós somos chamados a seguir o seu exemplo, então esse período que é santo pra igreja é um período de reflexão, de meditação de você parar pra refletir o que Jesus fez por nós, ele morreu na sexta-feira da paixão né e aí no... na... passa sábado e domingo e ele vai ressuscitar que é a páscoa, então... por isso é como um dia de respeito, é um dia santo porque aquele que veio para nos salvar morreu naquele dia, e a Semana Santa, que você vai se preparando durante toda a semana, se preparano pra isso né, tendo os seus costumes, suas tradições, seguindo essas tradições e costumes aquilo que nós falamos. **Hoje, infelizmente não se vê muito dessa forma. A gente segue, tem muitos que seguem da mesma... mais se você falar no geral, se perdeu mais isso né? então algumas coisa é normal cabar, mais eu digo assim, no sentido da importância. Hoje a importância que se dá no período da Semana Santa num é como antigamente...**

DOC: Eu lembro... já te interrompeno... que no dia não podia jogar bola, na semana e a gente respeitava muito e hoje existe uma diferença muito grande.

INF: Hoje existe, bem lembrado! **Nosso avô mesmo, falava muito pra nós que quando a gente reunia na casa dele, mais reunir não era pra ir pra lá pra tá gritano, sair correno, brincar não, era um momento de reunião da família pra almoçar junto né? mais brincar, correr, ficar jogano bola esse negócio ai não. Era uma questão de respeito mesmo e sabia porque estava ali, porque você sabia porque da Semana Santa, cê sabia que a sexta-feira o dia que Jesus morreu...**

DOC: Não era só farra né?

INF: Não, tinha uma importância, por isso, tinha todo um significado e o respeito.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Observamos que antes a cidade de Ibicoara tinha várias tradições algumas com um pouco mais de particularidade da comunidade e tudo era feito com muito respeito e tinha uma simbologia muito grande que era passada para as gerações mais novas, assim deparamos por vezes com relatos falando de costumes dos avós dos entrevistados e eles foram dando continuidade a esses costumes. Podemos também deduzir que a maioria das pessoas cultuavam a fé católica, e tinha-se uma maior reverência às datas festivas da igreja, e talvez as mudanças podem ter sido dadas devido à diversificação religiosa que a comunidade foi aderindo, mas, ainda sim muitos momentos como esses citados eram algo de extrema importância para a cidade pois representavam a identidade do lugar.

Outro exemplo característico da cidade é sobre a chuva, pois havia períodos do ano que o calor se fazia de maneira extrema, e a chuva era bem almejada, como já mencionado é observado nos relatos as pessoas tinham uma crença e devoção muito grande e eles pela fé subiam ao alto do cruzeiro, e faziam suas preces para que a chuva viesse a descer na terra. Assim, como disposto no quadro 25, a água vinha a terra através da fé que tinham, e isso era algo próprio da comunidade, um sentimento comum.

**Quadro 25:** Recorte 24 – M.N.B.R.

**24 – M.N.B.R. (CLIBA) DOC:** cê me fez recordá um costume que existia aqui em Ibicoara e hoje não existe mais, né?

INF: é... uhum.

DOC: que quando... chegava o tempo da seca, aquela seca muito severa é.. juntavam-se um grupo de... de fiéis, né, e carregava pedras, água e ia pro... pro cruzeiro, né? Lá em cima...

INF: é... é... quando a gente voltava já tava formado, quando entava dendê casa a chuva já caia, é... rezava os bendito tudo de chuva, de senhora Santana, tudo quanto era bendito a gente rezava, e... e botava... e tinha uns que o povo cumia, ôtos nem comia, subia pô cruzeiro com fome, botava a garrafinha de água do lado chegava lá todo mundo botava a pedrinha e... e moiava o pé do cruzeiro, né.

DOC: com as garrafinha de água?

INF: com as garrafinha de água, é... ali já bebia a água e já jogava lá no cruzeiro, rum aiai.

DOC: e funcionava?

INF: funcionava, oxe, num tô li falano que quando a gente chegava in casa já tava formano, era uma coisa assim mermo que... por isso que eu te falo era tudo natural, até a chuva era, sei lá.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Outros costumes que eram predominantes na comunidade era o hábito de enterrar o umbigo da criança recém-nascida, logo quando caia no quintal de casa (quadro 29) e as

parteiras (quadros 26, 27 e 28). Na época, não tinha hospitais perto da cidade e muito menos médicos a disposição para fazer atendimentos e duas pessoas vão se destacar nesse contexto, Tião Domingues e Dona Bela. Essas pessoas são personagens históricos da cidade, pois eram aqueles responsáveis por cuidar da saúde da população, fazendo desde atendimentos básicos aos mais complexos.

Nos relatos, vais ser descrito um pouco sobre esses personagens e de forma sucinta, a maneira como as mães davam a luz naquele período, vejam,

**Quadro 26:** Recorte 25 – E.A.A.

**25 – E.A.A. (CLIBA)** INF: Gosto! Sempre gostei, porque esse bairro é praticamente o mesmo bairro onde eu nasci. Então essa Rua Coronel Augusto Landulfo Medrado é a mesma rua onde tem a casa dos meus pais até hoje, que é o local onde eu nasci, né?! **Que eu nasci dentro de casa mesmo, não foi no hospital, não.**

DOC: Com parteira?

INF: **Com parteira e parteiro**

DOC: Dois

INF: **Eu tava até me perguntando esses dias, eu creio que foi os dois, né? Porque eu acredito que eles faziam um trabalho em parceria, porque era pai e filha, né?!**

DOC: Aham

INF: **Tinha Domingo e Bela, que o pessoal chamava mais como Bela de tio Domingo.**

DOC: Sim

INF: **Dele, eu tenho certeza que ele foi quem fez o parto da minha mãe quando eu nasci, não é?! É bem provável que ela esteve junto mesmo. Mesmo, assim pra ta auxiliando ele, né?! Naquela época, né?!**

DOC: Certo!

INF: Então dentro de casa mesmo, no mesmo quarto que é o quarto da minha mãe hoje lá.

DOC: Nossa

INF: **Se eu tiver, no momento que eu tiver lá em casa mesmo, se eu não tiver, se alguém chegar lá e perguntar “ah Erivaldo nasceu aqui, não foi?” “Foi!”, e ela já vai falar “ó foi nesse quarto aqui”. Então, eu tô indo lá eu falo eu já falo com maior prazer “Nasci nessa casa aqui, nesse quarto aqui, ó”. Eu e a minha irmã nós dois nascemos lá no mesmo quarto.**

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 27:** Recorte 26 – A.O.F.

**26 – A.O.F. (CLIBA)** DOC: **Cê nasceu na agricultura.** INF: **Eu nasci na agricultura, como se fala. Eu nasci na roça, nasci no meio da roça como diz né... que por sinal foi lá mesmo.**

DOC: Foi? Na roça?

INF: Foi! Lá mesmo.

DOC: Com parteira?

INF: **Me lembro! Parteira na época, não tinha esses médicos de hoje né que faz parto. Era parteira mesmo.**

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 28:** Recorte 27 – M.N.B.R.

**27 – M.N.B.R. (CLIBA)** [...] **Tinha Tião Domingo que era o nosso partêro e médico do povo, que vinha gente de fora pra ele passá remédio e inxaminá, agora num sei nem com o que era que inxaminava, mas que... que era ele que salvava a... a assim... as pessoa das doença, até de cobra ele cuidava do povo, ofendido de cobra, num sei como que... só mermo Deus que dava a sabedoria pra ele, né, que não tinha médico aqui esse tempo, né. Partêra também, as partêra atravessava rio chêi pra ir pegá as criança, né, travessava rio chêi, Tião Domingo também atravessava o rio reamuntado quando chovia [...]**

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 29:** Recorte 28 – E.A.A

**28 – E.A.A. (CLIBA)** INF: Natos! Tem aquela questão que o pessoal falar seu umbigo enterrado em tal lugar, né?  
 DOC: Aham  
 INF: O meu não é literalmente não, o meu é verdadeiro mesmo, oficial. **Meu umbigo foi enterrado lá no quintal de casa mesmo.**  
 DOC: É que antigamente, não sei hoje, né?! Mas antes tinha essa tradição, né?! Esse costume, né?! É... de pegar umbigo e sempre enterrar.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Como retratado nos quadros **26, 27 e 28**, os partos eram realizados em suas residências com o auxílio de parteira e parteiro. O ato de partear era uma atribuição dada em sua maioria a mulheres que ajudavam as gestantes no momento de conceder seu filho, em uma época em que não se tinha medicina moderna e a que tinha não era acessível a todos. Pelo fato de não se ter muitos registros escritos sobre as parteiras, existe um espaço vago sobre essa profissão, entretanto, como era uma profissão muito menosprezada pelos médicos que questionavam a forma como essas mulheres lidavam com as gestantes por questões de higiene, ainda assim, em seus questionamentos, não foi notado falas sobre a falta de conhecimento dessas mulheres.

Segundo Schweickardt (2020, p. 16-17),

A partir de suas práticas de partejar, as parteiras agregam em seu atendimento um conjunto de técnicas e procedimentos que são adquiridos e elaborados nas vivências e práticas cotidianas, isto é, com suas experiências e saberes constituídos, muitas vezes, a partir do seu próprio parto ou do parto de suas filhas e da sua rede de parentesco e vizinhança. De modo geral, os conhecimentos das parteiras são transmitidos oralmente no contexto familiar e nas redes de relações comunitárias.

Assim, as parteiras dotavam de muito conhecimento por meio das experiências adquiridas dos partos realizados. Devido à falta de assistência básica, como educação, a essas pessoas que, em sua maioria, vinham de comunidades vulneráveis, seus conhecimentos eram passados de geração em geração através dos relatos orais, podendo assim ser caracterizadas como mulheres que carregam uma cultura e a memória coletiva, pois são agentes transformadores na sociedade que carregam a tradição de costumes milenares. Salientamos que essa profissão é considerada a mais antiga do mundo.

Ainda é valido destacar que elas eram pessoas importantes nas comunidades em que faziam parte, pois eram conselheiras, amiga das famílias e ajudavam as mulheres com dúvidas relacionadas ao corpo, aborto e doenças venéreas<sup>13</sup>.

Havia um preconceito por parte dos médicos em relação às parteiras. Essas mulheres eram associadas às bruxas por ser consideradas curandeiras com suas práticas milenares utilizando recursos vindos da natureza. Houve um período conhecido como caça às bruxas, que ocorreu entre os anos de 1563 e 1727, em que muitas mulheres vistas como bruxas foram mortas. Observamos que, por ser um período em que havia uma tradição forte de mulheres com conhecimentos voltados às curas milenares, alguns autores destacam o interesse por parte dos líderes de governos (Igreja católica e o Estado) que esses conhecimentos fossem restritos aos médicos formados nas Faculdades de medicina, criadas no Renascimento, constituídas por homens (Brasil, 2010).

A forma de realização do parto foi sendo modificada à medida que novos estudos foram sendo realizados, assim, surge a medicina moderna em que o saber médico se restringiu ao saber científico, deixando em declínio os conhecimentos vindos de tradições e transmitidos oralmente. Nesse momento os corpos se tornam alvo de estudos clínicos, em especial os corpos femininos.

Apesar do surgimento desses novos estudos, os partos realizados em casa ainda era algo ocorrente, de acordo com Brasil (2010 p. 27),

Naquele momento, as maternidades não constituíam um lugar seguro para as mulheres darem à luz. Em 1878, estimou-se que as mulheres inglesas tinham ampliadas em seis vezes as suas chances de morrer ao darem entrada nas maternidades, em decorrência de infecção puerperal.

Não havia um espaço apropriado para a realização do parto. As mulheres ficavam expostas em lugares coletivos, estando propensas a infecções. Tais condições faziam com que as mulheres tivessem medo de ter filhos em maternidades. Cabe salientar o desconforto físico e psicológicos dessas mulheres premidas a sair de suas casas para dar a luz em lugares que lhes eram completamente estranhos.

O parto realizado por parteiras ainda é comum no Brasil, não obstante os avanços científicos e tecnológicos na área médica e na obstetrícia. A dificuldade da assistência

---

<sup>13</sup> Doenças venéreas é o termo utilizado para relacionar as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), como a gonorreia, sífilis, tricomoníase e HPV – Infecção pelo Papilomavírus Humano.

médica em cidades do interior do país dá fôlego à prática. Nos grandes centros as antigas práticas de partear têm sido desenvolvidas pelas denominadas “doulas”, inclusive com a aquiescência médica. É nesse cenário que a realidade dos relatos mencionados nos quadros **26, 27 e 28** se insere. Não havia apenas a mulher nessa posição de partear, mas homens também, como o senhor Tião Domingues que agia na comunidade como um médico que ajudava em partos realizados em casa ou no meio das roças que era algo comum; e o interessante é que esse senhor, segundo informações de moradores da cidade, não tinha formação para atuação medicinal, por ser a única pessoa, juntamente com sua filha, que dava a assistência médica na localidade, ele buscava conhecimento através do autodidatismo.

Outro ponto que não podemos deixar de lado quando falamos de identidade são as comemorações de aniversário da cidade, as comidas típicas e a cultura do cultivo da terra. Esses fatores são características da comunidade que até os dias atuais ainda predomina, com exceção da comemoração do aniversário da cidade em que se tinha uma organização maior, com mais eventos e visitantes. Como disposto no quadro **30**, faziam-se as alvoradas, com um maior contingente de pessoas se comparado ao que se faz hoje, além da culminância com comidas típicas locais, como apresentado,

**Quadro 30:** Recorte 29 – M.N.B.R.

**29 – M.N.B.R. (CLIBA) [...] Fazia no... no tempo do prefeito Arnaldo a gente fazia farofa, era suco, era café, cozinhava aipim, batata, é... avoadô, café... cum'ê?... [tosse], suco, fazia suco pá da o pessoal, e nós juntava ali naquela área de eventos, toda hora no mei da rua mermo. Uma vez nór servimo a farofa ali no quiosque mermo, ôh quando o pessoal chegô da Alvorada lá mermo a gente comia, bebia, era muito bom, né.**

DOC: e... e... a Alvorada é... vem a... a banda, né?

INF: a banda de Mucugê...

DOC: a filarmônica?

INF: é, vem de Mucugê, e vem de ôto lugá, esqueci o nome... eu esqueci o nome do ôto lugá que vem, numa filarmônica, que a gente acompanha, era, moço... é muito bom, viu... a gente pareceno que tá pisano no chão quando tá acompanhano é... a... a... a banda, filamônica, que vem tocano, é muito bom.

DOC: e... e... é... é al... Alvorada justamente porque é cedo da manhã, né?

INF: cedo da manhã, é cin... é cin... [eu inda suá o nariz] é... cinco hora da manhã que a gente sai, e o foguete come um birro, quem num querê acompanhá também não dorme.

**Fonte:** Dados da pesquisa

No quadro **31**, o entrevistado destaca o cozido de banana verde, também conhecido como Godó, um prato típico que é muito saboreado e apreciado não só pelos moradores da comunidade mais por todos aqueles que visitam o lugar e provam dessa iguaria.



**Quadro 31:** Recorte 30 – E.J.S.

**30 – E.J.S. (CLIBA) INF:** Eu faço assim, né, que o godó tem de vários jeito. Tem gente que gosta de ... de cozinhá a banana ... é .. descasca, corta, tal e coloca pra cozinhá. Depois de cozido escorre e faz o tempero que ... desejado e coloca as banana já cozida, né, e pra depois amassar. Agora, só que eu não gosto muito assim. Eu já gosto de prepará no jeito. Por exemplo, eu descasco a banana, corto, lavo, passo uma água morna e aí eu já preparo o ... o tempero e já joga pra cozinhá diretamente. Aí conzinha, depois de cozido é só amassar e tá pronto.

**DOC:** Interessante.

**INF:** É ... tem vários tipo de fazer o godó, né , tem gente que faz assim.

**DOC:** E é uma comida típica, também, daqui, né, da região.

**INF:** É. Da região.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Os quadros **32** e **33** trazem o cultivo da terra, visto que a comunidade tem uma extensão de terra boa para cultivo, a maioria dos moradores vivem da agricultura, uns de forma direta produzindo produtos para consumo e outros de maneira indireta com o trabalho nesses campos. Algo que a cidade se destaca é o cultivo do café, que é a base da economia da cidade, hoje com maior rentabilidade e diversificação de seu uso já se tem produção dentro da própria comunidade, cafés gourmet, orgânicos, além do convencional que é comercializado até mesmo fora do estado.

Nas disposições a seguir, vemos um pouco desse trabalho com a terra e o sentimento de apreço por aqueles que vivem dessa cultura.

**Quadro 32:** Recorte 31 – J.L.S.

**32 – J.L.S (CLIBA) INF:** Ah não, eu trabalhei muito na agricultura. É café, plantei café, quer dizer, agora eu nem estou mexendo muito mais com essas coisas porque eu aposentei. Estou, estou, estou preocupado com isso também não, mas eu plantei café, plantei feijão, plantei milho, mandioca, banana, essas coisas toda. Você sabe que é um, é um, agricultura é uma coisa também, chama também uma família, uma agricultura familiar, que você vê que agricultura ela tem um ponto bom que ela já é familiar, que ela já é da família. Então agricultura hoje pra nois, pra nois é uma coisa muito importante, não pra mim compra todos, por que você vê que todos que estão na, agricultura é que traz o alimento pra nossa cidade e tudo. e tudo, enfim. É agricultura porque tem que, o que eu tenho que dizer da agricultura que ela é uma mãe, ela é uma mãe, mãe agricultura o que eu tenho de dizer dela.

**Fonte:** Dados da pesquisa

A economia da cidade é movida pela agricultura e, atualmente, o ecoturismo também tem ganhado espaço neste cenário. De uma forma geral, desde o início da povoação da comunidade até se tornar um município, percebemos que o cultivo da terra era algo que garantia a subsistência das famílias, seja para consumo próprio, como para venda em cidades vizinhas, realizadas por meio dos tropeiros. A agricultura é algo forte para a comunidade. Como a comunidade se iniciou na esfera rural, as crianças eram ensinadas desde novas a ajudar no trabalho no campo, geralmente essa atividade era destinada aos meninos e as meninas ficavam ao encargo de ajudar nas tarefas de casa. Quando tinham a



oportunidade de trabalhar eram sempre fazendo diversos serviços do lar, como a lavagem de roupas para terceiros.

Voltando para o trabalho com a terra, por ser uma comunidade rural, o produto mais produzido era o café e isso persiste até os dias atuais, e o trabalho voltado para essa cultura era feita de forma rustica, como o uso do arado - um equipamento feito de madeira que era puxado por um animal, geralmente se usava o burro e empurrado pelo homem, que ia conduzindo todo o trabalho - que servia para fazer o tombamento da terra para o plantio e para deixar a terra mais fofa, e quando havia a necessidade de limpar era utilizado o trabalho braçal com a enxada e foice, além da plantação do café, e da colheita, este por sua vez era um trabalho realizado tanto por homens quanto por mulheres, que consistia em tirar os frutos maduros do pé de café de forma manual.

O quadro abaixo (33) traz informações sobre a forma como é feita a colheita do café.

**Quadro 33:** Recorte 32 – J.L.S.

**32 – J.L.S (CLIBA) INF:** Então, o café você sabe que é uma planta que ela também, ela exige muito de nós, principalmente na limpa, na adubação, você vai fazer uma colheita pra ela você tem que colher bem colhidinho, você pega esse, esse café lá pro terreiro, seca, depois de seco você pila, vende. Então café, ele é uma coisa assim, quer dizer, é trabalhoso, mas de hoje pra nois aqui na agricultura principalmente, o café seria uma boa opção pra todos nois aqui, viu, ele hoje é uma renda boa pra todo mundo [...].

DOC: E como é que é assim? Você pode explicar pra mim? Que eu fico curioso, né, assim como é que é o processo de colheita, porque tem uma diferença, né do bongá e rapa. Como é que é assim?

INF: Ah sim, tem! Quer dizer, por exemplo, se você quer fazer um café bom, você vai pegar por exemplo, ele no causo **você vai pegar aqueles, aqueles fruto maduro primeiro, vai catar, é uma catação**, você vai fazer uma catação, vai catando aqueles ali. **Às vezes tem horas que o café da até três branco no causo, né, se fizer rapa tudo, mas o certo mesmo é duas três banha, quer dizer, catado pra depois você rapa, aí você vai tirar o fruto tudo da planta, aí tudo que você gerar e agora o processo é somente de secagem e aí quando for (palavra inaudível) você pega e vende no tempo certo, né**

DOC: Assim a bongá, tem a bongá e a rapa, qual é a diferença entre os dois?

INF: Ah bongá dá mais trabalho que na bongá você vai cantando, **a bongá o que é dizer que a produtividade do café é pouco, café que cata, né. Agora na rapa é bom que você rapa tudo, você tem um lucro melhor, né, principalmente pra quem está ganhando dinheiro, porque pra quem ta, porque no meu caso se eu fosse pagar, aí no causo quem está ganhando dinheiro na rapa é bem melhor.**

**Fonte:** Dados da pesquisa

Hoje, o cultivo do café se modernizou, com maquinários eficientes, exigindo cada vez menos o trabalho braçal, e não mais se direciona ao homem, pois muitas mulheres têm suas próprias plantações e trabalham inclusive com o café especial, tanto em sua comercialização com o grão, como na produção do pó do café.

Nesta seção foi destacada um pouco da cultura da cidade, desde costumes que se tinham a um tempo atrás até aqueles que se mantêm até os dias atuais, o mais interessante de se abordar durante toda essa escrita é a forma em que essas tradições vão sendo

relatadas, e o quão vivas elas ainda se mantêm, na memória daqueles que viveram esses períodos e que viram as transformações que a comunidade foi sofrendo com o passar dos anos.

Através dessas recordações feitas de maneira individualizada quando juntamos, conseguimos entender nas entrelinhas a maneira que a identidade da comunidade vai se desenrolando e a dos moradores, pois ao visitar as casas destes que nasceram aqui, principalmente dos mais antigos, conseguimos sentir os resquícios de todas essas menções, das tradições que foram se perdendo e dos costumes que muitos ainda mantêm junto com suas famílias.

### 3.3 Ibicoara e suas transformações.

Todos os lugares passam por transformações sejam elas de maneira direta com mudanças significativas, quanto indiretas devido a evolução e modernização das coisas, assim, com o passar dos anos a cidade de Ibicoara, como já abordada no capítulo II passou de uma vila, desenvolvida através dos tropeiros, para uma cidade onde sua evolução foi grandiosa.

Ter conhecimento de como era a cidade no passado, traz um sentimento de pertencimento ao lugar de maneira grandiosa, pois estamos aqui voltando às raízes de um povo. Desta maneira, nessa seção iremos analisar essas transformações que foram ocorrendo, e o sentimento da população que acompanhou todas as evoluções.

Notamos, nos quadros **34, 35, 36**, que a questão da memória se sobressai em todas as falas. As pessoas recordam-se não apenas da forma que a cidade era, mas também da vida de cada um. São as histórias contadas sob o olhar daqueles que de fato vivenciaram esses processos. Sob essa ótica, podemos analisar o setor social, onde muitos passavam por dificuldades não só pela realidade da época com a ausência de água encanada, energia elétrica, mas também pelas próprias construções familiares.

#### Quadro 34: Recorte 33 – J.L.S.

**33 – J.L.S (CLIBA) INF: [...] Que naquele tempo você vê que naquele tempo pra ver um carro, Deus me livra, parecia brincadeira. Até que no meu tempo quando passava um carro aqui na estrada a gente corria pra ver o rastro, e hoje você vê a facilidade que tem. Que naquele tempo você vê a pessoa trabalhava carregar as coisa nas costa, era lombo de animal, e hoje não. Cê pegava, quer dizer, você levava no lombo de animal, na carroça de burro, carregava em cima de bicicleta e hoje não. Saber que qualquer coisa que você faz você leva de moto e já vai começar no início, aí quando você pega um carro você já pega o que você quer, e naquele tempo, naquele tempo era difícil. Esse tipo de trabalho pra se mover hoje está bem melhor, porque naquele tempo**

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 35:** Recorte 34 – M.N.B.R.

**34 – M.N.B.R. (CLIBA)** quando eu mudei pra aqui meus filho era tudo pequeno, [...] **era tudo as casinha salteada, não tinha água, não tinha energia**, entendeu. E aí as... **os pais, as criança, tudo ficava lutano pra consegui um balde de água, tinha até briga nas tornêra aí pra baixo pra pudê consegui um balde de água, né, ôtos levantava quato hora da manhã pá pegá água,era uma dificuldade muito grande**, então porque hoje eu agradeço muito a Deus, por a gente tê a energia na casa da gente, tê a água, né, a gente paga mermo, mas tá sendo beneficiado, né.

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 36:** Recorte 35 – M.N.B.R.

**35 – M.N.B.R. (CLIBA)** [...] quando a gente se mudô **não tinha calçamento, hoje já é calçada, as criança vivia brincando aí no mei dessa rua**, né, graças a Deus até hoje a gente mora aqui, e eu não tenho o que dizê.

Fonte: Dados da pesquisa

No quadro abaixo, **37**, foi destacada a construção das casas antigas, e a modificação que elas foram sofrendo ao longo dos anos, observando que não se tem muitas casas preservadas na cidade e a importância de se preservar a memória desses lugares.

**Quadro 37:** Recorte 36 – E.A.A.

**36 – E.A.A. (CLIBA) INF:** Então assim eu aprendi a dá valor a essa cultura, entendeu? E tem um tipo de casa também que eu gosto quando eu vejo também, até porque foi um tipo de casa que eu morei também, que hoje, hoje as casas são de lajotas, de bloco, são de tijolos, né? Mas antigamente as casas eram tudo de adobão, não é? Barro mesmo, então não se usava cimento, era só o barro. Usava o barro pra fazer o adobo, né, tinha uma forma de madeira que a pessoa massava o barro mesmo, massava, massava, jogava na forma e tirava, aí a forma deixava o adobo formado, né?! E aí a pessoa fazia né para construir milhares de adobos.

DOC: E como colava um no outro?

INF: **Você usava o próprio barro pra colar um no outro, a gente fala assim assentar, né, um por cima do outro, fazia o alicerce também de pedra com barro, vinha com esse barro e ia distribuído na direção tudo certinho**, né? Alinhadinho, coisa de pedreiro mesmo, né, com a linha ajeitadinha, e ia assentando os adobos um por cima do outro, e ia construindo a casa até chegar o final e **uns não conseguiu nem rebocar nem a parte de fora nem a parte de dentro. Outros ainda rebocavam a parte de dentro, e a parte de fora era exposta a sol e a chuva. A maior parte aqui em Ibicoara, das casas antigas, a maioria são de adobo. Então, pode ser que esteja rebocadinha, né? Bem bonitinha e coberta, mas se você tirar né, se você arrancar essa capa de fora que é o reboco você vai ver lá o formato todinho dos adobos que é o que se usava.**

DOC: Na casa de minha vó Duvalina, tinha um pedacinho assim, acho que de adobo.

INF: Não é? E às vezes é uma pessoa que é neto ou filho de alguém, que usou disso aí, desse recurso pra construir sua casa, não é?! E que até moram nela hoje ainda e não conhece, né, a estrutura.

DOC: E não conhece.

INF: No caso neto às vezes não conhece, um bisneto não conhece, né, mas é desse tipo aí.

DOC: Então pode-se dizer que você gosta um pouco dessa parte de apreciar aquilo que se tem assim mais antigo na cidade

INF: É

DOC: E também de apreciar coisas que ajuda no intelectual, não é? Por exemplo a fotografia.

INF: Aham! É... por exemplo, **no registro de fotografia, a gente também não pode esquecer do registro da memória, a gente tá numa cidade que você vê um jardim ali o modelo, por exemplo, os de antigamente nunca saiu da memória, você sempre lembra, não é? Como que era, e aí já entra no registro das fotos também. Talvez você deve ter visto uma foto de antigamente que era um**

jardim, como é que era a praça. Então quem viu naquele momento, só quem viveu que tem na mente, quem não viveu naquele momento e tiver oportunidade vai ver em algumas fotos e em alguma filmagem, né que fizeram, mas quem não tem foto, não tem nenhuma filmagem, é só naquele momento mesmo que viveram pra ter guardado essa recordação ou então se houve alguém que viveu aquele tempo contar, só que você só vai poder imaginar.

DOC: Sim

Fonte: Dados da pesquisa

Destacar os locais de vivências, como ocorreu no quadro **37**, permite uma reflexão sobre a importância da comunidade em si em que estamos inseridos, pois é a partir do ambiente físico em que crescemos que começamos a desenrolar as construções da memória seja ela afetiva ou não. É no entorno desse espaço que um mundo se abre para o indivíduo, como destaca Bosi (2004, p. 71):

Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro, sons que voltam, sons que não voltam mais, pregões, cantilenas que recolhi e procurei gravar em pauta musical.

Aqui o autor destaca as memórias da cidade, onde as lembranças vão se enlaçando nos espaços, nas próprias paredes de um lugar, como citado em todo trecho de fala do morador de Ibicoara, a forma como eram construídas as casas e que se se ater aos detalhes de algumas residências ainda se pode ver os resquícios originais dessas construções, além da importância de construir registros para que as novas gerações possam também ter acesso a construção de sua comunidade, pois quando um espaço se transforma os únicos que compreendem todo o processo são aqueles que ali viveram e vão recordando através de sua memória fotográfica, como citado pelo próprio entrevistado.

Nesse contexto, a escola também é um espaço de criações de memória, pois é nela que a criança inicia seu ciclo de interação social, conhecendo novos sentidos e construindo novos laços. Assim, nos relatos (quadros **38 e 39**), notamos vários aspectos, a forma que ocorriam as aulas com as disciplinas, algumas diferentes do que é empregado nas escolas atuais, as dificuldades de chegar até a escola, onde muitos tinham que fazer longas caminhadas fazendo a travessia de rios, além das brincadeiras em grupo e um pouco da realidade daquele período. Nesses relatos, conseguimos ver alguns aspectos sociais também, quando o informante traz à frente sua rotina diária, conseguimos compreender ainda mais a função da memória, pois ela é além de tudo um espaço para construção de saberes atemporais.

**Quadro 38:** Recorte 37 – A.O.F.

**37 – A.O.F. (CLIBA)** DOC: Tinha alguma disciplina assim que o senhor gostava mais? Que o senhor gostou mais?

INF: **Tinha biologia já no ginásio, técnicas agrícolas tinha uma matéria.**

DOC: Tinha uma matéria de técnicas agrícolas?

INF: Tinha, tinha. O professor era Roberto. Roberto [ININT] era muito boa. **Teve outra matéria também que fez pena ter saído era o SPB e Educação Moral e Cívica. Era umas matérias muito bom.** Que até pra esse mundo de hoje que tamo vivendo seria muito bom se tivesse essas duas matérias, por que **OSPB era organização social e política do Brasil era uma coisa que relatava sobre política. A política brasileira em si.** Eu tinha um professor muito bom que por sinal era até advogado Dr. Valdemir, ele era advogado na época e **tinha também Educação Moral e Cívica, como você se comportar na sociedade, seus direitos, deveres e por aí a fora. Várias matérias que infelizmente acho que foi extinta que não deveria ter sido né muito boa proveitosa e você pode usar no futuro seu, no seu dia também convivência com a sociedade entender a sociedade, entender o sistema político.**

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 39:** Recorte 38 – E.J.S.

**38 – E.J.S. (CLIBA)** INF: A minha infância ... foi assim boa e também de muito trabalho, né, que eu fui uma pessoa que desde criança eu comecei a trabalhá no café, eu ia ... meu pai me levava pra roça ... tinha aquele rio, esse rio aqui Sincorá, eu ia com minha irmã pegá café e com uma outra amiga de meu pai. Aí a gente ia, o rio tava cheio, meu pai ia até o rio passá a gente. Eu mermo meu pai passava no colo, credita, e aí ia, catava café, levava comida, lá mesmo a gent comia frio quando tava muito chuvoso, e aí foi minha vida assim, catando café, aí depois quando as coisa foi melhorano eu comecei a estudar, meu pai também era muito interesseiro a ver os filho estudá, né, e aí a gente estudou até o ... o estudo nosso foi até o que tinha aqui: oitava série. Eu mesmo concluí a oitava aí não tinha mais como eu estudar porque era dez filhos ... difícil ... meu pai também não conseguia pagar o estudo, porque a gente ... eu estudei aqui pagano. Aqui em Ibicoara meu pai pagava pra mim e a minha irmã estudar, aí quando a gent terminou a oitava série ele não tinha como por pra estudar em outro lugá, né, que no caso seria a Barra da Estiva. aí passou o tempo, aí fiquei trabalhano na roça, aí de repente Adélio ganhou pela primeira vez, eu sabia mais assim de estudo, a gente tinha mais estudo, os outro não tinha e como meu pai era muito interessado por a gente, aí nós ... eu comecei ensinar ali na Bucanha ... ensinar desses ... inclusive, eu ensinei quase todos aqui, eu .. eu trabalhei nessa faixa aí da idade de dezoito anos, xô ver se era dezoito mermo, porque eu comecei .... ni oitenta seis. Era, eu acho que eu tava completando quase vinte ...e aí eu fui ...eu já era responsável de ir, ensiná, pegá as criança daqui e levar pra Bucanha, passano rio, eu comecei a ensinar ... é ... criança de seis ano até os maiores que ... e aí, por mim mesmo eu dividia na sala de aula, eu dividia tudo o que ia dá pras criança, aqueles menorzinho, que no caso hoje é maternal, né ...

DOC: Rum ...

INF: e ... e levei minha vida ensinano, eu levei catorze anos, quando tava começando uns quinze ano de trabalho aí ensinei lá na Bucanha, aí voltei a ensinar pra cá, pra ficar mais perto, aí Adélio construiu o prédio aqui, eu comecei a ensinar aqui também, aí passei a ensinar aqui, aí veio essa mudança de prefeito, eu perdi meu trabalho na época que Arnaldo entrou pela primeira vez e aí eu parei de ... de ensiná e fui continuá meus trabalho na roça porque eu não deixava tinha o horário de trabalho ... na ... na roça e o horário na escola, né ...

DOC: Sim.

INF: ... aí foi minha vida assim, trabalhei e tudo, chegou aí casei, veio meus filhos, fui ensinar meus filhos também, ensinei até o quarto ano, aí quando terminaram eles foram pra lá estudar e eu fiquei na roça. [ININT] aqui teve uma época do tempo que eu perdi o trabalho, né ....

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda se tratando das transformações da comunidade, foi relatado de forma cômica a chegada da energia e todo o entusiasmo que causou em toda comunidade. Por meio dela, ainda gerada pelo gerador com horários específicos de funcionamento, veio a televisão, como abordado nos relatos abaixo (quadros **40, 41, 42, 43**):

**Quadro 40:** Recorte 39 – L.S.X.

**39 – L.S.X. (CLIBA) INF:** Era bom demais...que...só...a primeira televisão que apareceu era preta e branca... com [padim Antide] tinha uma televisão e a gente queria assistir, lá ficava de porta fechada, só pra família, a gente vinha e ficava assistindo da janela...

DOC: Nossa!

INF: ...aí, naquele tempo meu pai trabalhava na energia, né, que a luz aqui era a motor, era meu pai que trabalhava...Então, quando a gente tava assistindo a novela, dava nove e meia dava sinal e a televisão desligava, a gente saía correndo pra ir embora e não terminava...

DOC: [risos]

INF: Eu assisti... ficou muito na minha cabeça, eu nunca esqueci desde criança era um comercial que passava da bicicleta [Monark] essa bicicleta, sempre que eu lembro desse comercial, eu lembro que foi o primeiro comercial, a primeira coisa que eu vi na televisão, no dia que chegô a televisão...

DOC: Aí depois...

INF: ... tinha também um programa que chamava Corrida do ouro.

DOC: Ah! Interessante. Então foi um negócio fenomenal mesmo aqui...

INF: Foi. Todo... e vinha muita gente da rua e ficava...a gente ficava na janela assistindo, passando preto e branco, a gente assistia uma parte hoje, no outro dia mãe não deixava sair, a gente já perdia... O dia que deixava, a gente tornava sair, curria e vinha tudo assistir na janela na casa de [Padim Antide].

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 41:** Recorte 40 – M.N.B.R.

**40 – E.A.A. (CLIBA) DOC:** Tu lembra quando foi a primeira vez que tu viu a televisão?

INF: Lembro!

DOC: E como é que foi assim a reação, porque é uma novidade, né? Quando você ver uma coisa que nunca viu na vida assim assim.

INF: Eu não tô lembrando bem assim do primeiro momento, sabe?! Que tive assim, mas quando eu passei já entender a questão da, da **televisão assim, foi bem interessante assim. Mas tava mais acostumado era com rádio, né? AM, né? FM era mais pra frente, nem tinha na região aqui. Ouvia mais à noite, lá o pessoal chama AM**

DOC: E passava telenovelas?

INF: Passava!

DOC: Vocês sempre reuniam assim para assistir.

INF: Todo mundo

DOC: Tinham esse hábito.

INF: Aham! Tem uma irmã minha, vizinha, lá na casa dela não tinha, só tinha na casa dos meus pais, ela saía da casa dela, já tinha alguns filhos já, e aí saía todo mundo lá pra casa de meus pais, viu? E aí juntava com os nossos lá, e aí ia sentado no sofá, sentava no chão e assistia novela

DOC: Todo mundo

INF: Todo mundo, todo dia (risos).

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 42:** Recorte 41 – A.O.F.

**41 – A.O.F. (CLIBA) INF:** Não... foi muito bom, muito bom! Inclusive teve muitas festas de comemoração a respeito disso, que eu me lembro, na Vânia teve "ah, vamo inaugurar energia na Vânia", festa pra dentro. Cerqueira, por exemplo também que é um povoado, mas que também chegou recentemente... festa! Teve Água Fria, Pau Ferrado, o Pé de Serra que fez a festa pra inaugurar água e energia, foi até no terreiro de menino aqui, de vida dele, foi já na gestão de Luciano. Foi muito bom, o pessoal ficou muito animado e... movimentou o comércio. Você vai comprar lâmpada, fio, instalar aquele negócio todo, uma geladeira né, aparelho eletrônico... elétrico de uma forma geral, né? Então foi muito bom.

DOC: Entendi. Tem uma história também que gira aqui em Ibicoara acerca da... quando chegou a primeira TV. O senhor já soube dessa história? [ININT] a primeira família que teve a primeira TV, mas parece que o pessoal de Ibicoara ia pra casa dessa pessoa assistir.

INF: **É, eu não sei te falar assim com detalhe quem foi a primeira TV ou coisa e tal. Agora eu mesmo, a primeira TV que eu vi na minha vida foi na casa de Seu Adélio. Uma TV preta e branco,**



quase do tamanho desse quadro aqui... era uma coisa horrorosa. Também cê [ININ] cinco, seis [ININT] alguma coisa cê tinha que... né? E depois eu me lembro dessa aí, depois tinha seu [ININT] né... na época de vida dele tinha também uma. E foi a primeira que eu vi na época, agora a primeira, primeira mesmo eu não cheguei assim...

DOC: Tendi. Naquela época todo mundo ficava... [INIT]

INF: [INIT] fazia como se fosse um cinema, alguma coisa assim pra...

Fonte: Dados da pesquisa

#### Quadro 43: Recorte 42 – A.O.F.

42 – A.O.F. (CLIBA) INF: Não. Na época não tinha energia elétrica. A energia elétrica inclusive chegou lá na... eu acredito coisa de uns 5, não! Uns 10 anos mais ou menos atrás que passou uma rede elétrica e agora tem energia, antes não tinha.

DOC: Então o senhor viu várias coisas como por exemplo lampião, candeeiro né? O senhor soube lidar com esse tipo de situação.

INF: Justamente.

DOC: Chuveiro elétrico né? Também tinha um pessoal que usa o chuveiro que tinha um bujão de gás, alguma coisa, não sei o nome que da.

INF: Era... eu sei que usava geralmente um chuveirinho, um balde aí com chuveiro no fundo, aí você mornava a água, esquentava no fogão espejava em cima deixava no ponto. Era um banhozinho regulado, cê abria a água, rapidinho fechava de novo, ensaboava, tornava abrir... pra tomar um banho morno. Agora o resto era no frio mesmo (risos).

Fonte: Dados da pesquisa

Além da chegada da energia que podemos classificar com algo de grande relevância para os moradores da comunidade, também observamos a construção da igreja católica no povoado da Canjerana, lugar pertencente a cidade de Ibicoara, que é um espaço até os dias atuais de grande importância para a comunidade. Mais uma vez vamos ver a influência da religião (quadro 44) no lugar, em que desde a organização dos atendimentos dentro da igreja a devoção vai sendo passada de geração em geração.

#### Quadro 44: Recorte 43 – E.L.A.

43 – E.L.A. (CLIBA) INF: Então...

DOC: A frente...

INF: eu sou católico, o pra tu vê, eu comecei frequentando, como moro aqui na comunidade da Canjerana, mais comecei a participar da catequese em Ibicoara, aí já um pouco avançado, que antes como criança não, não frequentava muito não né?, tinha a tradição nossa que os pais seguia de fazer algumas tradições que a igreja católica seguia, mais frequentar mesmo não frequentava. Um pouco mais de idade, perto dos treze, quatorze anos, a gente foi fazer... participar da catequese em Ibicoara, a gente fez a catequese, concluiu, fez a eucaristia, recebeu a hóstia, aí a gente não parou, que a função justamente isso, quando cê faz a eucaristia a sua caminhada continua, não para, não é fazê e cabá, aí a gente veio pra comunidade aqui, eu vim junto com meu irmão, aí a gente começou também formar turma aqui de catequese, pra esses menino que não tinha essa oportunidade e aí a gente foi dando catequese, foi... o pessoal quando tava... se sentia preparado fazia a eucaristia dos menino, várias turma de catequese a gente fez e aí a gente colocou na nossa comunidade a catequese, a celebração dos cultos, celebração da palavra nos domingos, aí depois começou ter o contato com os padre pra ter celebração de missas na comunidade. Eu lembro que a nossa comunidade tinha uma igrejazinha bem pequenininha, só uma capela e de acordo que as pessoas não tinha muito costume de participar, de acordo que foi chegado a catequese que foi tendo a celebração dos cultos, teve a necessidade de aumentar a igreja né? esse espaço, a gente aumentou uma vez, aí viu que ainda tava pequeno, tornou aumentar uma segunda vez e viu que dava pra aumentar mais que tinha que fazer umas salas pra catequese, e aumentou a terceira vez. E graças a Deus o espaço tá bom, o tamanho né? falta só a gente organizar mais a questão da estética mesmo da igreja né?, mais o espaço tá bom, aí a gente começou com a catequese, celebração do culto, missas, a gente tem, aí eu sou um dos coordenadores junto com meu irmão, aí a gente... aí eu sou catequista é... ministro da palavra que a gente faz

**celebração do culto e um dos coordenadores da comunidade, aí graças a Deus a gente continua firme ainda na caminhada, né?**

**Fonte:** Dados da pesquisa

Através desses relatos retirados do CLIBA, podemos dizer que a memória é sim uma fonte de construção social e através dela conseguimos detectar a formação identitária de uma comunidade, além de categorizá-la como importante na formação do indivíduo. O corpus linguístico, como aqui trabalho no decorrer de todo o capítulo, é uma fonte de salvaguarda das memórias de uma comunidade, como bem relacionado aos estudos teóricos já discutidos nos capítulos anteriores, notamos que esse material é um rico acervo para pesquisas no campo social, além de poder se tornar um patrimônio cultural imaterial para uma comunidade, pois tratamos aqui das memórias daqueles que fazem parte da história da cidade, sendo eles os personagens mais importantes de todo esse processo.

### **Considerações Finais**

No decorrer do trabalho, buscamos compreender a função e importância da memória no campo social, mais especificamente na formação da identidade do indivíduo. Para tanto, foi necessário trazer a abordagem para o campo do patrimônio cultural, enfatizando o patrimônio cultural imaterial, além da história oral, com as narrativas e o *corpus* linguístico de língua falada. Todos esses elementos se fizeram necessários nessa trajetória de estudo, por remeter diretamente à pluralidade cultural dos povos, destacando a comunidade de Ibicoara-Ba, que foi o foco da abordagem.

Assim, a memória foi apreendida em todo momento como um espaço de interação e vivências coletivas. É importante pensarmos nessa perspectiva, mesmo que ela seja algo individual, onde as histórias vividas são tidas pelo ponto de vista daqueles que a têm, ainda assim elas são coletivas, pois envolvem outras pessoas, direta ou indiretamente. Quando juntamos as diversas memórias de um determinado povo de forma individual, conseguimos compor uma narrativa vivida pelo grupo. Dessa forma, através desses relatos, é possível compreender tradições, modos de vida, raízes de povos antigos e sua influência nos novos grupos que foram sendo constituídos.

Nesse processo, nos deparamos com o patrimônio, que é responsável por assegurar a existência de grupos, através de fragmentos de suas histórias por meio de objetos, monumentos, escritos, pois mesmo que fisicamente esses grupos não existam, devido o passar dos anos/séculos, ainda assim, podemos ter acesso às suas vivências,



mesmo que de forma superficial, é por meio do patrimônio que se pode assegurar a sua existência.

O que mais destacamos e valorizamos faz referência ao patrimônio imaterial, que veio com uma nova proposta, de valorização das culturas das massas, da diversidade cultural existente nos diversos povos, e para isso usa-se de recursos como as narrativas, as danças, os ritos e as memórias de um povo. Assim, pensamos que toda comunidade tem suas tradições, mesmo que elas não sejam colocadas como cidades históricas ou com culturas tão fortes sendo percebidas em suas vestes, seus adereços e formas de viver, ainda assim elas têm suas manifestações culturais, que são importantes para a construção identitária da população.

Dessa forma, uma cidade sem uma memória que possa ser transmitida para as gerações futuras, tanto no sentido histórico, quanto social, deixa a sensação de vazio e, por não comungar de uma memória comum, por não a conhecer, pode ser compreendida como uma comunidade que foi se desenvolvendo devido aos avanços que as novas ciências e tecnologias nos trazem, mas que, ao mesmo tempo, abandonou suas raízes.

Esse fator dificulta estudos voltados para a comunidade. Ao conversarmos com os moradores da cidade de Ibicoara, vemos que algo como um trabalho escolar sobre o município se torna complexo na sua realização, por escassez de informações, o que se encontra são materiais bem simples e repetitivos. Com isso percebemos que os novos membros da comunidade, tem pouco contato com suas raízes, suas tradições, justificando o retratado nesse trabalho relativamente à perda das tradições, em que novos costumes de maneira padronizada vão sendo inseridos, substituído as tradições próprias da comunidade.

Se percebe nesse cenário a necessidade se ter elementos e referências que proporcionem um sentimento de coletividade entre os membros de um grupo social, passando valores e costumes que permitam o fortalecimento da identidade da comunidade. E quando não conseguimos ter algo material, que proporcione isso, as memórias coletivas são grandes aliadas, pois são nelas que vivem as históricas do lugar, narradas por pessoas, ou melhor, por agentes sociais, por personagens históricos daquela comunidade. A ideia é dar voz àqueles que vivem a história, sem destacar alguém como herói e personagem importante nessa construção, mas valorizar cada membro que compõe a comunidade.

Os relatos trazidos nesta pesquisa, enfatizam esse ponto, pois não foram selecionadas pessoas como políticos ou homens considerados de grande importância para a cidade de Ibicoara, mas sim os moradores, as pessoas que constituem essa comunidade e faz com que ela se desenvolva diariamente. Foram observadas memórias importantes que,

quando juntas a relatos sobre um mesmo fato, descortinam a história da cidade sendo desenrolada através de situações do cotidiano, como brincadeiras de infância, que traduzem o modo de vida das pessoas, a situação econômica da cidade e, quando as narrativas são trazidas para a atualidade notamos avanços, transformações e persistências na história da comunidade.

As profissões de fé, bastante retratadas, expressas, como por exemplo, na construção da igreja no bairro da Canjerana que, até hoje, é algo importante para a comunidade; nas histórias do cruzeiro, lugar onde se ia jogar um pouco de água e fazer suas rezas, que retratam como as manifestações individuais da fé de cada um assumiam um caráter coletivo à medida em que fomentavam a crença e a esperança de que a chuva pudesse vir a cair sobre a terra de todos. O acesso a informações tão preciosas para a história da cidade só foi possível mediante as narrativas das memórias desses sujeitos sociais.

Assim, pode-se afirmar que um *corpus* linguístico pode ser usado com esse objetivo de salvaguardar as memórias de um grupo. Usamos como base o *corpus* linguístico da cidade de Ibicoara, como forma de mostrar que esse material tem estrutura para suprir as necessidades de uma cidade que não tem um patrimônio imaterial predefinido, que não tem a valorização da cultura e tradição local. O *corpus* linguístico de Ibicoara, reconhecido como patrimônio imaterial da comunidade, faz com que as memórias e as tradições que fizeram da cidade o que ela é hoje não sejam esquecidas.

A questão inicial, relativa à importância da relação acervo/patrimônio/memória e, nela, o *corpus* do vernáculo de Ibicoara, da região da Chapada Diamantina, como acervo e patrimônio imaterial da comunidade, pode ser, de pronto, respondida ao longo dessa dissertação. Através das narrativas retiradas do *corpus* foi possível resgatar as memórias dos moradores e reconstituir a história de Ibicoara em diversos aspectos, devolvendo à comunidade uma história fundamentada em suas próprias e valiosas lembranças.

O que se pode concluir é que através deste *corpus* linguístico novas pesquisas podem ser construídas. Abordamos aspectos da memória e sua salvaguarda como elemento essencial na construção identitária de um grupo social, mas pode-se fazer ir além com estudos voltados para questões específicas de um grupo, como a relação de gênero, questões econômicas e sociais de maneira geral, analisando, nas entrelinhas da memória, aspectos, até mesmo ideológicos, que persistiram ao longo dos tempos.

## Referências

ANDRADE, Mário. **O Turista Aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF : Iphan, 2015.

BORBATO, Luis Fernando Tosta. **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA: necessidade e contexto**. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun - 2014.

BOSI, Ecléia. **O Tempo Vivido da Memória: Ensaios de psicologia social** – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Lei nº. 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto E Nascimento Domiciliar Assistidos Por Parteiras Tradicionais**. O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

CANCLINI, N. G.. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do Nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e artístico Nacional, Brasília, n 23. p. 95-115, 1990.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: Conceitos, políticas instrumentos** / Leonardo Barci Castriota – São Paulo: Belo Horizonte: Anablume: IEDS, 2009. p. 379.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil: Estado da Arte**. P. 11-36. UNESCO, Educarte, 2008.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, Ed UNESP, estação liberdade, 2001.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativas: tempo, memória e identidades**. História Oral, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf)>, acesso 09 de dezembro de 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília de Souza (organizadora). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 28. ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FEDERAL, Constituição. *Artigo 215*. Disponível e <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao\\_Federal\\_art\\_215.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_215.pdf)>. Acesso dia 03 de julho de 2022 às 13 horas e 30 minutos.

FEDERAL, Constituição. *Artigo 216*. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao\\_federal\\_art\\_216.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf)>. Acesso dia 03 de julho de 2022 às 13 horas e 58 minutos.

FERREIRA, Felipe de Moraes. **Escrita da Nação: A Construção do Mito Inconfidente**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal – RN, 2013.

FUENZALIDA, Maria Paz Josetti. **A trajetória do patrimônio cultural imaterial: política de proteção e formação de um discurso** / Maria Paz Josetti Fuenzalida ; orientadora Mariza Veloso Motta Santos. -- Brasília, 2018. 164 p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio Como Categoria do Pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

GRAMMONTE, Ana Maria de. **A construção do conceito de patrimônio histórico: restauração e cartas patrimoniais**. *Revista de turismo e patrimônio cultural* - Passos - Vol. 4 Nº 3 págs. 437-442. 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Narrativas, Patrimônio Digital e Preservação da Memória no Facebook**. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 123-146, agosto 2017. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p123. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3600> . Acesso em: 10 de março de 2022

IPHAN. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.

IPHAN. **Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil: Uma Trajetória**. SPHAN/Pró-Mamória, Brasília, 1980.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1982

LOPIS, Erivania Azevedo. **Patrimônio histórico cultural: preservar ou transformar? uma questão conflituosa**. *Revista Mosaico* – Volume 8 – Número 12 – 2017.

MARINS, Paulo César Garcez. **Trajetórias de preservação do patrimônio cultural paulista**. Terra Paulista: trajetórias contemporâneas. Tradução . São Paulo: IMESP: CENPEC, 2008. Disponível em <[https://www.academia.edu/40832680/Trajeto%C3%B3ria\\_de\\_Preserva%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/40832680/Trajeto%C3%B3ria_de_Preserva%C3%A7%C3%A3o)>

[o\\_do\\_patrim%C3%B4nio\\_cultural\\_paulista](#)> Acesso em: 23 agosto 2022

OLIVEIRA, Tiago Soares de. **A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral**. Revista Letras, Curitiba, v.19, n. 25, p. 01-18, jan./jun. 2017.

PAZ, Francisco de Moraes. **Na poética da história: a revitalização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba: UFPR, 1996.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>> acesso no dia 03 de outubro de 2022

QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. **O Patrimônio Cultural Imaterial e a força normativa da Convenção para (da) Humanidade**. Cadernos Nauti: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 14-37, jul-dez 2020. Semestral.

ROCHA, Gilmar. **Cultura Popular: Do Folclore ao Patrimônio**. Mediações • v. 14, n.1, p. 218-236, Jan/Jun. 2009.

SANTOS, José Luiz dos, 1949- **O que é cultura / José Luiz dos Santos**. São Paulo : Brasiliense, 2006 - (Coleção primeiros passos; 110).

SANTOS, André Felipe Pereira Reid dos; LOPES, Mykaella Alvarintho; SILVA, Gabriela Lacerda Andrade da. **Patrimônio cultural, identidade social e poder: um estudo de caso da estação ferroviária leopoldina, em argolas, vila velha – es. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.60, p. 286 - 315, Dez. 2021.**

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos.. S. **O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado**. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa v. 19, n. 19, 2002. Disponível em <<https://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370>> acesso em 18 de agosto de 2022.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Annablume: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Mano le, 2004.

SCIFONI, Simone. **A natureza desigual do patrimônio cultural e outras perspectivas**. Imprensa da Universidade de Coimbra, disponível em <[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/43436/1/A\\_natureza\\_desigual\\_do\\_patrimonio.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/43436/1/A_natureza_desigual_do_patrimonio.pdf)>. acesso dia 04 de julho de 2022 às 15 horas e 20 minutos.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar (org.) et al. **Parteiras Tradicionais: Conhecimentos Compartilhados, Práticas E Cuidado Em Saúde**. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Série Saúde & Amazônia, v.11). E-book (PDF; 12 Mb). ISBN 978-65-87180-23-6.

SENHORA, Diocese de Livramento de Nossa. **Paróquia De São Bento De Ibicoara (1967)**. Disponível em: <https://diocesedelivramento.org/paroquia-sao-bento-de-ibicoara-1967/>. acesso dia 04 de julho de 2023 às 15 horas e 05 minutos.

SIRQUEIRA, Andressa Marques. **A Conservação do Patrimônio Cultural Imaterial em sua Relação com os usos dos bens naturais: uma análise a partir das experiências de salvaguarda da Roda de Capoeira e do Samba de Roda**. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental - Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. Orientadora: Silvia Helena Zanirato - São Paulo, 2019.

THOMPSON, Ana Lucia. **Memórias do patrimônio**: Entrevista com Judith Martins. IPHAN/DAF/Copedoc, Rio de Janeiro 2009.

UNESCO. **Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**. disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploadsckfinderarquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>. Acesso dia 05 de julho de 2022 às 14 horas e 55 minutos.

ZANIRATO, Silvia Helena. **Patrimônio para todos: Promoção e difusão do uso público do patrimônio cultural e na cidade histórica**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 78.

## ANEXOS

### ANEXO 1



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
 Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98  
 Campus de Vitória da Conquista  
 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP /UESB

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Prezado (a) senhor (a),

Eu, Warley José Campos Rocha, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista– BA, estou realizando a pesquisa **“Construção do Corpus Oral de Ibicoara- BA: incursões (sócio)linguísticas no Parque Nacional da Chapada Diamantina”**.

Para a realização dessa pesquisa, preciso de participantes com escolaridade nula ou com até 5 (cinco) anos de escolarização, com o Ensino Fundamental completo e participantes com mais de 11 (onze) anos de escolaridade na cidade de Ibicoara – BA. Então, convido o(a) senhor(a) para participar da pesquisa. Trata-se uma pesquisa que tem a sua importância em função de, através dela, ser possível registrar o vernáculo dos participantes na comunidade de fala de Ibicoara-BA.

Ao concordar com a participação na pesquisa, o (a) senhor (a) deverá estar à disposição para conceder uma entrevista, de aproximadamente uma (01) hora em local e data a serem combinados com o (a) participante entrevistador (a).

Durante a realização da entrevista, não existirá qualquer risco de desconforto (ou constrangimento). Mas, se, por algum motivo, o (a) senhor (a) se sentir desconfortável, poderá deixar de participar desta pesquisa a qualquer instante em que sinta essa vontade. Sua participação é voluntária e livre de qualquer forma de remuneração (custo), assim, se quiser desistir a qualquer momento do estudo, o (a) senhor (a) poderá sem qualquer prejuízo e/ou penalidades.

Com relação à entrevista, informo que os registros da sua participação nesse estudo serão mantidos em sigilo. Em nossa pesquisa, os registros de cada pessoa serão guardados e, somente o(a) pesquisador(a) responsável e colaboradores terão acesso às informações mais gerais. Informações, como nome e endereço, serão mantidas em absoluto sigilo e, em momento posterior, descartadas, permanecendo apenas as iniciais do nome. Se qualquer relatório ou publicação resultar deste trabalho, a identificação do participante não será revelada, apenas as iniciais do nome serão utilizadas.

Se o (a) senhor (a) quiser ou precisar de mais informações sobre esta pesquisa, pode entrar em contato comigo, Warley José Campos Rocha, \_\_\_\_\_ (Endereço).

Se o (a) senhor (a) aceitar participar livremente deste estudo, por favor, assine este termo de consentimento em duas vias.

Eu, \_\_\_\_\_, informado (a) dos objetivos do estudo de maneira clara e detalhada, esclarecido(a) de que posso, a qualquer momento, pedir novas informações ou desistir de participar se assim eu desejar, recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e declaro aceitar livremente

participar da pesquisa “Construção do Corpus Oral de Ibicoara- BA: incursões (sócio)linguísticas no Parque Nacional da Chapada Diamantina”, desenvolvida pelo pesquisador Warley José Campos Rocha e colaboradores.

Assinatura do

Participante \_\_\_\_\_

Assinatura do

Pesquisador \_\_\_\_\_

*Warley José Campos Rocha*

Ibicoara – BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## ANEXO 2



**Construção do Corpus Oral de Ibicoara- BA: Incursões (Sócio)linguísticas no Parque Nacional da Chapada Diamantina**  
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**  
**Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo e Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica - CNPq**

**ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA** Abaixo, seguem sugestões de perguntas, topicalizadas por tema, que podem ser feitas na entrevista com o informante selecionado através do Perfil Social. É importante que: (1) sejam realizadas previamente a leitura e a seleção das perguntas; e (2) quando necessário e desejado, as perguntas sejam reformuladas pelo entrevistador ou para adequar melhor ao perfil do informante (percebido por meio da Ficha Social) ou por perceber que, na entrevista, outras possibilidades de abordagem surgiram. A todo momento da entrevista, o entrevistador deve permanecer atento à fala do entrevistado. Além de interferir pouco e deixar o entrevistado falar livremente.

### Infância:

1. Como foi a sua infância?
2. Você se lembra de alguma história interessante que tenha acontecido com você na sua infância? Ou você se lembra de alguma história interessante na sua infância com você, com sua família ou com alguém conhecido?
3. Como eram as brincadeiras na sua infância?
4. O que você acha das brincadeiras de sua época em relação às brincadeiras de hoje?
5. Na sua opinião, as crianças sempre se divertem independentemente do tipo de brinquedo, sempre se adaptam? Ou as crianças eram mais felizes antes que hoje ou o



contrário disso são mais felizes hoje, porque têm mais recursos, do que antes? 6. No Brasil e na própria região onde moramos, há crianças que trabalham desde cedo. Você conhece alguém nessa situação?

7. O que você acha disso?

### **Localidade - bairro/ rua**

1. Você sempre morou nesse bairro/comunidade?
2. Você acha bom morar aqui? Por quê?
3. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
4. Como é que é morar nesse bairro? É movimentado ou tranquilo? Você preferiria que fosse como?
5. E a vizinhança? Como ela é?

### **Localidade – cidade**

1. O que você acha de morar em Ibicoara? Por quê?
2. Você falou que gosta (ou que não gosta) de festa. O que você costuma fazer no período das festas?
3. Você falou que gosta (ou que não gosta) de São João. O que você costuma fazer nesse período?
4. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
5. O que você acha do clima daqui? Você gosta ou não? Por quê?
6. E os ibicoarenses? O que você acha das pessoas que moram aqui? 7. Quando você viaja e passa um tempo fora, quando volta tem saudades de quê? Por quê?

### **Profissão:**

1. Você trabalha em quê?
2. O que você faz no seu trabalho? Conte a sua rotina, um dia de trabalho. 3. É essa sua profissão?
4. Você tem vontade de trabalhar em outra coisa ou em outro lugar? Por quê? 5. Como foi a experiência para você do primeiro emprego?
6. Se fosse para você escolher hoje uma profissão, qual você escolheria? Por quê? 7. Você se lembra de algum fato interessante ocorrido no seu trabalho?

### **Escola:**

1. Onde você estuda? Tem quanto tempo que estuda lá?
2. Quais foram os motivos que impediram/ que dificultaram que você estudasse? 3. Você gosta da escola? Por quê?
4. Você teve vontade de estudar?
5. Você acha o estudo interessante e importante? Por quê?
6. O que você acha da educação em Ibicoara?
7. Você vê diferença na educação de hoje e na educação de antes? Em que são diferentes?
8. Você se lembra de alguma história interessante que aconteceu na escola? 9. Qual é a disciplina que você mais gosta? Por quê?
10. Se você pudesse retirar uma disciplina da escola, qual você retiraria? Por quê? 11. Você pensa em fazer vestibular? Para quê?

12 Quais os motivos que contribuíram para você escolher esse curso? 13 O que você mais gosta (ou mais gostava) na escola?

### **Família:**

1. Como é a sua família? Você tem quantos irmãos?
2. Como é que são seus pais? Fale um pouco sobre eles.
3. Como é que são seus irmãos? Onde moram? O que fazem?
4. Vocês passavam muito tempo juntos na infância? O que vocês faziam juntos?
5. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família?
6. Lembra de alguma viagem? Conte.
7. Você tem filhos? Como é o seu relacionamento com eles?
8. O que você acha que faz por eles que seus pais não fizeram com você?
9. Você é casado (a), tem namorado (a)? Como vocês se conheceram?

### **Lazer:**

1. O que você costuma fazer em Ibicoara nos finais de semana? Você costuma sair? Para onde?
2. O que costuma fazer nesse lugar?
3. Você disse que gosta de cinema/série/ novela. Tem algum (a) filme/novela/série em especial que tenha marcado você? Que você goste mais? Qual?
4. Conte um pouco a história dele (a).
5. O que você acha das opções de lazer em Ibicoara?
6. O que você acha que poderia melhorar?
7. Qual é a sua diversão preferida?
8. Qual é o estilo de música que você mais gosta? Por quê?
9. O que você acha dessas músicas atuais?
10. Qual é a sua religião? Fale um pouco a respeito dela.
11. Com relação à religiosidade, a sua família também pensa com você?
12. Costuma ler livros? Lembra de algum que tenha lido? Conte a história.

### **Pessoais:**

1. Estudar e trabalhar para você são difíceis de conciliar? Por quê?
2. O que você acha da sua forma de falar? Por quê?
3. Você mudaria alguma coisa no seu jeito de falar?
4. Você acha que todos os brasileiros falam da mesma forma? Por quê?
5. Você conhece alguém que fala diferente de você? Como é essa diferença?
6. Você já teve alguma doença mais séria? Qual foi?
7. Você já esteve diante evento de morte de uma pessoa querida? Como foi?
8. Como você se sentiu?
9. Você já fez algo que se arrependeu depois? Conte.
10. O que mais magoa você?
11. Você tem algum sonho? Conte.
12. Se tivesse um cargo tipo presidente da república o que faria de imediato? Por quê?
13. O que você gostaria de ver publicado na manchete de um jornal?
14. Você gosta de novelas? Quantas costuma assistir diariamente? Qual é a que mais gosta na atualidade? Por quê?

15. Ao ler revistas, o que procura nas mesmas? Qual é o seu maior interesse nas revistas?
16. E futebol? Qual é o seu time? Gosta de assistir aos jogos pela televisão ou rádios? Por quê?
17. Costuma ir a estádios?
18. Como é assistir a um jogo em um estádio?
19. Costuma viajar nas férias?
20. Há algum lugar específico que sempre vai ou escolhe lugares diferentes? 21. O que você procura fazer quando viaja? Geralmente, qual é o motivo que o faz viajar: férias, ver amigos, visitar parentes, trabalhar, participar de eventos? 22. E esse São João? O que você fez nesse São João?
23. Tem planos para as próximas férias? Quais?
24. Estamos em (outubro), como foi esse ano para você?
25. O que está achando da pandemia do Covid-19?
26. O que você está achando das eleições municipais esse ano?

### ANEXO 3



**Construção do Corpus Oral de Ibicoara- BA:  
Incursões (Sócio)linguísticas no Parque Nacional da  
Chapada Diamantina  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo e Grupo  
de Pesquisa em Linguística Histórica - CNPq**

#### FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Número: \_\_\_\_\_ Data : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Entrevistador:  
\_\_\_\_\_ Local / Bairro : \_\_\_\_\_

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Endereço: \_\_\_\_\_

3. Telefone(s) para contato: \_\_\_\_\_

4. Data de nascimento: \_\_\_\_\_

5. Naturalidade: \_\_\_\_\_

6. Oriundo da: ( ) Zona urbana ( ) Zona rural

7. Há quanto tempo você (senhor(a)) mora nesse bairro?  
\_\_\_\_\_

8. Qual é a naturalidade dos seus pais? (Preferência por pais naturais de Ibicoara-BA)

PAI: \_\_\_\_\_

MÃE: \_\_\_\_\_

9. Há quanto tempo seus pais moram em Ibicoara?

\_\_\_\_\_

10. Você estuda?

sim

não

nunca estudou

11. Qual a série? \_\_\_\_\_

12. Até que série estudou? \_\_\_\_\_

13. Por que não continuou os estudos? \_\_\_\_\_

14. Você trabalha?  sim  não 15. Em quê? \_\_\_\_\_

16. É essa a sua profissão?  sim  não

17. Você tem uma outra profissão?  sim  não

18. Qual é a sua profissão? \_\_\_\_\_

20. Você se sustenta sozinho(a)?  sim  não

21. Você recebe ajuda financeira de quem?

família

outros (quem?) \_\_\_\_\_

22. Qual a sua renda mensal aproximada (ou renda familiar) Renda individual : \_\_\_\_\_

Renda familiar : \_\_\_\_\_

23. Além de você, quantas pessoas moram em sua casa?

\_\_\_\_\_

24. Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

parente (s) (indicar) : \_\_\_\_\_

não parente (indicar): \_\_\_\_\_

25. Você costuma ver TV?  sim  não

26. Qual (is) programa(s) assistidos por você?

novela Quais? \_\_\_\_\_

notícias Quais? \_\_\_\_\_

esportes Quais? \_\_\_\_\_

outros Quais? \_\_\_\_\_

27. Você acompanha alguma novela? Qual (quais)?

---

28. Você costuma ouvir rádio? ( ) sim ( ) não

29. Em que horário você ouve? \_\_\_\_\_

30. Qual(is) é/são o(s) programa(s) ouvido(s) por você?

---

31. Em média, quanto tempo do se dia você passa:

a) assistindo TV \_\_\_\_\_

b) ouvindo rádio \_\_\_\_\_

32. Você lê jornal?

( ) sim, diariamente ( ) não ( ) de vez em quando

33. Qual (is) jornal (is)? \_\_\_\_\_

34. Quais são as partes do jornal que você mais tem interesse?

---

35. Você gosta de ler revistas? ( ) sim ( ) não

36. Qual (is) revista (s)? \_\_\_\_\_

37. Você costuma usar a internet? ( ) sim ( ) não

38. Quanto tempo você costuma usar por dia? \_\_\_\_\_

39. O que você costuma acessar (ver) na internet?

---

40. Você costuma assistir a filmes/séries?

( ) sempre

( ) não

( ) de vez em quando

41. Qual tipo de filme/série você prefere?

( ) romance

( ) comédia

( ) drama

( ) suspense

( ) ação

( ) documentário

( ) outros

42. Você se lembra de algum filme e/ou série em especial?

---

---

---

---

43. Qual a sua diversão favorita? \_\_\_\_\_

44. Você gosta de festa? ( ) sim ( ) não

45. Qual é a sua festa preferida? \_\_\_\_\_

46. Você gosta de São João? ( ) sim ( ) não

47. Você gosta do Natal ( ) sim ( ) não

48. Você gosta de alguma da(s) festa(s) no dia do aniversário da cidade?

---

49. Você gosta de futebol? ( ) sim ( ) não

50. Qual time? \_\_\_\_\_

51. Você tem alguma religião? ( ) sim ( ) não

52. Qual é a sua religião? \_\_\_\_\_

53. Você é uma pessoa que

- ( ) nunca sai de Ibicoara
- ( ) só sai a negócio
- ( ) sempre sai para passear

54. Quando sai, passa muito tempo fora da cidade?

- ( ) menos de um mês
- ( ) mais de um mês ( especificar)

55. O que você mais gosta(aprecia) em Ibicoara?

---

56. Você costuma fazer trilhas? ( ) sim ( ) não

57. Quais cachoeiras do município você conhece?

---

---

---

---

58. Você trabalha ou já trabalhou na colheita de café? ( ) sim ( ) não Atitude:

Receptivo/Extrovertido ( ) Refratário/Introvertido ( )

A IMPORTÂNCIA DESSA FICHA É:

- CONTRIBUIR PARA A SELEÇÃO DOS INFORMANTES DESEJADOS NA PESQUISA;
- CONTRIBUIR PARA A ELABORAÇÃO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA.
- O ENTREVISTADOR DEVERÁ PREENCHER ESSA FICHA E NUNCA O ENTREVISTADO

Por meio da Ficha Social, foi possível perceber que os assuntos abaixo relacionados são do interesse do informante:

---

---

---

---